

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

RENITA DE CÁSSIA DOS SANTOS FREITAS

**VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO ENTRE HOMENS GAYS:
CARACTERIZAÇÃO, ASSOCIAÇÕES COM ESTRESSE DE MINORIAS
E AVALIAÇÃO DA VIABILIDADE DE UMA
INTERVENÇÃO EM GRUPO**

São Carlos - SP

2026

RENITA DE CÁSSIA DOS SANTOS FREITAS

**VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO ENTRE HOMENS GAYS:
CARACTERIZAÇÃO, ASSOCIAÇÕES COM ESTRESSE DE MINORIAS
E AVALIAÇÃO DA VIABILIDADE DE UMA
INTERVENÇÃO EM GRUPO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (PPGPsí - UFSCar) como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestra em Psicologia.

Área de concentração:

Comportamento Social e Processos Cognitivos

Orientação:

Prof. Dr. Fabiano Koich Miguel

Coorientação:

Profa. Dra. Sabrina Mazo D’Affonseca

São Carlos - SP

2026

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da discente Renita de Cássia dos Santos Freitas, realizada em 06/03/2026.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Fabiano Koich Miguel (UFScar)

Profa. Dra. Luísa Fernanda Habigzang (PUC - RS)

Profa. Dra. Monalisa Muniz Nascimento (UFScar)

Freitas, Renita de Cássia dos Santos

Violência por parceiro íntimo entre homens gays:
Caracterização, associações com estresse de minorias e
avaliação da viabilidade de uma intervenção em grupo /
Renita de Cássia dos Santos Freitas -- 2026.
155f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São
Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Fabiano Koich Miguel

Banca Examinadora: Luíza Fernanda Habigzang,
Monalisa Muniz Nascimento

Bibliografia

1. Psicologia social. 2. LGBTQ+. 3. Violência
interpessoal. I. Freitas, Renita de Cássia dos Santos. II.
Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

Apoio



Os estudos desenvolvidos nesta dissertação foram financiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), por meio de bolsa de mestrado (processo nº 2023/07186-4).



Este trabalho contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), por meio do Programa de Excelência Acadêmica (PROEX), do qual faz parte o Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos.

Agradecimentos

Escrever estas linhas hoje

só foi possível graças à dedicação e ao afeto de muitas pessoas.

Meu primeiro agradecimento vai para a minha família de Lorena, em especial para minha mãe, Nair; meu pai, José; minha irmã Rita; minha sobrinha Sophia; meu sobrinho João; e minhas tias Oreti e Lurdinha. À família de Taubaté, agradeço ao meu namorado, André, e também à sua mãe, ao seu pai e às suas irmãs.

Às amigas que perpassam diferentes períodos da minha vida, deixo aqui minha gratidão. Da adolescência, agradeço ao Willyan e ao Rodrigo. Em São Carlos, citar todas seria uma tarefa difícil, mas deixo registrados o Moisés — minha dupla de dois — e o Bruno. Também faço uma menção especial àquelas pessoas que foram importantes para o desenvolvimento da minha trajetória em pesquisa e deste trabalho desde o início: Weslen e Jéssica. Durante o mestrado, agradeço ainda à Mila e ao André pela companhia ao longo desse percurso.

Ao Departamento de Psicologia da UFSCar, pela formação e pelo compromisso com a produção de conhecimento, agradeço especialmente às professoras Rachel, Lisa, Luciana e Deisy, e ao professor João.

Ao professor Fabiano, por me apresentar indiretamente ao livro *Emocionário* durante sua disciplina sobre Emoções e Inteligência Emocional — um daqueles livros que dá vontade de ler novamente como se fosse a primeira vez.

À professora Sabrina, pelo acompanhamento ao longo dos últimos anos, desde a graduação até a pós-graduação, pelas sugestões generosas e também pelas conversas de corredor.

À professora Luísa, por ter aceitado dedicar seu tempo e seu conhecimento em prol do aperfeiçoamento deste trabalho. Seu trabalho admirável e seu compromisso com a pesquisa e a formação acadêmica são uma grande inspiração para mim.

À professora Monalisa, por ter aceitado compor a comissão avaliadora deste trabalho e por também fazer parte da minha trajetória desde a graduação, seja nas aulas, no estágio ou nas conversas do dia a dia.

Ao grupo de pesquisa em Inteligência Emocional, pelas trocas e aprendizados ao longo desse caminho. De modo especial, agradeço a quem tive a oportunidade de colaborar em diferentes momentos: Fernanda, Fillipe, Melissa e Victória.

Às muitas pessoas que encontrei ao longo desta pesquisa: as conhecidas e as desconhecidas, aquelas que foram tocadas pelo tema, as que passaram a compreender sua relevância, as que ajudaram na divulgação e todas que demonstraram interesse pela temática.

Aos participantes: aos que responderam ao formulário, aos que iniciaram e não puderam concluir por diferentes razões e, em especial, àqueles que participaram da intervenção, pela disponibilidade, dedicação e coragem de compartilhar experiências, anseios, aprendizados e risadas ao longo das quatro semanas.

À minha psicóloga, Camila, por me ajudar a construir um espaço onde possa me sentir confortável e acolhida com quem eu sou.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, por tornar possível a realização deste trabalho e por abrir novos caminhos para meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Ao preto velho que sabiamente aconselhou:

A árvore não cresce da noite para o dia,

tem o tempo da semente,

do crescer,

do florescer e

de dar frutos.

RESUMO

Esta dissertação investigou a violência por parceiro íntimo (VPI) em relacionamentos entre homens gays no Brasil, articulando dois estudos complementares: um levantamento quantitativo transversal voltado à caracterização da VPI e às suas associações com indicadores de estresse de minoria; e um segundo estudo dedicado à avaliação da viabilidade de uma intervenção remota de prevenção secundária, conduzida por meio de uma abordagem de métodos mistos. O primeiro estudo contou com a participação de 60 homens gays adultos residentes no Brasil (*Idade* = 35 anos), majoritariamente cisgêneros e provenientes da região Sudeste. Foram utilizados a Escala Tática de Conflitos Revisada (CTS-2) e o Protocolo de Estresse de Minoria, que avalia a homonegatividade internalizada, revelação da orientação sexual e experiências de estigma. Realizaram-se análises descritivas e correlacionais. Observou-se elevada prevalência de envolvimento em VPI no último ano, com 80% dos participantes relatando vitimização e 63,33% relatando perpetração. A violência psicológica foi a mais frequente, seguida pelas formas sexual e física. Evidenciou-se forte bidirecionalidade nas dinâmicas relacionais. Experiências de estigma apresentaram associações mais consistentes com diferentes modalidades de VPI, enquanto homonegatividade internalizada e revelação da orientação sexual não se associaram diretamente ao desfecho. O segundo estudo, de delineamento quase-experimental e método misto, envolveu o desenvolvimento, implementação e avaliação de viabilidade de uma intervenção em grupo no formato remoto. Orientado pelos critérios de Bowen et al. (2009), examinou aceitabilidade, implementação e praticidade. A intervenção, composta por encontros síncronos online e atividades assíncronas, abordou reconhecimento da violência, estresse de minoria, regulação emocional e comunicação assertiva. Dados quantitativos exploratórios e qualitativos (diários de campo e relatos dos participantes) foram analisados de forma integrada. Os resultados indicaram níveis satisfatórios de aceitabilidade e viabilidade, com sugestões de ampliação do número de encontros. Ao integrar estimativas nacionais de prevalência com a avaliação de uma proposta interventiva afirmativa, esta dissertação contribui para o avanço de estratégias preventivas sensíveis às especificidades psicossociais e contextuais que atravessam as relações íntimas entre homens gays no Brasil.

Palavras-chave: violência por parceiro íntimo; homens gays; LGBTQ+; estresse de minoria; homonegatividade internalizada; experiências de estigma; bidirecionalidade; estudo transversal; métodos mistos; prevenção secundária; intervenção; estudo de viabilidade.

RESUMEN

Esta disertación investigó la violencia de pareja íntima (VPI) en relaciones entre hombres gays en Brasil, articulando dos estudios complementarios: un estudio cuantitativo transversal orientado a la caracterización de la VPI y a sus asociaciones con indicadores de estrés de minoría; y un segundo estudio dedicado a la evaluación de la viabilidad de una intervención remota de prevención secundaria, realizada mediante un enfoque de métodos mixtos. El primer estudio contó con la participación de 60 hombres gays adultos residentes en Brasil (Edad = 35 años), mayoritariamente cisgénero y provenientes de la región Sudeste. Se utilizaron la Escala Revisada de Tácticas de Conflicto (CTS-2) y el Protocolo de Estrés de Minoría, que evalúa la homonegatividad internalizada, la revelación de la orientación sexual y las experiencias de estigma. Se realizaron análisis descriptivos y correlacionales. Se observó una alta prevalencia de involucramiento en VPI en el último año, con un 80% reportando victimización y un 63,33% reportando perpetración. La violencia psicológica fue la forma más frecuente, seguida de la violencia sexual y física. Se observó una fuerte bidireccionalidad en las dinámicas relacionales. Las experiencias de estigma presentaron asociaciones más consistentes con las distintas modalidades de VPI, mientras que la homonegatividad internalizada y la revelación de la orientación sexual no se asociaron directamente con este desenlace. El segundo estudio, de diseño cuasi-experimental y métodos mixtos, implicó el desarrollo, la implementación y la evaluación de la viabilidad de una intervención grupal en formato remoto. Guiado por los criterios de Bowen et al. (2009), examinó la aceptabilidad, la implementación y la practicidad. La intervención, compuesta por encuentros grupales síncronos en línea y actividades asíncronas, abordó el reconocimiento de la violencia, el estrés de minoría, la regulación emocional y la comunicación asertiva. Los datos cuantitativos exploratorios y los datos cualitativos (diarios de campo y relatos de los participantes) fueron analizados de manera integrada. Los resultados indicaron niveles satisfactorios de aceptabilidad y viabilidad, con sugerencias de ampliar el número de encuentros. Al integrar estimaciones nacionales de prevalencia con la evaluación de una propuesta de intervención afirmativa, esta disertación contribuye al avance de estrategias preventivas sensibles a las especificidades psicosociales y contextuales que atraviesan las relaciones íntimas entre hombres gays en Brasil.

Palabras clave: violencia de pareja; hombres gays; LGBTQ+; estrés de minoría; homonegatividad internalizada; experiencias de estigma; bidireccionalidad; estudio transversal; métodos mixtos; prevención secundaria; intervención; estudio de viabilidad.

ABSTRACT

This dissertation investigated intimate partner violence (IPV) in relationships among gay men in Brazil, integrating two complementary studies: a cross-sectional quantitative survey aimed at characterizing IPV and examining its associations with minority stress indicators, and a second study focused on assessing the feasibility of a remote secondary prevention intervention using a mixed methods approach. The first study included 60 adult gay men living in Brazil (*Mage* = 35 years), most of whom were cisgender and from the Southeast region. The Revised Conflict Tactics Scale (CTS-2) and the Minority Stress Protocol were used to assess internalized homonegativity, sexual orientation disclosure, and experiences of stigma. Descriptive and correlational analyses were conducted. A high prevalence of IPV involvement in the past year was observed, with 80% reporting victimization and 63.33% reporting perpetration. Psychological violence was the most frequent form, followed by sexual and physical violence. Strong bidirectionality was observed in relationship dynamics. Experiences of stigma showed more consistent associations with different forms of IPV, whereas internalized homonegativity and sexual orientation disclosure were not directly associated with this outcome. The second study, using a quasi-experimental mixed-methods design, involved the development, implementation, and feasibility evaluation of a remote group-based intervention. Guided by Bowen et al.'s (2009) feasibility framework, the study assessed acceptability, implementation, and practicality. The intervention consisted of synchronous online group meetings and asynchronous activities addressing IPV recognition, minority stress, emotional regulation, and assertive communication. Exploratory quantitative indicators and qualitative data (field notes and participant reports) were analyzed in an integrated manner. Findings indicated satisfactory levels of acceptability and feasibility, with recommendations for increasing the number of sessions. By integrating national prevalence estimates with the evaluation of an affirmative intervention proposal, this dissertation contributes to the advancement of preventive strategies that are sensitive to the psychosocial and contextual specificities shaping intimate relationships among gay men in Brazil.

Keywords: intimate partner violence; gay men; LGBTQ+; minority stress; internalized homonegativity; experiences of stigma; bidirectionality; cross-sectional study; mixed methods; secondary prevention; intervention; feasibility study.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	16
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	16
1.2 PROBLEMÁTICA.....	20
1.3 JUSTIFICATIVA.....	21
1.4 OBJETIVOS.....	22
1.5 METODOLOGIA.....	23
1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	24
2 VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO ENTRE HOMENS GAYS NO BRASIL: CARACTERIZAÇÃO E ASSOCIAÇÕES COM ESTRESSE DE MINORIAS.....	26
2.1 INTRODUÇÃO.....	28
2.3 MÉTODO.....	34
2.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	40
2.3.1 Caracterização geral de comportamento abusivo sofrido e perpetrado.....	41
2.3.2 Caracterização de comportamento abusivo sofrido e perpetrado por status de relacionamento.....	45
2.3.3 Estresse de minoria e dinâmicas bidirecionais da violência.....	48
2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
2.4.1 Implicações clínicas, preventivas e para políticas públicas.....	54
2.4.2 Limitações e direções futuras.....	57

REFERÊNCIAS.....	59
3 VIABILIDADE DE UM PROGRAMA REMOTO DE PREVENÇÃO SECUNDÁRIA DA VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO ENTRE HOMENS GAYS: DESENVOLVIMENTO E IMPLEMENTAÇÃO DE UMA INTERVENÇÃO EM GRUPO.....	66
3.1 INTRODUÇÃO.....	68
3.2 MÉTODO.....	75
3.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	91
3.3.1 Caracterização dos participantes e elementos contextuais das experiências relatadas.....	91
3.3.2 Sobre a Violência Entre Parceiros Íntimos.....	93
3.3.3 Sobre Estresse de Minorias.....	94
3.3.4 Sobre os aspectos de Inteligência Emocional: Percepção, Compreensão e Regulação Emocional.....	96
3.3.5 Sobre a satisfação dos participantes.....	100
3.3.6 Sobre os exercícios de fixação do conteúdo.....	103
3.4 DISCUSSÃO GERAL.....	104
3.4.1 Critérios metodológicos: aceitabilidade, implementação e praticidade.....	105
3.4.2 Intersecções sobre Violência entre Parceiros Íntimos, Estresse de Minoria e Inteligência Emocional.....	107
3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS.....	113
4 CONCLUSÕES GERAIS.....	120

Referências da apresentação e da conclusão	125
ANEXO I - Roteiro	130
ANEXO II - Questionário de Revisão do Conteúdo.....	133
ANEXO III - Conteúdo e procedimentos das sessões de intervenção.....	147

1 APRESENTAÇÃO

1.1 Contextualização

A violência por parceiro íntimo (VPI) é reconhecida como um problema global de saúde pública e de direitos humanos, com impactos significativos na saúde física, mental e social das pessoas envolvidas (Minayo, 2006, 2013). Segundo a Organização Mundial da Saúde, a VPI integra o conjunto das violências interpessoais e refere-se a ações ou omissões que resultam em danos físicos, sexuais ou psicológicos no contexto de relações afetivo-sexuais (Krug *et al.*, 2002). Historicamente, os estudos e as políticas públicas sobre violência nas relações íntimas foram organizados a partir de um modelo centrado na dinâmica homem agressor e mulher vítima, em relações heterossexuais. Embora esse enfoque tenha sido fundamental para o enfrentamento da violência contra a mulher, ele contribuiu para tornar menos visíveis outras configurações relacionais, especialmente aquelas formadas por pessoas do mesmo sexo e do mesmo gênero (Rodrigues *et al.*, 2010; Costa *et al.*, 2011; Rollè *et al.*, 2018; Decker *et al.*, 2018).

Pesquisas mais recentes indicam que pessoas LGBTQ+ vivenciam VPI em taxas semelhantes ou até superiores às observadas em casais heterossexuais. Estudos apontam que homens gays e homens que fazem sexo com homens apresentam níveis de exposição à VPI comparáveis ou superiores aos observados entre mulheres heterossexuais, além de consistentemente mais elevados do que aqueles registrados entre homens heterossexuais (Breiding *et al.*, 2013). No contexto deste trabalho, o termo gay refere-se a homens que sentem atração sexual por outros homens e se reconhecem como tal, podendo ser cis ou trans (Lopes *et al.*, 2021). Entre homens gays cis, a violência em relacionamentos íntimos é

considerada por alguns autores um dos principais riscos à saúde dessa população, ficando atrás apenas do HIV e do uso abusivo de álcool e outras substâncias (Lopes *et al*, 2021).

A violência entre homens gays é atravessada por múltiplos fatores de risco e proteção, que operam em diferentes níveis (Domingos, 2024). No plano individual, fatores como baixa autoestima, uso de álcool e outras substâncias, diferenças de renda, raça/cor e idade, histórico de violência na infância e estressores de minoria podem aumentar a vulnerabilidade à VPI. No nível relacional, destacam-se desequilíbrios de poder, ciúmes excessivo, dificuldades de comunicação, quebra de acordos sexuais e coabitação. Já no âmbito sociocomunitário, estigma, discriminação, normas de gênero rígidas, invisibilidade social e ausência de suporte institucional contribuem para a manutenção da violência. Por outro lado, fatores como autoestima elevada, autoeficácia, resiliência, satisfação conjugal, comunicação aberta, senso de pertencimento e suporte social atuam como elementos protetivos, evidenciando que a VPI resulta da interação entre dimensões individuais, relacionais e estruturais.

Apesar da relevância do fenômeno, a VPI entre homens gays permanece amplamente invisibilizada (Moreira, 2017; Martins, 2019; Ferrari *et al.*, 2021; de Souza & Beiras, 2024; Domingos, 2024). Parte desse silenciamento decorre de paradigmas teóricos baseados na dicotomia homem agressor e mulher vítima, que dificultam a compreensão da violência em relações do mesmo sexo e do mesmo gênero. Além disso, persistem mitos sociais, como a crença de que relações homossexuais seriam igualitárias ou de que homens não podem ser vítimas de violência íntima. Normas associadas à masculinidade hegemônica atravessam esse cenário. Ao longo da socialização masculina, muitos homens aprendem a suprimir emoções, negar vulnerabilidades e evitar pedidos de ajuda. Essa configuração tende a restringir o repertório emocional disponível, dificultando a identificação e a elaboração dos próprios estados afetivos, bem como impactando a forma como conflitos são vivenciados e gerenciados nas relações. Entre homens gays, tais normas podem operar de maneira ainda mais complexa,

uma vez que a vivência da sexualidade se entrelaça com expectativas de gênero e experiências de estigma.

A compreensão desse cenário também exige considerar o contexto histórico, político e institucional que marcou a trajetória dos direitos da população LGBTQ+ no Brasil. Nas últimas décadas, avanços importantes no reconhecimento dos direitos da população foram articulados entre movimentos sociais, produção científica e instituições do sistema de justiça (Quinalha, 2022). Diferentemente de outros países em que as mudanças ocorreram predominantemente pela via legislativa, grande parte das conquistas brasileiras foi consolidada por decisões do Poder Judiciário e por normativas de órgãos públicos, ampliando gradualmente o reconhecimento da diversidade sexual e de gênero como questão de cidadania, saúde e direitos humanos

Entre esses marcos, destacam-se a Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 01/1999, que proibiu práticas de patologização da homossexualidade no exercício profissional da psicóloga; o reconhecimento da união estável entre pessoas do mesmo sexo pelo Supremo Tribunal Federal em 2011; a regulamentação do casamento civil igualitário pelo Conselho Nacional de Justiça em 2013; o reconhecimento do direito à retificação de nome e gênero para pessoas trans sem necessidade de cirurgia ou decisão judicial em 2018; e a equiparação da LGBTfobia ao crime de racismo em 2019. Mais recentemente, diferentes normativas buscaram fortalecer a proteção e a promoção da saúde dessa população, incluindo a ampliação de direitos no sistema prisional, no sistema de justiça e nos serviços de saúde (Brasil, 2023).

No campo da saúde, merece destaque a Portaria GM/MS nº 756, de 21 de junho de 2023, que instituiu o Comitê Técnico de Saúde Integral da População LGBTQIA+ no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), reforçando o compromisso com a implementação da Política Nacional de Saúde Integral LGBT e com a redução das desigualdades em saúde

enfrentadas por essa população. Esses avanços representam conquistas significativas na promoção da cidadania e dos direitos humanos.

Apesar do reconhecimento jurídico nos últimos anos, a violência e a discriminação contra pessoas LGBTQ+ permanecem desafios relevantes no contexto brasileiro. Parte da compreensão desse cenário tem sido produzida por iniciativas da sociedade civil que buscam suprir lacunas históricas na produção de dados oficiais. Entre elas, destacam-se os relatórios anuais do Grupo Gay da Bahia (GGB), organização que há mais de quatro décadas monitora mortes violentas de pessoas LGBTQ+ no país, bem como os levantamentos realizados pelo Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+, iniciativa articulada por organizações como a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT) e a Acontece Arte e Política LGBTI+. Embora fundamentais para dar visibilidade ao fenômeno e subsidiar o debate público, esses relatórios também evidenciam a persistente insuficiência de sistemas oficiais de registro capazes de documentar de forma abrangente as violências motivadas por orientação sexual e identidade de gênero.

Dados recentes ilustram a magnitude do problema. Segundo o relatório do Grupo Gay da Bahia referente ao ano de 2025, uma pessoa LGBTQ+ foi vítima de morte violenta a cada 34 horas no Brasil, totalizando 257 no total. Paralelamente, a Pesquisa Nacional de Saúde de 2019, primeiro inquérito nacional a incluir informações sobre orientação sexual, identificou que pessoas LGB+ apresentavam 2,52 vezes mais chances de sofrer violência quando comparadas à população heterossexual, além de quase cinco vezes mais chances de relatar violência sexual (Vasconcelos et al., 2023). Recentemente, o Atlas da Violência passou a incorporar análises específicas sobre violência contra a população LGBTQ+ por meio das fichas de violências interpessoais do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), do Ministério da Saúde (MS).

Nesse contexto, embora importantes avanços legais e institucionais tenham ampliado o reconhecimento dos direitos da população LGBTQ+, a produção de conhecimento sobre violência nas relações íntimas entre homens gays permanece relativamente limitada. A escassez de dados específicos, associada à subnotificação, ao receio de discriminação nos serviços e à persistência de estigmas sociais, dificulta a compreensão do fenômeno e o desenvolvimento de estratégias de prevenção e intervenção adequadas. Investigar a violência por parceiro íntimo entre homens gays torna-se, portanto, fundamental para ampliar a visibilidade dessa problemática, fortalecer a produção científica nacional e subsidiar políticas públicas e práticas profissionais sensíveis às especificidades dessa população.

1.2 Problemática

A produção científica sobre violência por parceiro íntimo foi historicamente estruturada a partir de relações heterossexuais, o que contribuiu para avanços fundamentais no enfrentamento da violência contra a mulher, mas também produziu lacunas importantes na compreensão da violência em relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo e do mesmo gênero. Embora pesquisas internacionais tenham ampliado o debate ao incluir relações entre pessoas LGBTQIA+, no Brasil ainda são limitados os estudos empíricos que dimensionem a violência por parceiro íntimo entre homens gays e investiguem suas especificidades no contexto sociocultural nacional.

Além da necessidade de estimar a magnitude do fenômeno, permanecem questões relevantes sobre como indicadores de estresse de minoria — como experiências de estigma, homonegatividade internalizada e processos de revelação da orientação sexual — se articulam às dinâmicas de violência nessas relações. Soma-se a isso a escassez de intervenções preventivas avaliadas no país, especialmente em formatos que ampliem o acesso e considerem as particularidades dessa população.

Nesse contexto, coloca-se o problema central desta dissertação: como se caracteriza a violência por parceiro íntimo entre homens gays no Brasil e de que maneira ela se associa a indicadores de estresse de minoria? E em que medida é viável desenvolver e implementar uma intervenção remota em grupo direcionada a essa população?

1.3 Justificativa

Científica

Do ponto de vista científico, este estudo contribui para o avanço da literatura nacional sobre violência por parceiro íntimo em relações entre homens gays, um campo ainda marcado por lacunas empíricas e teóricas. Ao articular um estudo quantitativo transversal com um estudo de métodos mistos, a dissertação amplia a compreensão do fenômeno ao integrar diferentes níveis de análise.

Além disso, a incorporação de fatores psicossociais, como indicadores de estresse de minoria e inteligência emocional, oferece subsídios para a compreensão dos processos que atravessam a vivência da violência, contribuindo para o refinamento teórico e metodológico das pesquisas na área.

Social

Sob a perspectiva social, a violência por parceiro íntimo entre homens gays permanece amplamente invisibilizada, tanto no debate público quanto nos serviços de saúde e assistência. Essa invisibilidade pode contribuir para a subnotificação dos casos, o atraso na busca por ajuda e a manutenção de ciclos de violência.

Ao produzir dados sobre a caracterização de modalidades da violência entre parceiros íntimos e explorar experiências associadas a contextos relacionais e psicossociais, este estudo contribui para dar visibilidade às vivências de homens gays, subsidiando ações de

sensibilização, formação profissional e formulação de políticas públicas voltadas à promoção da saúde e dos direitos dessa população.

Prática e interventiva

No âmbito prático, a avaliação da viabilidade de uma intervenção em grupo remota de prevenção secundária da violência por parceiro íntimo representa uma contribuição relevante para o campo das práticas em saúde mental. A proposta de intervenção remota amplia o acesso a estratégias preventivas, especialmente para indivíduos que enfrentam barreiras geográficas, institucionais ou simbólicas para participar de ações presenciais.

Os resultados do estudo podem subsidiar o aprimoramento de programas preventivos, orientar futuras pesquisas de eficácia e informar práticas clínicas, comunitárias e psicoeducativas voltadas a homens gays, fortalecendo estratégias de cuidado baseadas em evidências e sensíveis às especificidades dessa população.

1.4 Objetivos

A dissertação tem como objetivo geral investigar a violência por parceiro íntimo entre homens gays no Brasil, articulando dois estudos. Sendo o primeiro, voltado à caracterização da VPI e suas associações com indicadores de estresse de minoria. O segundo, o desenvolvimento, a implementação e a avaliação da viabilidade de uma intervenção em grupo.

Os objetivos específicos incluem:

1. Caracterizar a violência por parceiro íntimo em homens gays no Brasil, considerando diferentes modalidades (psicológica, sexual e física);
2. Analisar associações entre a violência por parceiro íntimo e indicadores de estresse de minoria;

3. Descrever o processo de desenvolvimento e implementação de uma intervenção em grupo remota de prevenção secundária da violência por parceiro íntimo voltada a homens gays;
4. Avaliar a viabilidade da intervenção em grupo remota, considerando os critérios de aceitabilidade, implementação e praticidade;
5. Explorar as percepções e experiências dos participantes acerca da intervenção, a partir de dados produzidos no contexto do estudo.

1.5 Metodologia

A presente dissertação caracteriza-se como uma pesquisa empírica, de abordagem quantitativa e de métodos mistos, organizada no formato de artigos. A opção por diferentes delineamentos metodológicos busca contemplar tanto a dimensão descritiva e associativa da violência por parceiro íntimo quanto o desenvolvimento e a avaliação da viabilidade de uma proposta interventiva remota de caráter preventivo.

O estudo foi conduzido em dois momentos complementares. O primeiro consistiu em um estudo quantitativo, de delineamento transversal com coleta de dados realizada de forma *online*. O segundo estudo adotou uma abordagem de métodos mistos, combinando procedimentos quantitativos e qualitativos no contexto de desenvolvimento, implementação e avaliação da viabilidade da proposta interventiva.

Os resultados do primeiro estudo subsidiaram o planejamento e a estruturação do segundo, permitindo que a proposta interventiva fosse informada por dados empíricos acerca da frequência de violência por parceiro íntimo e de fatores psicossociais associados. As análises quantitativas envolveram procedimentos descritivos e correlacionais, enquanto os dados qualitativos foram examinados de forma exploratória, de acordo com os objetivos do estudo.

Os participantes foram homens cis gays adultos residentes no Brasil. Todos os procedimentos éticos foram respeitados, com aprovação por Comitê de Ética em Pesquisa e obtenção do consentimento livre e esclarecido dos participantes. As descrições detalhadas dos procedimentos metodológicos, instrumentos e análises encontram-se apresentadas nos respectivos estudos que compõem esta dissertação.

1.6 Estrutura do trabalho

Esta dissertação está organizada no formato de artigos.

O primeiro artigo apresenta um estudo quantitativo de delineamento transversal, com foco na caracterização de diferentes formas de violência por parceiro íntimo (VPI) em relações afetivo-sexuais entre homens gays no Brasil e suas associações com indicadores de estresse de minorias.

O segundo artigo descreve o desenvolvimento e a avaliação da viabilidade de uma intervenção grupal, utilizando uma abordagem de métodos mistos.

Por último, são apresentadas as conclusões, que integram os principais achados, limitações, direções para pesquisas futuras e considerações finais.

*“Eles não vão vencer
Baby, nada há de ser, em vão
Antes dessa noite acabar
Baby, escute, é a nossa canção
E flutua, flutua
Ninguém vai poder,
querer nos dizer como amar”*

Johnny Hooker e Liniker, *Flutua*

ARTIGO 1

Violência por parceiro íntimo entre homens gays no Brasil: caracterização e associações com estresse de minorias

Intimate Partner Violence among Gay Men in Brazil: Characterization and Associations with Minority Stress

Resumo: Este estudo visa caracterizar a violência nas relações afetivo-sexuais entre homens gays no Brasil e suas associações com indicadores de estresse de minoria. Trata-se de um estudo quantitativo, de delineamento transversal, realizado com uma amostra de 60 homens gays, com média de idade de 35 anos, majoritariamente cisgêneros e residentes na região Sudeste do país. Para a coleta de dados, foram utilizados a Escala Tática de Conflitos Revisada (CTS-2) e o Protocolo de Estresse de Minoria, que avalia a homonegatividade internalizada, revelação da orientação sexual e experiências de estigma. Os resultados indicaram elevado envolvimento em comportamentos abusivos no último ano, 80% dos participantes relataram vitimização e 63,33% perpetração. A violência psicológica foi a forma mais frequente, tanto na vitimização quanto na perpetração, seguida pela violência sexual e pela violência física. Observou-se forte bidirecionalidade nas dinâmicas relacionais, com a maioria dos participantes ocupando simultaneamente os papéis de vítima e agressor, o que reforça a natureza relacional da VPI entre homens gays. No que se refere ao estresse de minoria, os participantes apresentaram níveis moderados de homonegatividade internalizada e ampla variabilidade nos padrões de revelação da orientação sexual e nas experiências de estigma. As análises indicaram associações mais consistentes entre experiências de estigma e diferentes formas de violência, enquanto homonegatividade internalizada e revelação da orientação sexual não se associaram diretamente à VPI, sugerindo que os efeitos de estressores proximais podem operar de forma indireta ou mediada. Os achados tensionam

leituras lineares do modelo de estresse de minoria e apontam para a importância de abordagens analíticas que considerem simultaneamente fatores individuais, relacionais e estruturais. Ao sistematizar dados quantitativos nacionais sobre VPI entre homens gays, este estudo contribui para um campo ainda marcado por lacunas empíricas e oferece subsídios para o desenvolvimento de estratégias de prevenção, intervenção e políticas públicas sensíveis às especificidades dessa população.

Palavras-chave: Violência por parceiro íntimo; Estresse de Minoria; Homens Gays; Pesquisa quantitativa; Estudo transversal.

Abstract: This study examined the prevalence of intimate partner violence (IPV) in affective sexual relationships among gay men in Brazil and its associations with minority stress indicators. A quantitative cross sectional design was employed with a sample of 60 gay men, mean age 35 years, predominantly cisgender and residing in the Southeast region of the country. Data were collected using the Revised Conflict Tactics Scales and the Minority Stress Protocol, which assesses internalized homonegativity, outness, and experiences of sexual stigma. Findings indicated an involvement in abusive behaviors during the previous year. Overall, 80% of participants reported IPV victimization and 63.33% reported perpetration. Psychological violence was the most prevalent form in both victimization and perpetration, followed by sexual violence and physical violence. A strong bidirectional pattern was observed, with most participants occupying both victim and perpetrator roles, highlighting the relational and interactive nature of IPV among gay men. Regarding minority stress, participants reported moderate levels of internalized homonegativity and substantial variability in sexual orientation disclosure and experiences of stigma. Correlational analyses revealed more consistent associations between experiences of stigma and multiple forms of IPV, whereas internalized homonegativity and sexual orientation disclosure were not directly associated with violence. These results suggest that proximal minority stressors may exert

indirect or conditional effects on IPV through other psychosocial mechanisms. Taken together, the findings challenge linear interpretations of the minority stress model and underscore the importance of relational, contextual, and structural perspectives in understanding IPV among gay men. By providing national quantitative data from Brazil, this study addresses an empirical gap in a literature largely dominated by qualitative research. The results have implications for prevention strategies, clinical interventions, and public policies by emphasizing psychological violence, bidirectional dynamics, and social stigma. These findings highlight priorities for culturally responsive research, practice, and policy development.

Keywords: Same-sex intimate partner violence; Minority stress; Cross-sectional study; Quantitative research.

2.1 Introdução

A violência por parceiro íntimo (VPI) é um problema global de saúde pública, associada a desfechos negativos na saúde física, mental e social das pessoas envolvidas (Black, 2011; White et al, 2024). De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a VPI integra o conjunto das violências interpessoais e refere-se a ações ou omissões que resultam em danos físicos, sexuais ou psicológicos no contexto de relações afetivo-sexuais (Krug et al., 2002). A vitimização e/ou a perpetração dessas práticas podem ocorrer em vínculos atuais ou passados, envolvendo uma ou mais pessoas da relação, independentemente da orientação sexual, identidade de gênero ou configuração relacional.

Apesar da ampliação dos estudos sobre VPI desde o início dos anos 2000, aqueles voltados às minorias sexuais e de gênero, especialmente à população LGBTQ+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, pessoas *queer* e demais identidades de gênero e orientações sexuais), permaneceram proporcionalmente limitados quando comparados ao

volume de investigações centradas em relações heterossexuais (Rodrigues et al., 2010; Costa et al., 2011; Rollè et al., 2018; Decker et al., 2018). Essa disparidade na produção do conhecimento pode ser analisada à luz da heteronormatividade, um sistema de normas, discursos e práticas institucionais que naturaliza a heterossexualidade como modelo legítimo de relacionamento e organiza a forma como as relações afetivas são reconhecidas e reguladas por diferentes instituições sociais, como a família, a educação, a mídia, o direito e o Estado (Rubin, 1975; Warner, 2000; Rich, 2010; Shilt & Westbrook, 2009; Robinson, 2016). Nesse contexto, a violência entre parcerias íntimas LGBTQ+ tende a ser invisibilizada, subnotificada e insuficientemente explorada, o que limita a compreensão de suas manifestações e impactos específicos (Luz & Gonçalves, 2004; Costa et al, 2011; Russell, 2020; Silveira & Morais, 2025). Diante desse cenário, torna-se fundamental investigar a ocorrência da VPI entre homens gays, considerando as especificidades sociais e estruturais que atravessam suas experiências relacionais.

Ao longo de décadas, a VPI foi predominantemente investigada a partir de relações heterossexuais, com especial atenção à vitimização de mulheres heterossexuais, grupo historicamente identificado aos desfechos mais graves e ao maior risco de letalidade (White et al, 2024). Com a ampliação do escopo do campo, evidências internacionais passaram a demonstrar que a VPI também ocorre em relações homossexuais. As revisões sistemáticas e meta-análises indicam que homens gays e homens que fazem sexo com homens apresentam níveis de exposição à VPI comparáveis aos observados entre mulheres heterossexuais, além de consistentemente mais elevados do que aqueles registrados entre homens heterossexuais (Finneran & Stephenson, 2013; Badenes-Ribera et al., 2019; Liu et al., 2021). No entanto, essas estimativas variam amplamente em função dos instrumentos utilizados, das definições adotadas e dos contextos investigados.

Apesar da variabilidade da prevalência de VPI observada entre os estudos, há consenso quanto à violência psicológica como a forma mais frequente nas relações entre parceiros masculinos do mesmo gênero, seguida pela violência física e sexual (Finneran & Stephenson, 2013; Badenes-Ribera et al., 2019; Liu et al., 2021). Os dados populacionais apresentados no *National Intimate Partner and Sexual Violence Survey* de 2016/2017 nos Estados Unidos indicam que essas experiências tendem a ocorrer precocemente no curso da vida, com grande parte dessa população relatando a primeira vivência de vitimização antes dos 25 anos (Chen et al., 2023). As evidências sugerem que a exposição à VPI entre homens gays não se distribui de forma homogênea, sendo atravessada por marcadores sociais e de poder como raça, etnia, nacionalidade, classe socioeconômica, idade, nível de escolaridade, dentre outros. Nessa direção, uma abordagem interseccional contribui para compreender como diferentes sistemas de opressão operam de forma simultânea, relacional e mutuamente constitutiva, produzindo padrões diferenciados de vulnerabilidade e risco de vitimização em distintos contextos sociais (Collins, 2022).

Para além da descrição das prevalências, a literatura tem recorrido ao modelo de estresse de minoria para compreender os processos psicossociais associados à maior exposição de homens gays à violência por parceiro íntimo (VPI). Esse modelo se fundamenta na ideia de que pessoas pertencentes a minorias sexuais e de gênero estão expostas, de forma crônica, a estressores adicionais decorrentes do estigma social, que se somam aos estressores gerais da vida cotidiana (Frost & Meyer, 2023). Tais estressores podem ser classificados como distais, relacionados a experiências objetivas de discriminação, rejeição e violência, e proximais, que envolvem processos internalizados, como a expectativa de rejeição, a ocultação da orientação sexual e a homonegatividade internalizada. No contexto das relações íntimas entre homens gays, esses processos tendem a influenciar a forma como o poder é negociado, como conflitos são vivenciados e como comportamentos abusivos podem ser

percebidos, tolerados ou normalizados (Moreira, 2017; Martins, 2019; Ferrari et al, 2021; de Souza & Beiras, 2024; Domingos, 2024).

Nesse cenário, a literatura identifica estratégias específicas de controle nas relações entre homens gays, destacando-se o abuso de identidade (em inglês, *abuse identity*) como uma diferença na configuração e nos sentidos sociais das dinâmicas de controle, em comparação às relações heterossexuais cisgênero. Essa forma de violência refere-se ao uso do estigma social e de normas heterossexistas, homofóbicas, bifóbicas e transfóbicas como instrumentos de coerção relacional, por meio da desvalorização, negação ou ataque à identidade sexual do parceiro, incluindo ameaças de revelação forçada da orientação sexual ou da identidade de gênero, isolamento de redes de apoio e uso de termos depreciativos associados à homossexualidade, bissexualidade ou transsexualidade (Etaugh, 2020). Além dessas táticas, a VPI pode operar como mecanismo de disputa e afirmação de poder, frequentemente articulado à produção de hierarquias de masculinidade, nas quais a agressão funciona como forma de “marcação de território” e legitimação de uma masculinidade percebida como superior (Russell, 2020; Ferrari et al, 2021; Domingos, 2024). O estigma associado ao HIV também pode ser mobilizado como ferramenta de controle, por meio de ameaças de exposição da sorologia, chantagens ou restrições impostas ao parceiro, aprofundando assimetrias de poder (de Souza et al, 2022; Alckmin-Carvalho et al, 2023). A persistência dessas dinâmicas é agravada por barreiras ao reconhecimento da violência e à busca por apoio, frequentemente descritas como um “duplo armário”, no qual o silenciamento da VPI se soma ao ocultamento da orientação sexual e à desconfiança institucional (Callan et al, 2021). Assim, o modelo de estresse de minoria contribui para articular como desigualdades estruturais se traduzem em estratégias de controle psicológico e social que sustentam a VPI nas experiências relacionais de homens gays.

No contexto brasileiro, estudos qualitativos têm contribuído de forma consistente para compreender como a violência por parceiro íntimo (VPI) se articula a experiências de estigmatização e vulnerabilidades sociais ao longo da trajetória afetivo-sexual de homens gays (Moreira, 2017; Martins, 2019; Ferrari et al., 2021; de Souza & Beiras, 2024; Domingos, 2024). Nesse conjunto, Ferrari et al. (2021) realizaram entrevistas em profundidade com homens gays jovens, com idades entre 18 e 24 anos, cisgêneros e pertencentes a camadas populares no Rio de Janeiro, ampliando a compreensão das formas assumidas pela violência em vínculos afetivo-sexuais de namoro e de ficadas. Os achados indicaram que a VPI pode emergir de dinâmicas de controle associadas a desigualdades simbólicas relacionadas ao corpo, à raça e à masculinidade, manifestando-se por meio de insultos, isolamento social, imposição de acordos coercitivos e violência sexual. O estudo também evidenciou que práticas como o *stealth* — a remoção não consensual do preservativo durante a relação sexual — tendem a ser naturalizadas em encontros ocasionais, dificultando o reconhecimento dessas experiências como violência. Como estratégia de enfrentamento, cita-se o uso da *internet* como busca de informação e para rede de apoio por meio do compartilhamento de relatos anônimos. Em síntese, esses resultados reforçam que a VPI entre homens gays não se restringe a relações estáveis, estendendo-se a diferentes configurações relacionais nas quais o consentimento pode ser sistematicamente violado.

De modo convergente, Domingos (2024) aprofundou o debate sobre as dinâmicas abusivas nessa população ao entrevistar oito homens cisgêneros autodeclarados gays, com idades variando entre 21 e 45 anos residentes em Fortaleza, que haviam vivenciado VPI, seja como vítimas ou agressores. Os resultados indicaram a centralidade da violência psicológica, presente de modo transversal nos relatos, expressa por práticas de controle, humilhação, manipulação emocional e monitoramento do parceiro, frequentemente associadas a contextos de consumo de álcool. A violência física e sexual também emergiram, em muitos casos de

forma bidirecional, articuladas a desequilíbrios de poder relacionados a diferenças de idade, renda e posição relacional. Sob uma perspectiva ecológica, o estudo destacou o papel da homonegatividade internalizada, das normas rígidas de gênero e da expectativa da masculinidade hegemônica como elementos que dificultam o reconhecimento da vitimização e favorecem a legitimação da violência. Ademais, os achados evidenciaram impactos psicossociais significativos, como sofrimento psíquico associado a quadros de ansiedade e depressão, medo de novos vínculos afetivos e autovigilância constante com o intuito de tentar evitar o ciclo de violência. O uso de estratégias de enfrentamento marcadas pelo isolamento e pelo consumo de substâncias ilícitas e lícitas, como álcool, para “anestesiá-la dor”, em um contexto de fragilidade das redes institucionais de apoio, reforça a articulação entre VPI e processos de estresse de minoria nas experiências afetivo-sexuais de homens gays.

Em conjunto, os estudos têm frisado que a VPI entre homens gays no Brasil deve ser compreendida à luz das desigualdades estruturais que atravessam suas experiências relacionais, operando por meio de estratégias de controle, silenciamento e deslegitimação do sofrimento. O estresse de minorias emerge como eixo central para entender tanto a exposição à violência quanto às dificuldades de enfrentamento e acesso a redes de apoio. Esses achados qualitativos reforçam a necessidade de investigações quantitativas que permitam analisar VPI e examinar suas associações com indicadores do estresse de minoria, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias preventivas e respostas institucionais mais sensíveis às especificidades dessa população. Diante do exposto, o presente estudo teve como objetivo geral caracterizar a violência nas relações íntimas entre homens gays no Brasil e sua associação com indicadores de estresse de minorias.

Como objetivos específicos, buscou-se: (a) caracterizar comportamentos abusivos sofridos e perpetrados nas diferentes modalidades de violência (psicológica, sexual e física, com e sem sequelas) no último ano, tanto de forma geral quanto segundo o *status* de

relacionamento; e (b) examinar as associações entre essas modalidades de VPI e três aspectos centrais do estresse de minoria: homonegatividade internalizada, revelação da orientação sexual e experiências de estigma sexual. Ao investigar essas relações, o estudo pretende contribuir para a compreensão dos fatores estruturais e psicossociais que produzem vulnerabilidades específicas à VPI entre homens gays brasileiros, oferecendo subsídios para estratégias de prevenção primária e secundária nessa população.

2.2 Método

Delineamento

O estudo adotou um delineamento quantitativo, transversal, retrospectivo e correlacional.

Participantes

O critério de inclusão do estudo foi identificar-se como homem gay. A amostra final foi composta por 60 participantes, dos quais 59 se identificaram como homens cisgêneros, um como homem trans. A média de idade dos respondentes foi de 35 anos. A maioria relatou residir na região Sudeste, estar empregado, identificar-se como branco, não possuir filiação religiosa, ser solteiro, pertencer à classe socioeconômica C1 (renda média familiar domiciliar de aproximadamente R\$3.980,00 mensais) e ter ensino superior completo. Os dados completos da caracterização da amostra encontram-se na Tabela 1.

Tabela 1

Caracterização sociodemográfica dos participantes

		Frequência relativa (%)	Frequência absoluta (n)
Gênero	Homem cis	98,36%	59
	Homem trans	1,67%	1
Região do Brasil	Sudeste	80,00%	48
	Sul	10,00%	6
	Nordeste	5,00%	3

	Centro-oeste	3,33%	2
	Norte	1,67%	1
Situação profissional	Trabalhador	71,67%	43
	Estudante	15,00%	9
	Desempregado	3,33%	2
Cor/raça	Branco	71,67%	43
	Pardo	25,00%	15
	Preto	3,33%	2
Religião	Sem filiação religiosa	51,67%	31
	Católica	13,33%	8
	Espírita	11,67%	7
	Matriz afro-brasileira	10,00%	6
	Evangélica	5,00%	3
	Budista	1,67%	1
	Culto Tradicional Iorubá	1,67%	1
	Espiritualistas	1,67%	1
	Pagã	1,67%	1
	Taoísta	1,67%	1
	Solteiro	48,33%	29
	Casado ou união estável	30,00%	18
	Namorando	18,33%	11
Status de relacionamento	Separado	1,67%	1
	Divorciado	1,67%	1
Classe Socioeconômica	C1	41,67%	25
	B2	30,00%	18
	B1	13,33%	8
	C2	10,00%	6
	A	3,33%	2
	DE	1,67%	1
Nível de escolaridade	Pós-Graduação	33,33%	20

Completa		
Ensino superior completo	28,33%	17
Ensino superior incompleto	23,33%	14
Pós-Graduação Incompleta	8,33%	5
Ensino médio completo	5,00%	3
Ensino médio incompleto	1,67%	1

Instrumentos

Questionário sociodemográfico foi elaborado para coleta de dados sobre idade, gênero, região de residência, situação profissional, cor/raça, filiação religiosa, *status* de relacionamento no momento de participação na pesquisa e escolaridade.

Critério de Classificação Econômica Brasil (*Critério Brasil - ABEP, 2021*) foi utilizado para classificar o estrato socioeconômico da pessoa participante e família. No total são 15 itens distribuídos em conforto (carro, máquina de lavar, banheiro, DVD, geladeira, *freezer*, microcomputador, lavadora de louça, motocicletas, máquina secadora de roupas), trabalhador doméstico, oferta de serviços públicos (água e trecho da rua) e nível de escolaridade do chefe da casa. A cada um desses quesitos é atribuída uma pontuação e cortes do instrumento são: classe A (45-100 pontos); B1 (38 a 44 pontos); B2 (29-37 pontos); C1 (23-28 pontos); C2 (17-22 pontos); D-E (0 a 16 pontos).

Escala Tática de Conflitos Revisada (CTS-2; Moraes & Reichenheim, 2002) foi utilizada para avaliar a ocorrência de violência entre parceiros íntimos no ano anterior à coleta, considerando tanto a vitimização (V) quanto a perpetração (P). O instrumento é dividido nas subescalas de Violência Psicológica (VP), Violência Física sem Sequelas (VFS), Violência Sexual (VS) e Violência Física com Sequelas (VFC). A CTS-2 é composta por 33

itens organizados em pares referentes aos comportamentos da pessoa participante e de sua parceria, totalizando 66 questões. As respostas são registradas em uma escala de sete pontos, que varia considerando o período do ano anterior sendo 0 = isso nunca aconteceu, 1 = uma vez, 2 = duas vezes 3 = 3-5 vezes, 4 = 6-10 vezes, 5 = 11-20 vezes e 6 = mais de vinte vezes. Para fins de análise, os resultados foram descritos com base na frequência de ocorrência dos comportamentos violentos. Inicialmente, foi identificado o número de participantes que relataram ao menos um episódio de cada tipo de violência no ano anterior, em relação ao total da amostra. Em seguida, considerando apenas os participantes que reportaram a ocorrência do comportamento, foi examinada a distribuição das frequências segundo as categorias de resposta do instrumento (por exemplo, uma vez, duas vezes, três a cinco vezes), permitindo caracterizar o padrão de repetição dos episódios ao longo do período avaliado. Essas análises foram conduzidas separadamente para vitimização e perpetração e organizadas por subescala. A escala foi originalmente desenvolvida por Straus, Hamby, Boney-McCoy e Sugarman (1996). Sua versão revisada, usada neste estudo, foi posteriormente adaptada e validada para o contexto brasileiro. No estudo de validação nacional, os coeficientes kappa foram superiores a 0,75 para todas as subescalas, com exceção da violência sexual, e os índices de consistência interna variaram entre 0,65 e 0,86, indicando propriedades psicométricas adequadas para utilização em pesquisas no Brasil (Moraes & Reichenheim, 2002). Além disso, a CTS2 tem sido empregada em estudos sobre violência por parceiro íntimo em diferentes populações, incluindo população LGBTQ+ (Gaspodini, 2021; Pereira, 2025) como mulheres lésbicas (Furukawa et al, 2024) e homens gays (Martins, 2019).

Protocolo de Estresse de Minoria (Costa et al, 2020) foi utilizado para avaliar estressores proximais (homonegatividade internalizada e revelação da sexualidade) e estressores distais (experiências de estigma), conforme o modelo de Estresse de Minoria (Frost & Meyer, 2023). O instrumento é composto por três componentes, totalizando 17 itens.

A Escala de Homonegatividade Internalizada é composta por sete itens que avaliam o conforto com a autoidentificação e a identificação social como pessoa gay, respondidos em escala tipo Likert de sete pontos, variando de discordo totalmente a concordo totalmente. A pontuação é obtida pela soma dos itens, sendo seis invertidos, de modo que escores mais elevados indicam maiores níveis de homonegatividade internalizada. No estudo de validação, a escala apresentou índices adequados de consistência interna (Costa et al., 2020).

A Escala de Revelação da Sexualidade avalia o grau de revelação da orientação sexual em diferentes contextos sociais (familiares, amigos, ambiente de trabalho e pessoas da comunidade LGBTQ+). Os itens são respondidos em escala de 1 (Não revelei) a 4 (Revelei para todas(os)), sendo o escore total obtido pela soma dos itens, com escores mais elevados indicando menor encobrimento da orientação sexual. Os autores reportaram boa consistência interna para essa escala (Costa et al., 2020).

A Escala de Experiências de Estigma identifica a frequência de experiências prévias de abuso, violência e discriminação motivadas pela orientação sexual. O escore é calculado pela soma das respostas, com valores mais elevados indicando maior exposição ao estigma. A escala apresentou índices satisfatórios de fidelidade e evidências de validade no contexto brasileiro (Costa et al., 2020).

Procedimentos

Aspectos éticos

O projeto foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CAEE 72094223.0.0000.5504). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi elaborado com informações sobre o estudo, isto é, os objetivos gerais, instrumentos utilizados, riscos e benefícios da participação. Destaca-se que o projeto e o TCLE estão de acordo com Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e com o

Comunicado da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) – 0019229966 de orientações para pesquisas com etapas realizadas em ambientes virtuais. Também foi orientado que a participação no estudo é voluntária, os dados coletados serão confidenciais e as informações coletadas de participantes serão sigilosas de forma a assegurar a privacidade da pessoa participante.

Convite aos participante

A divulgação ocorreu por diferentes canais digitais e presencial. Por meio digitais cita-se o compartilhamento em redes sociais, como grupos de *Whatsapp* voltados a estudos de gênero e sexualidade, contatos via *e-mail* com coletivos, associações, grupos de pesquisa sobre gênero e diversidade e coordenações de cursos universitários solicitando apoio na disseminação, bem como divulgação jornalística e por meio plataforma de *marketing digital Meta Ads*. Também foram colados panfletos informativos sobre a pesquisa na cidade sede da universidade da primeira autora.

Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada de forma totalmente virtual de julho de 2024 a agosto de 2025, por meio da plataforma *Google Forms*. Foram utilizados quatro instrumentos principais: (a) Questionário Sociodemográfico; (b) Critério de Classificação Econômica Brasil; (c) Protocolo de Estresse de Minorias; e (d) Escala Tática de Conflitos Revisada. O tempo médio estimado para o preenchimento completo do formulário foi de 30 minutos.

Na primeira página, os participantes tinham acesso a informações como o objetivo do estudo, critérios de participação, garantia de confidencialidade e anonimato dos dados, contato das pessoas pesquisadoras, bem como o TCLE eletrônico. Após a conclusão dos instrumentos, foram apresentadas informações de caráter educativo sobre violência em relacionamentos afetivos e contatos de organizações de suporte e acolhimento.

Análise de Dados

As respostas dos participantes eram automaticamente registradas em uma planilha do *Google Sheets*. A partir desses dados, um banco foi elaborado no JASP (versão 0.18.x).

Inicialmente, foram conduzidas análises descritivas para caracterizar comportamentos violentos sofridos e perpetrados, tanto de forma geral quanto segundo o *status* de relacionamento, por meio de frequências absolutas e relativas. Também foram calculados valores mínimo e máximo, bem como médias (*M*) e desvios-padrão (*DP*), das pontuações atribuídas pelos participantes nas escalas do Protocolo de Estresse de Minoria.

Para examinar as associações entre as variáveis de homonegatividade internalizada, revelação da sexualidade, experiências de estigma, vitimização e perpetração da violência, foi empregada a correlação de *Spearman*, adotada em função da distribuição não normal dos dados. As análises correlacionais foram realizadas considerando a amostra total ($N = 60$).

2.3 Resultados e Discussão

Os resultados são apresentados e discutidos de forma integrada. Inicialmente, descreve-se a caracterização geral de comportamentos abusivos sofridos e perpetrados nas relações íntimas. Em seguida, examina-se a distribuição desses comportamentos segundo o *status* de relacionamento, ampliando a compreensão das diferentes configurações relacionais. Na sequência, analisam-se os indicadores de estresse de minoria — homonegatividade internalizada, revelação da orientação sexual e experiências de estigma — e suas associações com a violência por parceiro íntimo, por meio de análises correlacionais. Por fim, discute-se a bidirecionalidade da violência, considerando a coexistência de experiências de vitimização e perpetração à luz dos processos psicossociais investigados.

2.3.1 Caracterização geral de comportamento abusivo sofrido e perpetrado

Dos 60 participantes, 51 (85%) relataram envolvimento em pelo menos um comportamento abusivo em relacionamentos afetivo-sexuais no ano anterior, seja na condição de vitimização e/ou perpetração. Dentre esses, 48 participantes declararam ter sofrido ao menos um comportamento violento no período, enquanto 38 relataram ter perpetrado violência contra o parceiro. Nove participantes (15%) não relataram qualquer envolvimento em violência por parceiro íntimo (VPI).

As frequências relativas aos diferentes tipos de violência sofrida e perpetrada encontram-se descritas na Tabela 2. No que se refere à vitimização, a violência psicológica apresentou a maior frequência, correspondendo a 75% dos relatos, seguida pela violência sexual (51,67%), pela violência física sem sequelas (43,33%) e pela violência física com sequelas (15%). Quanto à perpetração, a violência psicológica também foi a mais frequente (55%), seguida pela violência sexual (41,67%), pela violência física com sequelas (35%) e pela violência física sem sequelas (26,67%). Esse padrão indica a centralidade das formas psicológicas de violência tanto na experiência de sofrer quanto na de perpetrar VPI.

Tabela 2.

Vitimização e Perpetração da Violência Entre Parceiros Íntimos na Amostra

	Vitimização		Perpetração	
	N de participantes	% em relação a amostra	N de participantes	% em relação a amostra
No mínimo um episódio de violência praticado no ano anterior	48	80,00%	38	63,33%
Violência psicológica		% em relação à subescala		% em relação à subescala
1 vez	9	20,00%	3	9,09%
2 vezes	2	4,44%	3	9,09%
3 a 5 vezes	11	24,44%	6	18,18%
6 a 10 vezes	5	11,11%	8	24,24%

11 a 20 vezes	6	13,33%	2	6,06%
mais de 20 vezes	12	26,67%	11	33,33%
		% da amostra		% da amostra
Total	45	75,00%	33	55,00%

Violência sexual		% a subescala		% a subescala
1 vez	5	16,13%	6	24,00%
2 vezes	5	16,13%	9	36,00%
3 a 5 vezes	8	25,81%	3	12,00%
6 a 10 vezes	3	9,68%	1	4,00%
11 a 20 vezes	1	3,23%	0	0,00%
mais de 20 vezes	9	29,03%	6	24,00%
		% da amostra		% da amostra
Total	31	51,67%	25	41,67%

Violência física sem sequelas		% da amostra		% da amostra
1 vez	6	23%	5	31,25%
2 vezes	6	23%	4	25,00%
3 a 5 vezes	5	19%	4	25,00%
6 a 10 vezes	1	4%	2	12,50%
11 a 20 vezes	3	12%	1	6,25%
mais de 20 vezes	5	19%	0	0,00%
		% da amostra		% da amostra
Total	26	43,33%	16	26,67%

Violência física com sequelas		% da amostra		% da amostra
1 vez	4	44,44%	5	23,81%
2 vezes	2	22,22%	6	28,57%
3 a 5 vezes	2	22,22%	5	23,81%
6 a 10 vezes	1	11,11%	1	4,76%
11 a 20 vezes	0	0,00%	2	9,52%
mais de 20 vezes	0	0,00%	2	9,52%
		% da amostra		% da amostra

Total	9	15,00%	21	35,00%
-------	---	--------	----	--------

A elevada frequência de envolvimento em VPI observada no presente estudo aproxima-se de achados clássicos da literatura internacional. Nos Estados Unidos, Turell e Cornell-Swanson (2005) identificaram prevalência de 89% entre homens que fazem sexo com homens, enquanto Santos e Caridade (2017), em Portugal, reportaram taxas igualmente elevadas. Esses dados já indicavam que a violência nas relações entre homens gays e homens que fazem sexo com homens constitui um fenômeno frequente e persistente, ainda que historicamente subinvestigado.

A partir da década de 2010, estudos passaram a evidenciar ampla variabilidade nas estimativas de prevalência, em função do recorte temporal, dos instrumentos utilizados e das definições operacionais adotadas. Nos Estados Unidos, Finneran e Stephenson (2013) observaram taxas ao longo da vida que variaram entre 29,7% e 78%, reforçando a heterogeneidade dos achados. Mais recentemente, a meta-análise conduzida por Liu et al. (2021), que incluiu 52 estudos empíricos e mais de 32 mil participantes, estimou prevalências combinadas de 33% para vitimização e 29% para perpetração ao longo da vida. Embora inferiores às observadas no presente estudo — que se concentrou no período dos últimos 12 meses —, essas estimativas oferecem um parâmetro robusto para a compreensão do panorama internacional.

No que diz respeito aos tipos de violência, os resultados indicaram elevadas taxas de violência psicológica, tanto para vitimização (76,56%) quanto para perpetração (56,25%), valores superiores aos reportados por Liu et al. (2021), que identificaram prevalências de 33% para vitimização e 41% para perpetração. Ainda assim, a predominância da violência psicológica é consistente com achados prévios, que apontam essa forma de violência como a mais frequente nas relações entre homens gays e homens que fazem sexo com homens (Craft & Serovich, 2005; Matte & Lafontaine, 2011; Santos & Caridade, 2017).

Em relação à violência física, os achados atuais também indicam taxas relevantes de vitimização e perpetração. Esses resultados dialogam com a literatura internacional, que descreve elevada variabilidade nas estimativas desse tipo de violência. A meta-análise de Liu et al. (2021) estimou prevalências combinadas de 17% para vitimização e 12% para perpetração ao longo da vida, enquanto estudos populacionais, como o *National Intimate Partner and Sexual Violence Survey* (NISVS), reportam taxas substancialmente mais elevadas, com mais de 40% dos homens gays relatando vitimização física e cerca de 28% vivenciando formas severas de agressão. Essa ampla variação reforça a influência de fatores metodológicos, temporais e contextuais na mensuração da VPI.

Um paralelo relevante pode ser estabelecido com o estudo de Santos e Caridade (2017), realizado em Portugal, que investigou a prevalência da violência nas relações íntimas entre parceiros do mesmo sexo a partir da Escala Tática de Conflitos Revisada. Embora a amostra fosse composta majoritariamente por mulheres, as autoras observaram que os homens apresentaram maior envolvimento em comportamentos de coerção sexual, tanto na vitimização quanto na perpetração. De modo consistente com os achados aqui apresentados, a violência psicológica figurou como a forma mais prevalente de agressão, seguida pela violência física sem sequelas e pela coerção sexual. Ademais, Santos e Caridade (2017) identificaram correlações elevadas entre vitimização e perpetração, reforçando a presença de padrões bidirecionais de violência nas relações entre parceiros do mesmo sexo. Esses resultados dialogam diretamente com os dados do presente estudo, que também evidenciam elevada coexistência entre sofrer e perpetrar violência, bem como a centralidade da violência psicológica nas dinâmicas abusivas entre homens gays, sugerindo que tais padrões se mantêm relativamente estáveis mesmo quando considerados diferentes contextos nacionais e composições amostrais.

Considerando que a ocorrência e a expressão da VPI podem variar conforme o momento do vínculo e a configuração relacional, a seção seguinte aprofunda a análise ao examinar comportamentos abusivos segundo o *status* de relacionamento, articulando os achados do presente estudo com evidências empíricas que distinguem experiências em relações atuais e passadas.

2.3.2 Caracterização de comportamento abusivo sofrido e perpetrado por *status* de relacionamento

A comparação dos padrões de vitimização e perpetração segundo o *status* de relacionamento indicou diferenças relevantes entre participantes classificados como solteiros e aqueles em relacionamento. Para fins analíticos, foram agrupados como solteiros os participantes que se declararam solteiros, separados ou divorciados ($n = 31$), e como em relacionamento aqueles que relataram estar namorando, em união estável ou casados ($n = 29$) conforme a tabela 3. Importa salientar dois pontos: o primeiro é que, no caso do grupo solteiro, os comportamentos de violência reportados referem-se a experiências ocorridas em relacionamentos anteriores, uma vez que o delineamento do estudo considerou episódios vivenciados no último ano, independentemente do *status* relacional no momento da coleta. O segundo é que não foram obtidos dados sobre os parceiros; dessa forma, não foram coletadas informações, por exemplo, sobre a duração do relacionamento, a identidade de gênero e a orientação sexual do parceiro, a idade, a classe econômica e a cor/raça. A partir desses dados, em pesquisas futuras, será possível compreender melhor as hierarquias de poder existentes, bem como propor interpretações mais aprofundadas.

Os achados do presente estudo indicam que o *status* de relacionamento atua como um marcador contextual relevante na distribuição das experiências de violência por parceiro íntimo (VPI) entre homens gays.

Tabela 3.

Comparação da Vitimização e Perpetração da Violência Entre Parceiros Íntimos por Status de Relacionamento

	Solteiros				Em Relacionamento			
	Vitimização		Perpetração		Vitimização		Perpetração	
	% em relação a amostra		% em relação a amostra		% em relação a amostra		% em relação a amostra	
	<i>n</i>		<i>n</i>		<i>n</i>		<i>n</i>	
No mínimo um episódio de violência no ano anterior	27	45,00%	19	31,67%	22	36,67%	20	33,33%
Violência psicológica								
1 vez	6	24,00%	0	0,00%	5	23,81%	2	11,76%
2 vezes	1	4,00%	1	6,67%	1	4,76%	2	11,76%
3 a 5 vezes	6	24,00%	3	20,00%	6	28,57%	4	23,53%
6 a 10 vezes	3	12,00%	5	33,33%	1	4,76%	2	11,76%
11 a 20 vezes	4	16,00%	1	6,67%	3	14,29%	1	5,88%
mais de 20 vezes	5	20,00%	5	33,33%	5	23,81%	6	35,29%
Total	25	41,67%	15	25,00%	21	35,00%	17	28,33%
Violência física sem sequelas								
1 vez	3	23,08%	4	40,00%	3	25,00%	0	0,00%
2 vezes	1	7,69%	1	10,00%	4	33,33%	2	50,00%
3 a 5 vezes	2	15,38%	3	30,00%	3	25,00%	1	25,00%
6 a 10 vezes	1	7,69%	1	10,00%	0	0,00%	1	25,00%
11 a 20 vezes	3	23,08%	1	10,00%	0	0,00%	0	0,00%
mais de 20 vezes	3	23,08%	0	0,00%	2	16,67%	0	0,00%
Total	13	21,67%	10	16,67%	12	20,00%	4	6,67%
Violência sexual								
1 vez	3	16,67%	2	16,67%	1	8,33%	3	27,27%
2 vezes	2	11,11%	5	41,67%	4	33,33%	4	36,36%
3 a 5 vezes	6	33,33%	3	25,00%	2	16,67%	0	0,00%
6 a 10 vezes	3	16,67%	1	8,33%	0	0,00%	0	0,00%
11 a 20 vezes	1	5,56%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
mais de 20 vezes	3	16,67%	1	8,33%	5	41,67%	4	36,36%

Total	18	30,00%	12	20,00%	12	20,00%	11	18,33%
Violência física com sequelas								
1 vez	2	33,33%	2	20,00%	1	50,00%	2	22,22%
2 vezes	1	16,67%	2	20,00%	1	50,00%	3	33,33%
3 a 5 vezes	2	33,33%	3	30,00%	0	0,00%	2	22,22%
6 a 10 vezes	1	16,67%	1	10,00%	0	0,00%	0	0,00%
11 a 20 vezes	0	0,00%	1	10,00%	0	0,00%	1	11,11%
mais de 20 vezes	0	0,00%	1	10,00%	0	0,00%	1	11,11%
Total	6	10,00%	10	16,67%	2	3,33%	9	15,00%

Observou-se que participantes atualmente solteiros relataram maior relato de ocorrência de vitimização por violência sexual (30%) em comparação àqueles em relacionamento (20%), bem como maior ocorrência de violência física com sequelas (10% vs. 3,33%). No que se refere à perpetração, identificou-se maior frequência de violência física sem sequelas entre participantes solteiros (16,67%), proporção superior à observada entre aqueles em relacionamento. Em contrapartida, a violência psicológica e a violência física sem sequelas apresentaram percentuais semelhantes entre os grupos, sugerindo que essas formas de violência atravessam diferentes configurações relacionais. Esses resultados dialogam com a literatura ao indicar que vínculos menos estáveis ou já dissolvidos tendem a concentrar maior vulnerabilidade a formas mais severas de violência, enquanto relações mais duradouras podem favorecer a manutenção de padrões de controle psicológico e conflitos recorrentes (Stephenson et al., 2020; Sharma, 2021).

Em Domingues (2015), em casais de homens gays, a violência psicológica/emocional apresentou as maiores prevalências tanto nas relações passadas (61,2%) quanto nas atuais (35,1%), seguida pela violência física (32,7% e 10,8%, respectivamente), enquanto a violência sexual e a socioeconômica permaneceram em níveis mais baixos. De forma convergente, Osorio et al. (2020) identificaram prevalências ainda mais elevadas de vitimização em relações passadas, com destaque para a violência psicológica e física entre

homens gays. A consistência entre esses achados é reforçada pelo uso da Escala de Relações Abusivas em Casais Gay e Lésbica, adaptada de *Violence and Abuse in Same-Sex Relationships* (Noret & Richards, 2003), sugerindo que a maior exposição observada entre participantes atualmente solteiros no presente estudo pode refletir experiências acumuladas em relacionamentos anteriores, e não um efeito direto da condição relacional atual.

Nesse sentido, os resultados permitem levantar a hipótese de que vivências prévias de VPI, especialmente aquelas marcadas por maior gravidade, possam influenciar trajetórias afetivo-relacionais posteriores, incluindo maior cautela, adiamento, evitação de novos vínculos íntimos (Domingos, 2024) ou naturalização e reprodução em relacionamentos atuais como ficadas. Embora essa hipótese não possa ser testada com o delineamento transversal adotado, ela contribui para uma leitura mais contextualizada dos achados e aponta para a importância de análises que considerem não apenas a ocorrência da violência, mas também seus efeitos duradouros sobre a organização das relações afetivas. A maior exposição à VPI entre participantes atualmente solteiros aponta para a necessidade de compreender como experiências relacionais anteriores se articulam a processos psicossociais mais amplos, como o estresse de minoria, tema abordado na seção seguinte.

2.3.3 Estresse de minoria e dinâmicas bidirecionais da violência

Conforme apresentado na Tabela 4, os indicadores de estresse de minoria revelaram níveis moderados de homonegatividade internalizada ($M = 19,2$; $DP = 8,47$) e uma grande variabilidade nas experiências de revelação da orientação sexual e de estigma percebido entre os participantes. Em particular, a revelação da orientação sexual foi mais próxima de contextos sociais mais amplos (amizades LGBTQ+ e heterossexuais), enquanto as menores médias foram observadas no âmbito profissional e familiar. As experiências de estigma ($M = 6,01$; $DP = 5,01$) indicam que, embora não universal, o contato com situações

discriminatórias ainda se apresenta de forma heterogênea na vida relacional dos participantes do estudo.

Tabela 4

Mínimo, Máximo, Médias(M) e Desvio Padrão (DP) das pontuações atribuídas pelos participantes no Protocolo para Avaliar o Estresse de Minoria em Gays.

Variável	Mínimo	Máximo	M	DP
Homonegatividade Internalizada	7	48	19,2	8,47
Revelação da sexualidade	0	16	13,1	3,67
Amizades LGBT+	0	4	3,68	0,85
Amizades heterossexuais	0	4	3,41	0,97
Colegas de trabalho	0	4	3,05	1,3
Famíliares	0	4	2,98	1,17
Experiências de Estigma	0	21	6,01	5,1
Ser verbalmente insultado	0	3	2,1	1,24
Sofrer ameaça com violência	0	3	1,53	1,29
Ser roubado, espancado ou agredido	0	3	0,78	1,13
Ser atingido por um objeto	0	3	0,61	1,05
Ser demitido ou ter emprego negado	0	3	0,58	0,96
Ser impedido de mudar para uma casa ou apartamento	0	3	0,26	0,75
Ter a residência propositalmente invadida, vandalizada ou danificada	0	3	0,08	0,42

No plano relacional, a análise dos padrões de violência por parceiro íntimo evidenciou forte bidirecionalidade: as correlações de *Spearman* apresentadas na Tabela 5 indicaram associações positivas e estatisticamente significativas entre diferentes formas de perpetração e vitimização da violência. Destacaram-se correlações elevadas entre perpetração psicológica e vitimização psicológica ($\rho = .770$, $p < .001$), bem como entre perpetração psicológica e

vitimização física sem sequelas ($\rho = .823$, $p < .001$). Também foram observadas associações significativas entre as demais formas de violência, com coeficientes variando entre $\rho = .346$ e $\rho = .823$ ($p < .01$), sugerindo a coexistência de múltiplas formas de violência nas relações íntimas investigadas.

Tabela 4

Correlação de Spearman entre variáveis de estresse de minoria, vitimização e perpetração da violência na amostra (N = 60)

Variáveis	HI	REV	EST	PVP	PVFS	PVS	PVFC	VVP	VVFS	VVS	VVFC
HI	1,000										
REV	0,012	1,000									
EST	0,126	0,008	1,000								
PVP	-0,074	0,065	0,260*	1,000							
PVFS	-0,033	-0,090	0,302*	0,583**	1,000						
PVS	0,105	0,003	-0,052	0,466**	0,346**	1,000					
PVFC	0,013	-0,114	0,366**	0,637**	0,564**	0,383**	1,000				
VVP	-0,075	0,123	0,316*	0,770**	0,494**	0,403**	0,540**	1,000			
VVFS	0,128	0,146	0,359**	0,823**	0,553**	0,452**	0,721**	0,749**	1,000		
VVS	-0,052	0,128	0,151	0,586**	0,439**	0,586**	0,469**	0,594**	0,614**	1,000	
VVFC	-0,020	-0,244	-0,208	0,484**	0,599**	0,0346*	0,568**	0,339**	0,489**	0,232	1,000

Nota: HI = Homonegatividade Internalizada; REV = Revelação da Sexualidade; EST = Experiências de Estigma; PVP = Perpetração — Violência Psicológica; PVFS = Perpetração — Violência Física Sem Sequelas; PVS = Perpetração — Violência Sexual; PVFC = Perpetração — Violência Física com Sequelas; VVP = Vitimização — Violência Psicológica; VVFS = Vitimização — Violência Física Sem Sequelas; VVS = Vitimização — Violência Sexual; VVFC = Vitimização — Violência Física com Sequelas.

Os coeficientes representam correlações de Spearman (ρ). Correlações assinaladas com * indicam associações estatisticamente significativas ao nível de 5%, e com ** ao nível de 1%, sugerindo maior robustez estatística das associações observadas.

Os padrões observados na amostra brasileira guardam semelhanças com achados internacionais que articulam estressores sociais e dinâmicas de VPI em populações de homens gays e outros grupos minoritários. Por exemplo, Stephenson e Finneran (2016) identificaram, em um estudo com homens gays e bissexuais nos Estados Unidos, que múltiplas formas de estresse de minoria — incluindo discriminação heterossexista — se associam a maiores taxas de diversas modalidades de VPI, especialmente na dimensão psicológica e física, corroborando a centralidade desses componentes observada na pesquisa atual. De forma semelhante, Basting et al. (2023) demonstraram que fatores como discriminação heterossexista e sintomas de estresse pós-traumático interagem com outros estressores individuais (como uso de álcool e homonegatividade internalizada) para estar ligados ao risco de perpetrar diferentes formas de VPI, incluindo psicológica, física e sexual, em amostras de jovens adultos sexualmente minoritários. Esses achados reforçam que estressores externos e contextuais — particularmente aqueles expressos em experiências de estigma — podem se articular a dinâmicas relacionais conflituosas e a padrões de agressão bidirecional.

Por outro lado, a ausência de correlações significativas entre homonegatividade internalizada e revelação da orientação sexual com as diferentes formas de violência por parceiro íntimo nesta amostra indica que nem todos os componentes do estresse de minoria atuam de maneira direta ou uniforme nas dinâmicas violentas. Evidências acumuladas na literatura internacional sugerem que processos individuais, como a homonegatividade internalizada, tendem a exercer efeitos indiretos ou condicionais, frequentemente mediados por outros fatores psicossociais, como sofrimento mental, uso de substâncias e experiências recorrentes de discriminação heterossexista (Edwards et al., 2015; Stephenson & Finneran, 2017; Lewis et al., 2017). Estudos empíricos também apontam que estressores distais, particularmente as experiências de estigma e discriminação, apresentam associações mais

consistentes com a vitimização e a perpetração da violência do que variáveis estritamente intrapsíquicas, cujo impacto pode variar conforme o contexto relacional e social (Longobardi & Badenes-Ribera, 2017; Basting et al., 2023). Esses achados reforçam a compreensão de que a relação entre estresse de minoria e violência relacional é complexa, multifatorial e sensível a mecanismos mediadores, o que ajuda a contextualizar os padrões observados no presente estudo e sustenta a necessidade de abordagens analíticas integradas.

Em síntese, os dados do presente estudo indicam que a bidirecionalidade da violência entre parceiros íntimos é um fenômeno multifatorial, no qual experiências de estigma e vulnerabilidades contextualizadas por processos de minoria podem se combinar para produzir padrões complexos de vitimização e perpetração. Essa perspectiva relacional se alinha a evidências internacionais que destacam a necessidade de considerar tanto os fatores individuais quanto os sociais na compreensão e no enfrentamento da VPI em populações sexualmente minoritárias, sugerindo que estratégias de prevenção e intervenção precisam abordar tanto as condições de desvantagem social estruturada quanto os padrões interativos de violência dentro das parcerias.

2.4 Considerações finais

Este estudo contribui para aprofundar a compreensão da violência por parceiro íntimo (VPI) entre homens gays no Brasil ao evidenciar padrões elevados de envolvimento em comportamentos abusivos, marcados pela centralidade da violência psicológica e pela recorrente coexistência entre vitimização e perpetração. Esses achados reforçam a necessidade de compreender a VPI como um fenômeno multifatorial.

Os resultados também apontam para a relevância de considerar trajetórias afetivo-relacionais e efeitos acumulativos da violência ao longo do tempo. A maior exposição à VPI entre participantes atualmente solteiros sugere que experiências prévias, especialmente

aquelas marcadas por maior gravidade, podem influenciar a organização de vínculos posteriores, afetando padrões de confiança, cautela relacional e disposição para novos relacionamentos. Ainda que tais hipóteses não possam ser testadas no delineamento transversal adotado, elas oferecem uma leitura contextualizada dos achados e indicam caminhos promissores para pesquisas futuras.

No eixo do estresse de minoria, os resultados indicaram associações mais consistentes entre experiências de estigma e dinâmicas de violência do que entre processos psicológicos isolados e VPI. A ausência de correlações diretas entre homonegatividade internalizada, revelação da orientação sexual e violência reforça a necessidade de modelos explicativos que considerem mecanismos mediadores e contextuais, sustentando uma abordagem multifatorial e integrada da relação entre estresse de minoria e violência relacional.

No plano empírico, o estudo avança ao sistematizar dados quantitativos nacionais sobre VPI entre homens gays, contribuindo para um campo ainda marcado por lacunas e pela predominância de investigações qualitativas. A utilização de instrumentos validados e comparáveis internacionalmente fortalece o diálogo com a literatura de outros países e evidencia a persistência de padrões semelhantes, como a bidirecionalidade da violência e a centralidade da violência psicológica, mesmo em contextos socioculturais distintos.

2.4.1 Implicações clínicas, preventivas e para políticas públicas

Em conjunto, os achados do presente estudo apontam implicações relevantes para o delineamento de estratégias de prevenção, intervenção e formulação de políticas públicas voltadas ao enfrentamento da violência por parceiro íntimo (VPI) entre homens gays. A elevada prevalência de comportamentos abusivos, aliada à forte bidirecionalidade observada nas dinâmicas de vitimização e perpetração, sugere a pertinência de abordagens que superem modelos explicativos unidirecionais e dicotômicos, centrados exclusivamente na oposição

entre vítima e agressor. Intervenções clínicas e psicossociais direcionadas a essa população podem se beneficiar de uma compreensão da VPI como fenômeno multifatorial sendo relacional, processual e contextual, no qual experiências de violência podem coexistir, alternar-se e se retroalimentar ao longo do tempo.

A centralidade da violência psicológica, consistente tanto na vitimização quanto na perpetração e transversal a diferentes configurações relacionais, indica que estratégias de prevenção tendem a ganhar maior efetividade quando não se restringem à identificação de episódios físicos ou sexualmente coercitivos. Formas de controle simbólico, humilhação, manipulação emocional e coerção relacional emergem como elementos estruturantes das dinâmicas abusivas, apontando para a relevância de ações que favoreçam o reconhecimento precoce desses comportamentos, bem como o fortalecimento de habilidades de comunicação, negociação de conflitos e manejo emocional em relações íntimas entre homens gays.

Os resultados também sugerem que experiências acumuladas de VPI em relacionamentos anteriores podem exercer efeitos duradouros sobre trajetórias afetivo-relacionais subsequentes, influenciando padrões de vinculação, cautela relacional e, em alguns casos, a evitação de novos vínculos íntimos. Nesse sentido, intervenções voltadas a homens gays podem incorporar uma perspectiva longitudinal e histórica das experiências relacionais, reconhecendo que a violência não se encerra necessariamente com o término do vínculo, mas pode produzir impactos persistentes sobre o modo como novos relacionamentos são construídos e vivenciados.

No âmbito das políticas públicas, os achados reforçam a relevância de ampliar o reconhecimento institucional da VPI em populações LGBTQIA+, em especial entre homens gays, historicamente invisibilizados nas políticas de enfrentamento da violência íntima. A predominância de modelos heteronormativos, frequentemente centrados em relações heterossexuais e na vitimização feminina, tende a limitar o acesso dessa população a serviços

de proteção, cuidado e justiça. A incorporação explícita das experiências de homens gays nas políticas de enfrentamento da VPI configura, assim, um caminho promissor para a redução das barreiras institucionais associadas ao silenciamento e à subnotificação dessas violências.

A articulação observada entre estresse de minoria, experiências de estigma e dinâmicas bidirecionais de violência indica que ações de enfrentamento da VPI se beneficiam de uma integração com políticas mais amplas de combate à discriminação e promoção de direitos. O estigma social associado à orientação sexual emerge como um elemento estruturante que atravessa tanto a exposição à violência quanto às dificuldades de reconhecimento e busca por apoio, configurando o que a literatura descreve como um “duplo armário”. Nesse sentido, políticas de prevenção da VPI entre homens gays tendem a ganhar maior alcance quando articuladas a iniciativas de promoção da equidade, redução da homofobia institucional e fortalecimento de redes de apoio social e comunitário.

No campo da prevenção primária, os resultados apontam para a relevância de intervenções comunitárias e educativas que problematizam normas rígidas de gênero, hierarquias de masculinidade e modelos relacionais baseados no controle e na coerção. Ações voltadas à promoção de relações afetivo-sexuais mais equitativas, baseadas no consentimento, no respeito mútuo e na negociação de conflitos, apresentam potencial para contribuir para a redução da incidência da VPI. Já no âmbito da prevenção secundária, destaca-se a importância de identificar grupos potencialmente mais expostos, como homens gays com histórico de múltiplas experiências de violência ou atualmente solteiros, considerando os efeitos cumulativos dessas vivências ao longo do curso de vida.

2.4.2 Limitações e direções futuras

Algumas limitações devem ser consideradas na interpretação dos resultados apresentados. O delineamento transversal adotado restringe a possibilidade de inferências causais e impede a testagem empírica de hipóteses relacionadas a trajetórias temporais, efeitos cumulativos e mecanismos mediadores envolvidos na violência por parceiro íntimo (VPI), aspectos centrais para a compreensão processual e relacional enfatizada ao longo deste estudo.

Além disso, o uso de medidas de autorrelato pode estar sujeito a vieses de memória e de desejabilidade social, especialmente em um fenômeno sensível, estigmatizado e frequentemente silenciado como a VPI entre homens gays. Essa limitação reforça a importância de incorporar, em pesquisas futuras, medidas complementares e, sempre que possível, estratégias indiretas ou implícitas que permitam acessar crenças, normas e formas de aceitação da violência com maior profundidade.

No que se refere ao instrumento utilizado, a CTS-2, é importante considerar que a escala foi originalmente desenvolvida para mensurar comportamentos abusivos em contextos de relacionamentos heterossexuais. Dessa forma, pode não captar plenamente processos específicos das relações entre homens gays, especialmente aqueles atravessados por experiências de estresse de minoria. Entre esses processos, destacam-se o medo de revelação da orientação sexual ou da identidade de gênero sem consentimento, bem como a presença de discursos e atitudes heterossexistas e homofóbicas por parte de perpetradores (Etaugh, 2020). Nesse sentido, para pesquisas futuras com essa população, recomenda-se o desenvolvimento, a adaptação ou o uso de instrumentos que considerem tais especificidades (Stephenson & Finneran, 2013; Chotgues, 2025).

Além disso, os participantes foram recrutados por conveniência na maior parte por meio de divulgação *online* em redes sociais e espaços virtuais relacionados à população LGBTQ+. Esse procedimento pode ter favorecido a participação de indivíduos mais conectados a discussões sobre sexualidade, identidade e direitos LGBTQIA+, bem como pessoas com maior interesse pessoal na temática investigada. Da mesma forma, não se pode descartar a possibilidade de que indivíduos com histórico de violência ou maior sensibilização para o tema tenham se mostrado mais propensos a responder ao estudo. Assim, as estimativas observadas devem ser interpretadas com cautela, não sendo possível assumir que reflitam a frequência de uso de estratégias de conflito violentas entre homens gays brasileiros de forma representativa. Estudos futuros com amostras mais amplas, diversificadas e estratégias de recrutamento complementares poderão contribuir para avaliações mais robustas e generalizáveis.

Apesar dessas limitações, os resultados do presente estudo oferecem subsídios relevantes para o avanço do campo ao sistematizar evidências quantitativas nacionais sobre a VPI entre homens gays, articulando caracterização, bidirecionalidade e estresse de minoria. Ao evidenciar a centralidade da violência psicológica e a coexistência entre vitimização e perpetração, o estudo aponta para a necessidade de abordagens analíticas e interventivas que considerem simultaneamente fatores individuais, relacionais e sociais.

Por fim, compreender como promover o desenvolvimento de relações afetivas saudáveis desde a juventude emerge como um desafio central para a prevenção da VPI e para a promoção do bem-estar de homens gays em diferentes contextos sociais, reforçando a importância de integrar produção científica, práticas de cuidado e políticas públicas sensíveis às especificidades dessa população.

REFERÊNCIAS

- Alckmin-Carvalho, F., Costa, Â. B., Chiapetti, N., & Nichiata, L. Y. I. (2023).
Percepção de sorofobia entre homens gays que vivem com HIV. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, 9(2), 1–16.
- Badenes-Ribera, L., Sánchez-Meca, J., & Longobardi, C. (2019). The relationship between internalized homophobia and intimate partner violence in same-sex relationships: A meta-analysis. *Trauma, Violence, & Abuse*, 20(3), 331–343.
<https://doi.org/10.1177/1524838017708781>
- Basting, J. M., Meyer, I. H., Talley, A. E., & Hughes, T. L. (2023). Intimate partner violence perpetration among sexual minority young adults: Associations with alcohol use, PTSD symptoms, internalized homophobia, and heterosexist discrimination. *Journal of Interpersonal Violence*, 38(21–22), NP20665–NP20692. <https://doi.org/10.1177/08862605231197152>
- Black, M. C. (2011). Intimate partner violence and adverse health consequences: Implications for clinicians. *American Journal of Lifestyle Medicine*, 5(5), 428–439.
- Chen, J., Khatiwada, S., Chen, M. S., Smith, S. G., Leemis, R. W., Friar, N., Basile, K. C., & Kresnow, M. (2023). The National Intimate Partner and Sexual Violence Survey (NISVS) 2016/2017: Report on victimization by sexual identity. National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention.
<https://www.cdc.gov/nisvs/documentation/nisvsreportonsexualidentity.pdf>

- Chotgues, J.d., Arnoud , T.d. & Habigzang, L.F. Intimate partner violence amongst Brazilian lesbian women: mental health indicators, social support and minority stress. *Psicol. Refl. Crít.* 38, 35 (2025).
<https://doi.org/10.1186/s41155-025-00371-0>
- Collins, P. H. (2022). Bem mais que ideias: A interseccionalidade como teoria social crítica. Boitempo.
- Costa, L. G., Machado, C., & Antunes, R. (2011). Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade. *Psychologica*, 1, 2–15.
- Costa, A. B., Paveltchuk, F., Lawrenz, P., Vilanova, F., Borsa, J. C., Damásio, B. F., ... & Dunn, T. (2020). Protocolo para avaliar o estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais. *Psico-USF*, 25, 207-222.
- de Souza, D. C., & Beiras, A. (2024). Violência por parceiro íntimo em relações homossexuais masculinas: um estudo qualitativo. *Revista Mosaico*, 15(1), 227-241.
- Decker, M., Littleton, H. L., & Edwards, K. M. (2018). An updated review of the literature on LGBTQ+ intimate partner violence. *Current Sexual Health Reports*, 10(4), 265–272.
- Domingues, H. M. J. (2015). Prevalência e caracterização da violência em casais de gays, lésbicas e bissexuais [Dissertação de mestrado, Universidade Fernando Pessoa]. <https://files01.core.ac.uk/download/61019090.pdf>
- Domingos, V. A. C. (2024). Violência nas relações íntimas entre homens gays: Fatores de risco, fatores de proteção e impactos psicossociais (Dissertação de mestrado, Universidade de Fortaleza). Repositório Institucional da UNIFOR.
<https://biblioteca.sophia.com.br/terminalri/9575/acervo/detalhe/591441>

- Domingos, V. A. C., & de Lira, A. N. (2024). Risk and protective factors associated with intimate partner violence with gay men: A scoping review. *Trauma, Violence, & Abuse*, 25(3), 2264-2281.
- Edwards, K. M., Sylaska, K. M., & Neal, A. M. (2015). Intimate partner violence among sexual minority populations: A critical review of the literature. *Trauma, Violence, & Abuse*, 16(4), 377-393.
<https://doi.org/10.1177/1524838014557290>
- Etaugh, C. (2020). Prevalence of intimate partner violence in LGBTQ individuals: An intersectional approach. In B. Russell (Ed.), *Intimate partner violence and the LGBT+ community: Understanding power dynamics* (pp. 11-36). Springer.
- Ferrari, W., Nascimento, M. A. F., Nogueira, C., & Rodrigues, L. (2021). Violências nas trajetórias afetivo-sexuais de jovens gays: “Novas” configurações e “velhos” desafios. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(7), 2729-2738.
<https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.07252021>
- Finneran, C., & Stephenson, R. (2013). Intimate partner violence among men who have sex with men: A systematic review. *Trauma, Violence, & Abuse*, 14(2), 168-185. <https://doi.org/10.1177/1524838012470034>
- Gaspodini, I. B. (2021). Estresse de minoria, sintomas emocionais e violência entre parceiros íntimos em pessoas LGBT no contexto brasileiro (Tese de doutorado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos). Repositório Institucional da UNISINOS. <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/12874>
- Guerra, V. M., Scarpatti, A. S., Duarte, C. N. B., Silva, C. V. D., & Motta, T. A. (2014). Ser homem é...: adaptação da escala de concepções da masculinidade. *Psico-USF*, 19(1), 155-165.

- Furukawa, L.Y.d., Pessoa, A.S.G., Komatsu, A.V. et al. Lesbian Intimate Partner Violence and Perceived Social Support: A Confirmatory Latent Class Analysis. *Trends in Psychol.* (2024).
<https://doi.org/10.1007/s43076-024-00368-1>
- Henrique, I. F. S., De Micheli, D., Lacerda, R. B. D., Lacerda, L. A. D., & Formigoni, M. L. O. D. S. (2004). Validação da versão brasileira do teste de triagem do envolvimento com álcool, cigarro e outras substâncias (ASSIST). *Revista da Associação Médica Brasileira*, 50(2), 199-206.
- Lewis, R. J., Milletich, R. J., Kelley, M. L., & Woody, A. (2017). Minority stress, substance use, and intimate partner violence among sexual minority women. *Aggressive Behavior*, 43(1), 98–111. <https://doi.org/10.1002/ab.21665>
- Liu, M., Cai, X., Hao, G., Li, W., Chen, Q., Chen, Y., & Xiong, P. (2021). Prevalence of intimate partner violence among men who have sex with men: An updated systematic review and meta-analysis. *Sexual Medicine*, 9(6), 100433.
<https://doi.org/10.1016/j.esxm.2021.100433>
- Longobardi, C., & Badenes-Ribera, L. (2017). Internalized sexual stigma and intimate partner violence in same-sex relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 32(9), 1314–1337. <https://doi.org/10.1177/0886260515587662>
- Luz, R. R., & Gonçalves, H. S. (2014). Violência doméstica entre casais homossexuais: A violência invisível [Domestic violence among homosexual couples: The invisible violence]. *Bagoas-Estudos Gays: Gêneros e Sexualidades*, 8 (11), 79-99.
- Martins, J. H. D. (2019). Violência em relacionamentos íntimos entre homens (Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba). Repositório

Institucional da UFPB.

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/30071>

Moreira, A. M. (2017). *A violência por parceiro íntimo (VPI) em casais homoafetivos masculinos: Visibilizando o fenômeno* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais). Repositório Institucional da UFMG.

<https://repositorio.ufmg.br/items/dec2f74b-827c-43c1-b075-cf3591a82307>

Osório, L., Sani, A., & Soeiro, C. (2020). Violência na intimidade nos relacionamentos homossexuais gays e lésbicos. *Psicologia & Sociedade*, 32, e170358.

Pereira, I. N. Q. (2025). *Violência entre parceiros íntimos: Um estudo sobre padrões de violência e correlatos psicossociais* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará). Repositório Institucional da UFC.

<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/81788>

Rich, A. (2010). Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas: Estudos Gays, Gêneros e Sexualidades*, 4(5).

Robinson, B. A. (2016). Heteronormativity and homonormativity. In N. Naples et al. (Eds.), *The Wiley Blackwell encyclopedia of gender and sexuality studies* (pp. 1–3). Wiley-Blackwell.

Rodrigues, L., Nogueira, C., & de Oliveira, J. M. (2010). Violência em casais LGB: Estudo preliminar. In C. Nogueira & J. M. de Oliveira (Orgs.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero* (pp. 243–266). Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.

Rollè, L., Giardina, G., Caldarera, A. M., Gerino, E., & Brustia, P. (2018). When intimate partner violence meets same-sex couples: A review of same-sex

intimate partner violence. *Frontiers in Psychology*, 9, 1506.

<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01506>

Rubin, G. (2018). *Políticas do sexo*. Ubu Editora.

Schilt, K., & Westbrook, L. (2009). Doing gender, doing heteronormativity: “Gender normals,” transgender people, and the social maintenance of heterosexuality. *Gender & Society*, 23(4), 440–464.

Silveira, A.P., de Moraes, N.A. Factors Associated with Intimate Partner Violence Among LGBTQ+ Individuals: a Scoping Review. *Trends in Psychol.* (2025).
<https://doi.org/10.1007/s43076-024-00431-x>

Stephenson, R., & Finneran, C. (2017). Minority stress and intimate partner violence among gay and bisexual men in Atlanta. *American Journal of Men’s Health*, 11(4), 952–961.

Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues*, 17(3), 283–316. doi:
10.1177/019251396017003001

Warner, M. (2000). *The trouble with normal: Sex, politics, and the ethics of queer life*. Harvard University Press.

White, S. J., Sin, J., Sweeney, A., Salisbury, T., Wahlich, C., Montesinos Guevara, C. M., & Mantovani, N. (2024). Global prevalence and mental health outcomes of intimate partner violence among women: A systematic review and meta-analysis. *Trauma, Violence, & Abuse*, 25(1), 494–511.

*O desenvolvimento da intervenção é onde a
criatividade, a ciência e a arte se encontram e
o equilíbrio é delicado*
Pat Hoddinott

Na versão original do inglês:

*Intervention development is where
creativity, science and art meet and
the balance is delicate.*

ARTIGO 2

**Viabilidade de um programa remoto de prevenção secundária
da violência por parceiro íntimo entre homens gays:
desenvolvimento e implementação de uma intervenção em grupo**

Feasibility of a remote secondary prevention program for
intimate partner violence among gay men:
development and implementation of a group-based intervention

A violência por parceiro íntimo em relacionamentos formados por homens gays constitui um problema relevante de saúde pública, ainda pouco contemplado por intervenções preventivas sistematizadas no contexto brasileiro. Embora a literatura internacional aponte prevalências expressivas e especificidades associadas às experiências de estresse de minoria, observa-se uma lacuna no desenvolvimento e na avaliação de programas psicoeducativos sensíveis às dinâmicas relacionais e aos contextos socioculturais dessa população. O presente estudo teve como objetivo desenvolver, implementar e avaliar a viabilidade de um programa remoto em grupo de prevenção secundária da violência por parceiro íntimo voltado para homens gays cis solteiros. Trata-se de um estudo de método misto, com delineamento quase-experimental, orientado pelos critérios de viabilidade propostos por Bowen et al. (2009), com foco na aceitabilidade, implementação e praticidade da intervenção. O programa foi estruturado em quatro encontros síncronos online, articulados a atividades assíncronas, e abordou temas como reconhecimento da violência, estresse de minoria, regulação emocional e comunicação assertiva. Os dados foram analisados de forma integrada a partir de registros de diário de campo, relatos dos participantes e indicadores quantitativos exploratórios. Os resultados indicaram níveis satisfatórios de aceitabilidade, evidenciados pela percepção de pertinência dos conteúdos, avaliação positiva da condução das pessoas facilitadoras e elevada sensação de segurança psicológica ao longo do processo. A implementação no formato remoto

mostrou-se viável, favorecendo o engajamento e a participação de homens de diferentes regiões do país, ainda que tenham sido necessários ajustes pontuais no ritmo e na organização temporal das sessões. Quanto à praticidade, a intervenção mostrou-se possível nas condições propostas, com sugestões de ampliação do número de encontros para aprofundamento dos conteúdos e maior troca de experiências. De forma exploratória, os dados preliminares observados dialogam com a literatura ao indicar que esse tipo de intervenção pode favorecer a reflexão crítica, reduzir a invisibilidade da violência e ampliar a compreensão de fatores de risco e proteção nas relações íntimas entre homens gays. Apesar das limitações do estudo, os achados oferecem contribuições iniciais e subsidiam o aprimoramento da proposta e o delineamento de investigações futuras.

Palavras-chave: violência por parceiro íntimo; homens gays; prevenção secundária intervenção psicoeducativa; estudo de viabilidade; quase experimental, método misto.

Abstract: Intimate partner violence (IPV) in relationships among gay men constitutes a significant public health concern that remains insufficiently addressed by systematic preventive interventions in the Brazilian context. Although international literature reports substantial prevalence rates and highlights specificities associated with minority stress experiences, there is a gap in the development and evaluation of psychoeducational programs that are sensitive to the relational dynamics and sociocultural contexts of this population. The present study aimed to develop, implement, and evaluate the feasibility of a remote group-based secondary prevention program for intimate partner violence targeting single cisgender gay men. This mixed methods study adopted a quasi-experimental design and was guided by the feasibility criteria proposed by Bowen et al. (2009), focusing on acceptability, implementation, and practicality. The program consisted of four synchronous online group sessions combined with asynchronous activities and addressed topics such as violence

recognition, minority stress, emotional regulation, and assertive communication. Data were analyzed in an integrated manner using field notes, participant reports, and exploratory quantitative indicators. Results indicated satisfactory levels of acceptability, evidenced by participants' perceptions of the relevance of the content, positive evaluations of the facilitators' performance, and a strong sense of psychological safety throughout the intervention process. Implementation in a remote format proved feasible, facilitating engagement and participation among men from different regions of the country, although minor adjustments to session pacing and time management were required. Regarding practicality, the intervention was feasible under the proposed conditions, with participants suggesting an increase in the number of sessions to allow for deeper exploration of the topics and greater exchange of experiences. Exploratory findings are consistent with existing literature, suggesting that this type of intervention may promote critical reflection, reduce the invisibility of violence, and enhance understanding of risk and protective factors in intimate relationships among gay men. Despite the study's limitations, these findings provide preliminary contributions and support further refinement of the intervention as well as the design of future investigations.

Keywords: Same-sex intimate partner violence; Gay men; Secondary prevention; Psychoeducational intervention; Feasibility study; Quasi-experimental design; Mixed-methods study

3.1 INTRODUÇÃO

A violência é compreendida como um fenômeno complexo, multicausal e sócio-histórico, constituindo um grave problema de saúde pública (Minayo, 2006, 2013). De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a violência entre parceiros íntimos (VPI) integra o conjunto das violências interpessoais e refere-se a qualquer ação ou omissão que

resulta em danos físicos, sexuais, psicológicos, morais ou patrimoniais no contexto de uma relação afetivo-sexual (Krug *et al.*, 2002). A perpetração e/ou vitimização dessas práticas podem ocorrer por uma ou mais pessoas envolvidas em vínculos atuais ou passados, independentemente de orientação sexual, identidade de gênero ou configuração relacional, incluindo relações monogâmicas, não monogâmicas, casuais ou mediadas por tecnologias (Moreira et al, 2016; Coelho *et al.*, 2018; Souza, 2022).

Embora a literatura sobre violência por parceiro íntimo (VPI) tenha se expandido desde o início dos anos 2000, a produção voltada a minorias sexuais e de gênero, especialmente pessoas LGBTQ+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, pessoas *queer* e demais identidades e orientações não hegemônicas), permaneceu proporcionalmente limitada em relação aos estudos centrados em casais heterossexuais (Rodrigues et al., 2010; Costa et al., 2011; Rollè et al., 2018; Decker et al., 2018).

Revisões críticas indicam que essa sub-representação não se restringe ao volume de publicações, mas envolve também limitações teóricas e metodológicas, como a aplicação acrítica de modelos explicativos e instrumentos de medida desenvolvidos para relações heterossexuais (Edwards et al., 2015; Decker et al., 2018). Ao analisar aproximadamente 14.200 estudos empíricos revisados por pares, identificados a partir de buscas nas bases *PsycINFO* e *Violence and Abuse Abstracts* e publicados entre 1999 e 2013, Edwards et al. (2015) observaram que apenas cerca de 3% focalizaram populações LGBTQ+, o que restringe a identificação de mecanismos específicos de risco e manutenção da violência em contextos não heterossexuais, bem como limita o desenvolvimento de estratégias preventivas e interventivas sensíveis às experiências dessas populações.

Atualizações posteriores reforçam esse panorama ao indicar que, embora estudos mais recentes tenham documentado taxas de VPI equivalentes ou superiores entre pessoas LGBTQ+ em comparação a populações heterossexuais, especialmente no contexto

estadunidense, os modelos explicativos permanecem insuficientemente desenvolvidos (Decker et al., 2018). Em particular, processos relacionados ao Estresse de Minoria, como experiências de estigma, discriminação e homonegatividade internalizada, vêm sendo apontados como fatores centrais para compreender tanto a ocorrência quanto os impactos da violência, incluindo prejuízos à saúde mental, maior uso de substâncias e barreiras à busca por ajuda (Trombetta *et al.*, 2025). No entanto, esses fatores ainda são incorporados de forma limitada às análises e raramente orientam o desenvolvimento de intervenções específicas (Brown & Herman, 2015; Decker et al., 2018; Frost & Meyer, 2023; Liu et al., 2021).

Na América Latina e Caribe, observa-se um crescimento mais acentuado da produção científica a partir de 2015, concentrando mais de 70% dos estudos identificados em VPI em pessoas LGBTQ+ (Huster et al., 2026). Uma revisão sistemática com meta-análise conduzida por Huster et al. (2026) identificou prevalências relevantes de vitimização e perpetração de VPI na região, com destaque para a violência psicológica como a forma mais frequente. Apesar desses avanços, as autoras apontam elevada heterogeneidade conceitual e metodológica entre os estudos, além da escassez de investigações voltadas à perpetração e, sobretudo, à prevenção da violência, o que compromete realizar comparações dos achados e a formulação de respostas interventivas culturalmente sensíveis.

No contexto brasileiro, a literatura sobre VPI em relacionamentos homossexuais têm se concentrado predominantemente em estudos qualitativos, voltados à descrição das práticas violentas, à superação da dicotomia agressor-vítima e às consequências psicossociais da violência, bem como ao papel das redes de apoio no enfrentamento dessas situações (Nascimento et al., 2022; Moura et al., 2023; Freitas et al., 2026). Embora a VPI entre homens gays compartilhe características observadas em casais heterossexuais, como taxas comparáveis ou mais elevadas de vitimização e perpetração, esse fenômeno apresenta especificidades que demandam atenção, incluindo o impacto do estigma, das expectativas de

rejeição, da heteronormatividade e do despreparo institucional (Cezario et al., 2015; Etaugh, 2020; Callan et al., 2021; Frost & Meyer, 2023; Domingos, 2024). Esses fatores contribuem para a invisibilidade e a subnotificação da violência e apontam para a necessidade de respostas preventivas estruturadas no contexto nacional (Brown & Herman, 2015; Carvalho & Nascimento, 2020). É nesse cenário que se insere o presente estudo, ao dedicar-se ao desenvolvimento e à análise de uma estratégia preventiva voltada aos relacionamentos entre homens gays, ancorada nas evidências e nos desafios identificados na literatura.

Diante da compreensão da violência por parceiro íntimo como um fenômeno relacional, atravessado por estressores sociais, a inteligência emocional emerge como uma lente psicossocial para a análise das experiências de homens gays em relações íntimas. Evidências indicam que processos associados ao estresse de minoria, como a homonegatividade internalizada e a exposição recorrente ao estigma, se articulam a dificuldades na regulação emocional, afetando a forma como emoções são percebidas, compreendidas e manejadas em situações de conflito (Trombetta et al., 2023; Wei et al., 2020). Esses processos podem comprometer o reconhecimento precoce de comportamentos abusivos, limitar a negociação relacional e favorecer a escalada de interações coercitivas. Nesse sentido, a inteligência emocional (IE), entendida como um conjunto de capacidades relacionadas ao raciocínio de informações de conteúdo emocional possibilita que os indivíduos possam perceber os estados emocionais, reconhecer como os estados de humor afetam o pensamento, compreender o funcionamento das emoções e gerenciar essas informações de maneira a apresentar um melhor desenvolvimento pessoal e social (Miguel, 2024; Mayer et al. 2024).

No plano interventivo, a adoção da inteligência emocional como eixo psicoeducativo favorece a reflexão sobre como a socialização masculina influencia os modos de sentir, expressar e lidar com emoções ao longo da vida. Em um contexto marcado por valores de

uma masculinidade hegemônica, normas e papéis de gênero são frequentemente internalizados como supressão dos sentimentos, negação da vulnerabilidade e evitação do pedido de ajuda, atravessando a subjetividade de homens gays (Gutmann & Vigoya, 2005; Connell & Messerschmidt, 2013; Kimmel, 2016). Essa configuração tende a restringir o repertório emocional disponível (Braz, 2005), dificultar a identificação e a elaboração dos próprios estados afetivos nos homens, bem como impactar a forma como conflitos são vivenciados e manejados nas relações interpessoais.

A ênfase no fortalecimento de capacidades como percepção emocional, compreensão dos próprios estados afetivos e gerenciamento das respostas emocionais visa o reconhecimento da necessidade de ampliar repertórios emocionais e relacionais diante de condições sociais que intensificam conflitos e restringem alternativas de enfrentamento adaptáveis. Nessa perspectiva, a inteligência emocional pode operar como fator de proteção relacional, ao favorecer a comunicação, o uso da negociação colaborativa como resolução de conflitos e o reconhecimento de padrões abusivos antes de sua intensificação. Essa abordagem dialoga diretamente com propostas de prevenção secundária e com o formato psicoeducativo de intervenções, incluindo estratégias remotas, ao oferecer um caminho viável para promover reflexão crítica, manejo dos afetos e construção de relações mais seguras entre homens gays.

No campo da saúde pública, o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, elaborado sob coordenação da Organização Mundial da Saúde, propõe que as intervenções de prevenção da violência sejam compreendidas a partir de dois eixos complementares: o momento temporal em relação à ocorrência da violência e o perfil da população-alvo (Krug et al., 2002). Nesse enquadramento, distinguem-se a prevenção primária, voltada à evitação da violência antes que ela ocorra; a prevenção secundária, direcionada a respostas precoces em situações nas quais a violência já ocorreu ou está em curso; e a prevenção terciária, orientada

à assistência de longo prazo. De forma adicional, as intervenções podem ser classificadas como universais, seletivas ou indicadas, conforme se dirijam à população geral, a grupos com fatores de risco específicos ou a indivíduos que já apresentaram comportamentos violentos.

À luz desse referencial, a presente intervenção se insere no âmbito da prevenção secundária, ao focalizar homens gays que relataram o uso de estratégias violentas de resolução de conflito em relacionamentos afetivo-sexuais ocorridos no ano anterior, seja na condição de perpetração e/ou vitimização. A proposta busca intervir de forma precoce sobre padrões relacionais com o objetivo de interromper a progressão da violência e reduzir seus impactos, sem se caracterizar como uma intervenção de reabilitação ou de assistência prolongada, próprias da prevenção terciária.

Do ponto de vista da população-alvo, trata-se de uma intervenção seletiva, uma vez que os critérios de participação delimitam um grupo específico com maior exposição a fatores de risco. Ao adotar um formato psicoeducativo e acessível, incluindo estratégias remotas, a intervenção responde à escassez de iniciativas voltadas às particularidades das relações entre homens gays e dialoga com recomendações contemporâneas para o desenvolvimento de intervenções sensíveis a contextos socioculturais, com processos documentados que favoreçam transparência, qualidade e possibilidade de replicação (O’Cathain et al., 2019).

Em contextos marcados por lacunas empíricas em populações específicas, estudos de viabilidade constituem uma etapa fundamental do processo de avaliação. Esses têm como finalidade produzir evidências iniciais sobre a relevância, a adequação e a possibilidade de sustentação de uma intervenção, subsidiando decisões sobre sua progressão para avaliações mais amplas, como estudos de eficácia e efetividade (Bowen et al., 2009). Em vez de se concentrarem exclusivamente em resultados finais, avaliações de viabilidade examinam

aspectos práticos relacionados à execução do programa e à condução do estudo no contexto em que será aplicado.

Considerando a complexidade do fenômeno e a necessidade de compreender tanto padrões gerais quanto experiências subjetivas, a adoção de um delineamento de métodos mistos mostra-se particularmente adequada. A combinação de abordagens quantitativa e qualitativa permite ampliar a abrangência da análise, aprofundar a compreensão dos processos envolvidos e integrar diferentes tipos de evidência na interpretação dos dados (Fetters & Molina-Azorin, 2020; McKim, 2017). Estudos prévios indicam a utilidade dessa abordagem em pesquisas sobre violência, incluindo investigações sobre violência por parceiro íntimo do mesmo gênero (Bacchus et al., 2016; Collins & Dressler, 2008; Puigvert et al., 2019).

Segundo a proposta de Bowen et al. (2009), a viabilidade de uma intervenção pode ser examinada a partir de diferentes dimensões. No presente estudo, o foco recai sobre os critérios de aceitabilidade, implementação e praticidade. A aceitabilidade refere-se à forma como o programa é percebido pela população-alvo e pelos agentes envolvidos, considerando o grau em que é avaliado como adequado, compreensível e atrativo. A implementação diz respeito às condições que favorecem ou dificultam a realização do programa conforme o planejamento, levando em conta o contexto institucional. A praticidade avalia se a intervenção pode ser executada a partir dos recursos disponíveis, dos meios técnicos existentes e das condições organizacionais do local de aplicação. Em conjunto, esses critérios permitem uma avaliação estruturada da viabilidade do programa e oferecem subsídios para decisões sobre seu aprimoramento, manutenção ou avanço para etapas subsequentes de avaliação.

Dado o exposto, o presente estudo teve como objetivo desenvolver, implementar e avaliar a viabilidade de um programa remoto de prevenção secundária da violência por

parceiro íntimo voltado para homens gays, por meio de uma intervenção em grupo, utilizando um delineamento de métodos mistos, com foco nos critérios de aceitabilidade, implementação e praticidade.

Considerando as recomendações metodológicas para estudos piloto e de viabilidade de intervenções psicossociais (Bowen et al., 2009; Durgante & Dell’Aglio, 2018), os objetivos específicos são:

1. Avaliar a aceitabilidade da intervenção, a partir da satisfação dos participantes com o material desenvolvido, da condução das pessoas facilitadoras e da percepção de segurança psicológica, com base em formulários de *feedback* e nos registros do diário de campo.
2. Descrever a implementação da intervenção no formato remoto, considerando a realização das atividades propostas e a adesão dos participantes ao longo do processo.
3. Analisar a praticidade da intervenção, levando em conta a adequação do tempo, dos recursos e das estratégias utilizadas frente às condições do estudo.
4. Explorar efeitos preliminares da intervenção por meio de mudanças descritivas intraindivíduo nos indicadores de Violência entre Parceiros Íntimos (perpetração e vitimização), Estresse de Minoria (homonegatividade internalizada, revelação da sexualidade e experiências de estigma) e Inteligência Emocional (aspectos de percepção, compreensão e regulação emocional), utilizando o grupo controle como referência descritiva.

3.2 MÉTODO

Trata-se de um estudo com delineamento quase experimental, longitudinal, com amostra por acessibilidade ou por conveniência, amostragem não probabilística e abordagem mista (quantitativa-qualitativo).

Participantes

Para a participação, os seguintes critérios foram estabelecidos para os grupos experimental e controle: 1) pessoas declaradas solteiras no momento da pesquisa e que se identificam como homens gays; 2) ter relatado uso de estratégias violentas de resolução de conflito em relacionamentos afetivo-sexuais ocorridos no ano anterior, seja na perpetração e/ou vitimização; 3) ter interesse, disponibilidade e acesso a um computador/tablet/celular e conexão à internet para participação; e 4) assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Já os critérios de exclusão tanto para o grupo controle quanto o experimental foram: 1) residir fora do Brasil; 2) possuir nacionalidade estrangeira, uma vez que o estudo busca desenvolver um programa voltado para a realidade social brasileira.

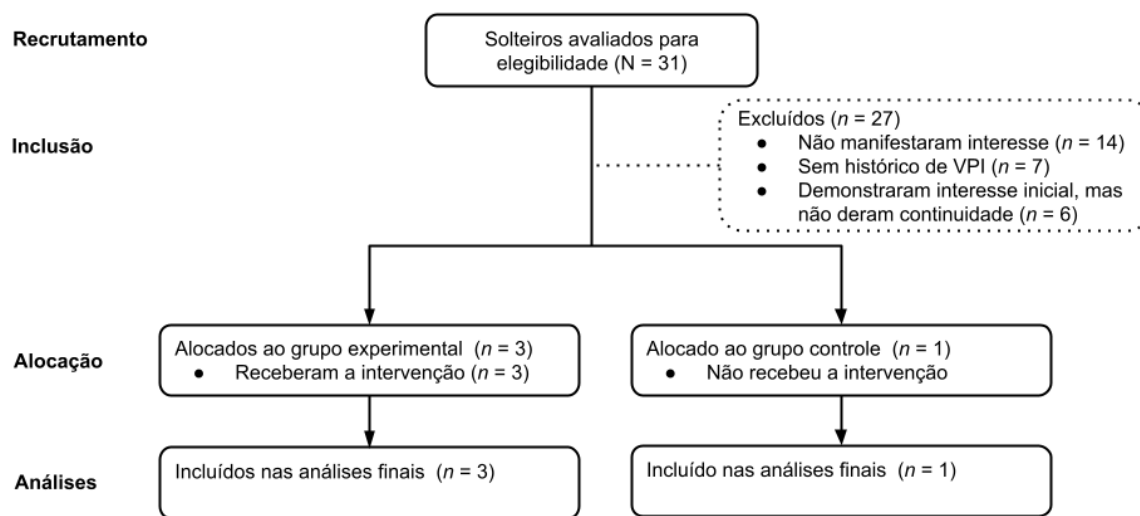
Sessenta participantes responderam ao formulário inicial do estudo. Desses, 31 declararam estar solteiros e foram avaliados para elegibilidade. Os demais relataram estar em relacionamentos (namoro, casamento ou união estável) e, portanto, não seguiram para as etapas subsequentes do estudo. Entre os participantes avaliados quanto à elegibilidade, 27 foram excluídos. Desses, 15 não manifestaram interesse em prosseguir para a próxima etapa do estudo, seja na fase de registro de informações de contato, seja por não responderem ao convite encaminhado por *e-mail* ou *WhatsApp*. Outros sete participantes relataram não possuir histórico de violência por parceiro íntimo no período avaliado pelo instrumento, não atendendo, portanto, aos critérios de inclusão. Por fim, seis participantes demonstraram interesse inicial, mas não deram continuidade à participação, seja por indisponibilidade nas datas e horários propostos, seja por ausência de resposta.

Assim, quatro participantes foram incluídos no estudo, sendo três alocados ao grupo experimental e receberam a intervenção integralmente, enquanto um participante foi alocado ao grupo controle e não recebeu qualquer tipo de intervenção durante o período do estudo.

Todos os quatro participantes responderam aos instrumentos de pré e pós-teste e foram incluídos nas análises finais. Os participantes do grupo experimental serão identificados como P1, P2 e P3. O do grupo controle como P4. O fluxo da amostra do estudo está apresentado na Figura 1.

Figura 1

Fluxograma do recrutamento, inclusão, alocação e análise dos participantes do estudo.



Instrumentos

1) **Questionário sociodemográfico** foi criado para coleta de dados sobre idade, escolaridade e *status* de relacionamento. *E-mail* e *Whatsapp* das pessoas participantes que demonstrarem interesse em participar da etapa subsequente foram também coletados com o objetivo de estabelecer contato

2) **A Escala Tática de Conflitos Revisada** (Moraes & Reichenheim, 2002) foi utilizada para identificar as estratégias violentas de resolução de conflitos usadas pelos participantes em relacionamentos afetivo-sexuais. Composta por 33 itens divididos em pares de perguntas direcionadas aos comportamentos da pessoa participante e do seu parceiro,

somando um total de 66 questões. As subescalas são divididas pela gravidade das violências como leve e severa nos seguintes tipos: psicológica, física sem sequelas, sexual e física com sequelas.

O participante era instruído a ler o item e identificar o número de ocorrências de determinada ação durante o último ano. Pode-se citar como exemplo os itens “*Insultei ou xinguei o meu parceiro*” de violência psicológica e “*Precisei procurar um médico por causa de uma briga com meu parceiro, mas não procurei*” de violência física com sequelas. A estrutura de resposta varia em 7 pontos considerando o período do ano anterior sendo (0) isso nunca aconteceu, (1) uma vez no ano anterior, (2) duas vezes no ano anterior, (3) 3 a 5 vezes no ano anterior, (4) 6 a 10 vezes no ano anterior, (5) 11 a 20 vezes no ano anterior, (6) mais de 20 vezes no ano anterior.

Para fins de análise, as categorias de resposta foram convertidas em pontos médios, de modo a representar de forma mais precisa a frequência estimada de ocorrência dos comportamentos relatados. Assim, as respostas uma vez no ano anterior e duas vezes no ano anterior foram mantidas com os valores correspondentes (1 e 2 pontos, respectivamente). A categoria 3 a 5 vezes no ano anterior foi convertida em um ponto médio de 4, a categoria 6 a 10 vezes no ano anterior em 8 pontos, a categoria 11 a 20 vezes no ano anterior em 15 pontos e a categoria mais de 20 vezes no ano anterior em 25 pontos. Essa conversão permite uma aproximação quantitativa da frequência real dos comportamentos, preservando a lógica ordinal do instrumento original.

A partir desses pontos médios, as pontuações das subescalas foram obtidas por meio da soma dos valores atribuídos a cada item. Dessa forma, escores mais elevados indicam maior prevalência e cronicidade dos comportamentos avaliados ao longo do período de referência, possibilitando uma análise mais sensível das variações na frequência dos eventos investigados.

A escala foi originalmente desenvolvida por Straus, Hamby, Boney-McCoy e Sugarman (1996). Sua versão revisada, usada neste estudo, foi posteriormente adaptada e validada para o contexto brasileiro. No estudo de validação nacional, os coeficientes kappa foram superiores a 0,75 para todas as subescalas, com exceção da violência sexual, e os índices de consistência interna variaram entre 0,65 e 0,86, indicando propriedades psicométricas adequadas para utilização em pesquisas no Brasil (Moraes & Reichenheim, 2002). Além disso, a CTS2 tem sido empregada em estudos sobre violência por parceiro íntimo em diferentes populações, incluindo população LGBTQA+ (Gaspodini, 2021; Pereira, 2025) como mulheres lésbicas (Furukawa et al, 2024) e homens gays (Martins, 2019).

3) O **Protocolo de Estresse de Minoria** (Costa et al., 2020) foi aplicado para avaliar processos descritos no modelo de Estresse de Minoria: os estressores proximais (Homonegatividade Internalizada e Revelação da Sexualidade) e os estressores distais (Experiências de Estigma) (Frost & Meyer, 2023). Esses estressores se articulam a processos psicossociais que impactam diretamente a saúde mental e o bem-estar de pessoas LGBTQIAPN+, evidenciando a influência de contextos sociais desiguais e práticas discriminatórias que produzem efeitos cumulativos ao longo da vida.

O instrumento é composto por três componentes, totalizando 17 itens. O primeiro componente é a Escala de Homonegatividade Internalizada, que deriva do processo de socialização em contextos heteronormativos e diz respeito à internalização de visões negativas sobre a própria orientação sexual, expressas por meio de estereótipos, crenças, mitos e atitudes dirigidas a si mesmo, podendo levar à rejeição da própria identidade sexual. Essa escala é composta por sete itens, que avaliam o conforto com a auto identificação e a identificação social como pessoa gay, respondidos em uma escala tipo likert de sete pontos, variando de discordo totalmente a concordo totalmente. A pontuação é obtida por meio da soma dos itens, sendo seis itens invertidos, de modo que escores mais elevados indicam

maiores níveis de homonegatividade internalizada. Por outro lado, escores mais baixos indicam maior conforto e aceitação da própria identidade sexual. No estudo de validação, a escala apresentou índices adequados de consistência interna, indicando boa fidelidade para a avaliação desse estressor proximal no contexto brasileiro (Costa et al., 2020).

O segundo componente é a Escala de Revelação da Sexualidade, que avalia o grau de revelação da orientação sexual em diferentes contextos sociais, incluindo familiares, amigos, ambiente de trabalho e pessoas da comunidade LGBTQ+. Os itens são respondidos em uma escala que varia de 1 (Não revelei) a 4 (Revelei para todas(os)). O nível de revelação é calculado pela soma dos itens, de forma que escores mais elevados indicam menor encobrimento da orientação sexual. Os resultados psicométricos reportados por Costa et al. (2020) indicam boa consistência interna, sustentando a adequação da escala para a mensuração de estressores proximais associados ao manejo da visibilidade social da orientação sexual.

Por fim, o terceiro componente é a Escala de Experiências de Estigma, que identifica a frequência de experiências prévias de abuso, violência e discriminação motivadas pela orientação sexual. A pontuação é obtida pela soma das respostas aos itens, sendo que escores mais altos correspondem a maiores níveis de exposição ao estigma. Essa escala apresentou índices satisfatórios de fidelidade, além de evidências de validade, indicando sua adequação para captar experiências estruturais e interpessoais de estigmatização no contexto brasileiro.

4) **Questionário Online de Regulação Emocional (QoRE; Miguel, 2021)** foi usado para identificar o manejo emocional dos participantes. Este é um instrumento informatizado de autorrelato que faz parte da Bateria Online de Inteligência Emocional (BOLIE; Miguel, 2021), baseia-se no modelo de consequências por apresentar situações descritivas de maior ou menor adaptação na regulação emocional. Pode-se citar como exemplo a frase *“Eu me sinto sobrecarregado(a) pelas minhas emoções”*.

A resposta é realizada em uma escala tipo likert de 5 pontos variando de nunca a sempre. Os 15 itens são divididos em três fatores: (a) Controle da Impulsividade e Irritabilidade, (b) Controle da Sobrecarga Emocional, e (c) Resiliência, com índices de ajuste adequados ($X^2 = 172,89$; $p < 0,001$; RMSEA = 0,04). O coeficiente α variou entre 0,74 e 0,77 para os três fatores. O teste-reteste ($t = 0,67$; $p > 0,05$; $d = 0,04$; $r = 0,74$) foi realizado em um intervalo de tempo médio de 69,66 dias ($DP = 66,88$). O escore total do teste representa a soma dos três fatores. Estudos mais recentes com o teste, conduzidos no laboratório onde a presente pesquisa foi realizada, mostraram alta correlação entre os três fatores, sugerindo a possibilidade de utilização apenas do escore total. Como o QoRE foi aplicado no início e no final do processo, utilizou-se a sua versão adaptativa, que demonstra evidências de validade, embora ainda não tenha sido publicada.

5) O **Teste de Organização de Histórias Emocionais** (TOHE; Miguel, 2021) foi utilizado com o objetivo de avaliar a capacidade dos participantes de compreender os processos envolvidos no surgimento das emoções, sua transição e modificação ao longo do tempo, bem como a habilidade de reconhecer expressões emocionais em outras pessoas e de estabelecer relações coerentes entre os diferentes componentes de uma situação. O instrumento integra a Bateria Online de Inteligência Emocional (BOLIE; Miguel, 2021) e é aplicado em formato informatizado.

O TOHE consiste em uma medida de desempenho cognitivo baseada na apresentação de desenhos que representam histórias sociais e emocionais. O teste é composto por 12 histórias, incluindo uma história inicial de exemplo, utilizada exclusivamente para fins instrucionais. Em cada história, o participante visualiza, na parte superior da tela, um número fixo de quadros vazios correspondente à quantidade de cenas necessárias para a composição da narrativa. Na parte inferior da tela, são apresentadas figuras embaralhadas, dentre as quais o participante deve selecionar aquelas que considerar pertinentes e organizá-las de modo a

formar uma sequência cronológica e logicamente coerente. As histórias não contêm verbalizações ou textos escritos e são compostas exclusivamente por personagens humanos e elementos visuais.

Na história de exemplo, utilizada para familiarização com a tarefa, o participante deve organizar uma narrativa composta por três quadros. As figuras disponíveis representam diferentes fases do desenvolvimento humano, incluindo um bebê, um adulto e um idoso, além de um objeto que não se relaciona à história proposta. A sequência correta pressupõe uma progressão temporal coerente, iniciando-se com o bebê, seguida pelo adulto e finalizando com o idoso. O objeto não relacionado deve ser excluído da narrativa, ilustrando que nem todas as figuras apresentadas devem necessariamente ser utilizadas. Nas histórias subsequentes, essa lógica é mantida, exigindo que o participante discrimine quais quadros são relevantes para a construção da versão completa da história.

O TOHE fornece dois escores: Organização (TOHE-O) e Sociabilidade (TOHE-S). O primeiro avalia a capacidade de compreender por que as emoções surgem, como elas se transformam ao longo do tempo, a identificação de expressões emocionais e o uso do raciocínio fluido para integrar informações contextuais de forma adaptativa. Já o escore de Sociabilidade está relacionado a características interpessoais, tais como nível de agradabilidade, relacionado a forma de se dirigir às pessoas, a qualidade das interações sociais e maturidade emocional, sendo compreendido como um aspecto associado à personalidade.

6) A **avaliação da satisfação com o material didático e com o programa** foi elaborada pela pesquisadora com o objetivo de coletar *feedbacks* dos participantes por meio de uma plataforma virtual. O instrumento foi dividido em duas partes.

A primeira parte refere-se ao material didático. Esse foi desenvolvido para a intervenção e é composto por vídeos no formato de entrevista, totalizando cinco com duração

de 30 a 40 minutos. As temáticas foram: (1) Emoções e Sentimentos; (2) Regulação Emocional; (3) Habilidades Sociais; (4) Enfrentamento da violência em relacionamentos afetivo-sexuais; e (5) Sexualidade. O roteiro das entrevistas, incluindo as perguntas utilizadas para cada vídeo, encontra-se disponível no Anexo I. Para avaliar a satisfação quanto a esse recurso psicoeducativo, os participantes foram convidados a responder sobre: (a) a forma de consumo do conteúdo audiovisual, com categorias de resposta “Assistiu olhando para a tela”, “Às vezes olhando para a tela, às vezes apenas ouvindo” e “Ouvindo igual podcast”; (b) organização e estrutura do conteúdo; (c) clareza das explicações; (d) relevância do conteúdo para o aprendizado; (e) contribuição para reflexões pessoais; e (f) relação entre teoria e prática. Os aspectos de 2 a 6 foram avaliados por meio de uma escala likert de cinco pontos, variando de *Ótima a Ruim*. Adicionalmente, foram incluídas duas questões dissertativas: uma sobre os principais aprendizados após assistir aos vídeos (“Quais foram seus principais aprendizados após assistir ao vídeo?”) e outra voltada à análise crítica do conteúdo (“Quais dúvidas e reflexões você tem sobre a temática abordada?”).

A segunda parte do instrumento avaliou a satisfação geral com o programa, contemplando a percepção dos participantes sobre a sequência das atividades propostas, a condução das pessoas facilitadoras — considerando critérios como clareza das instruções, escuta das opiniões e postura acolhedora durante os encontros —, bem como o senso de pertencimento ao grupo e a segurança percebida para expressar opiniões e emoções ao longo da intervenção

7) **Diário de Campo** foi utilizado para validar qualitativamente e registrar de forma sistemática o processo do programa, com anotações semanais durante e após os encontros síncronos a partir das considerações levantadas por Roese *et al* (2006).

Procedimentos

Etapa 1 - Aspectos éticos

O projeto foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CAEE 72094223.0.0000.5504). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi elaborado com informações sobre o estudo, isto é, os objetivos gerais, instrumentos utilizados, riscos e benefícios da participação. Destaca-se que o projeto e o TCLE estão de acordo com Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e com o Comunicado da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) – 0019229966 de orientações para pesquisas com etapas realizadas em ambientes virtuais. Também foi orientado que a participação no estudo é voluntária, os dados coletados serão confidenciais e as informações coletadas de participantes serão sigilosas de forma a assegurar a privacidade da pessoa participante.

Etapa 2 - Desenvolvimento da intervenção

O programa foi desenvolvido pela primeira autora do estudo de acordo com os fundamentos do campo teórico-prático da Inteligência Emocional (Miguel, 2024; Mayer, 2023), da Terapia Afirmativa (da Silva dos Santos&Von Hohendorff, 2024; Ramos, 2023; Mussi&Malerbi, 2020), do Estresse de Minoria (Forst & Meyer, 2023; de Oliveira Paveltchuk&Borsa, 2020) e do modelo bioecológico de Bronfenbrenner (2000) para análise da violência. Os estudos de intervenção consultados na literatura sobre violência no relacionamento em relacionamentos afetivo-sexuais (de Moura et al, 2024; Priolo Filho, 2017; Murta et al, 2016), habilidades sociais conjugais (Cardoso, 2021) e estresse de minoria (de Carvalho Gaspar & Vieira, 2025; Cardoso et al, 2023; Gaspodini, 2021) foram usados como orientação e adaptados para as especificidades do público atual.

Dessa forma, o programa remoto desenvolvido e denominado Lado a Lado é voltado para homens gays e tem como pilares encorajar relações seguras, horizontais por meio da inteligência emocional, da não violência e da afirmação positiva da sexualidade.

Etapas 3 - Convite aos participantes

A divulgação ocorreu por diferentes canais digitais e presencial. Por meio digitais cita-se o compartilhamento em redes sociais, como grupos de *Whatsapp* voltados a estudos de gênero e sexualidade, contatos via *e-mail* com coletivos, associações, grupos de pesquisa LGBTQIAPN+ e coordenações de cursos universitários solicitando apoio na disseminação, divulgação jornalística e por meio plataforma de *marketing digital Meta Ads*. Também foram colados panfletos informativos sobre a pesquisa na cidade sede da universidade da primeira autora.

Etapas 4 - Grupo experimental (GE): aplicação da intervenção

Após o aceite da participação, os participantes foram orientados a responder aos testes sobre aspectos da Inteligência Emocional. Posteriormente um grupo foi criado no aplicativo *Whatsapp* para adicionar os participantes da condição experimental e a facilitadora com o intuito de favorecer a comunicação. A intervenção consiste em quatro sessões, realizadas semanalmente, com duração de 2h cada e com atividades assíncronas. P1 e P2 participaram de todas as sessões, ao passo que P3 participou da metade, especificamente, do primeiro encontro e do terceiro, as duas faltas foram justificadas.

Durante a participação, os participantes foram incentivados por meio do material psicoeducativo produzido e do compartilhamento de vivências a desenvolver habilidades como compreensão e regulação das emoções, comunicação assertiva, reconhecimento de comportamentos de controle, poder, responsabilidade e equidade em relacionamentos afetivo-sexuais. Ao final de cada encontro, era disponibilizado no *Google Classroom* um formulário para avaliação da sessão, bem como o conteúdo resumido tratada na semana e o

da semana seguinte. A descrição da intervenção está sistematizada na Tabela 1, de acordo com as diretrizes do *Template for Intervention Description and Replication* (TIDieR). Esse manual, desenvolvido por Hoffmann et al. (2014), objetiva orientar e padronizar o relato de intervenções, favorecendo maior clareza, detalhamento e possibilidade de replicação.

Tabela 1.

Descrição e checklist de replicação da intervenção (TIDieR)

Nº do item	Item
1.	NOME Lado a Lado e de mãos dadas: por relações seguras entre homens que se amam
2.	POR QUE Os índices de violência contra a população LGBTQI+ no Brasil são alarmantes. No que tange à orientação sexual, estudos têm apontado os homens gays como um dos grupos mais atingidos por diferentes formas de violência. Todavia, a literatura brasileira ainda carece de programas estruturados de prevenção à violência entre parceiros do mesmo gênero. No Brasil, não foram identificadas intervenções sistematizadas e validadas voltadas especificamente para prevenção da violência entre parceiros íntimos para o público de homens gays. O programa visa preencher essa lacuna ao promover conhecimentos e habilidades que contribuam para o desenvolvimento de relações afetivo-sexuais seguras.
3.	O QUE (MATERIAIS) O programa consiste em um treinamento de inteligência emocional adaptado às especificidades dos relacionamentos entre homens gays. Durante as sessões, são trabalhadas diferentes classes de habilidades — percepção, compreensão e gerenciamento emocional, comunicação assertiva e resolução de problemas — por meio de técnicas cognitivo-comportamentais. Fora das sessões síncronas, os participantes recebem a orientação de assistir a um material psicoeducativo produzido pela primeira autora em parceria com pessoas convidadas referências na área abordada. Esse material é composto por vídeos no formato de entrevista, organizados em cinco módulos temáticos: (1) Emoções e Sentimentos; (2) Regulação Emocional; (3) Habilidades Sociais; (4) Enfrentamento da violência em relacionamentos afetivo-sexuais; e (5) Sexualidade. O roteiro das entrevistas, incluindo as perguntas utilizadas para cada vídeo, encontra-se disponível no Anexo I. A entrevista, de caráter semiestruturado e composta por perguntas previamente estabelecidas em roteiro, possibilitou que as pessoas especialistas fossem conduzidas pela entrevistadora de forma orientada, mas

com liberdade para inserção espontânea de novos elementos na conversa. Quatro dos cinco episódios foram gravados presencialmente em uma sala do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos, enquanto o quinto foi realizado por videoconferência, em virtude de a entrevistadora encontrar-se em intercâmbio de pesquisa no exterior. Na versão final, os vídeos produzidos apresentam duração média entre 30 e 40 minutos.

Como estratégia complementar aos encontros síncronos, foram utilizados exercícios de fixação do conteúdo. No total, foram três revisões de conteúdo, sendo que a primeira era focada no assunto sobre emoções e sentimentos; a segunda sobre regulação emocional e habilidades sociais e a última sobre enfrentamento da violência e sexualidade. No total foram 13 questões de múltipla-escolha e uma dissertativa. As questões usadas e o gabarito podem ser encontradas no Anexo II.

4. **O QUE (PROCEDIMENTOS)**
O conteúdo e o procedimento das sessões na condição experimental estão disponíveis no Anexo III.
5. **QUEM IMPLEMENTOU**
O programa foi desenvolvido e aplicado pela primeira autora deste estudo, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos. Contou com sob supervisão da segunda e terceira autoras deste estudo, ambas com expertise no campo teórico-prático das inteligência emocional, prevenção da violência e construção de programas.
6. **COMO (FORMAS DE ENTREGA)**
O programa foi realizado por meio de quatro sessões de treinamento, uso de pré e pós-teste. As sessões ocorreram semanalmente com duração de 2 horas cada. O total de horas síncronas e assíncronas de treinamento é de 10 horas.
7. **ONDE OCORREU A INTERVENÇÃO**
A intervenção ocorreu na modalidade remota, isto é, online por meio da plataforma *Google Meetings*.
8. **QUANDO E QUANTO**
Cada sessão teve duração média de duas horas. Após a primeira sessão, o vídeo inicial — referente ao tema Emoções — foi disponibilizado na plataforma *Google Classroom*, e os participantes foram orientados a assisti-lo antes do próximo encontro. Essa lógica se repetiu ao longo do programa, com a liberação sequencial dos demais vídeos até a última sessão. Antes do início da intervenção, os participantes responderam aos instrumentos do pré-teste, que serviram de base para sua seleção. Após o término do programa, eles responderam novamente aos mesmos instrumentos. A intervenção foi oferecida de forma gratuita.
9. **MODIFICAÇÕES**
Durante o desenvolvimento da intervenção, foram feitas modificações pontuais para adequar o ritmo e a dinâmica às necessidades dos

participantes. Esses ajustes envolveram a redistribuição do tempo das atividades, flexibilização da discussão de conteúdos e refinamento de exemplos utilizados. As modificações ocorreram ao longo das sessões e tiveram o objetivo de melhorar a clareza e favorecer o engajamento. O conteúdo estrutural e os materiais do programa permaneceram inalterados.

11. ADERÊNCIA

Planejamento da fidelidade

A intervenção contou com um roteiro estruturado para todas as sessões, garantindo padronização na condução do programa. Cada encontro seguiu uma mesma estrutura: abertura, revisão do conteúdo do vídeo psicoeducativo correspondente, realização da dinâmica proposta e coleta de *feedbacks*. Os materiais utilizados — vídeos, *slides* e dinâmicas — foram previamente elaborados e padronizados para assegurar consistência entre as sessões. O programa foi planejado para ocorrer em quatro encontros. Não foram estabelecidos critérios formais de participação mínima.

Fidelidade alcançada

A fidelidade ao protocolo foi elevada. Dois participantes estiveram presentes em todas as sessões e um compareceu à metade dos encontros. Dois participaram relataram ter assistido a todos aos vídeos psicoeducativos, responderam aos instrumentos de pré e pós-teste, e realizaram as tarefas solicitadas. O protocolo foi seguido integralmente pela facilitadora, com registro sistemático de presença ao longo do programa. Não houve partes previstas que deixaram de ser executadas. Embora as sessões não tenham ocorrido sempre em dias fixos — devido a ajustes necessários para permitir a participação de todos —, essa alteração não impactou a estrutura ou o conteúdo da intervenção. Elementos como a criação de um grupo no *WhatsApp*, o ambiente psicologicamente seguro para auto revelação, a identificação dos participantes com as temáticas e o formato *online*, que possibilitou a participação de pessoas de diferentes regiões, favoreceram o engajamento e contribuíram para a adesão ao programa.

Etapa 5 - Participante controle (PC): acompanhamento sem intervenção

O participante controle não recebeu a intervenção. Após ser informado sobre como se daria sua participação e manifestar o aceite, foi orientado a responder, de forma virtual, aos instrumentos de Inteligência Emocional — o Questionário Online de Regulação Emocional (QoRE) e o Teste de Organização de Histórias Emocionais (TOHE). Uma semana depois, foi encaminhado um link de acesso a um formulário virtual contendo os instrumentos CTS-2 e Protocolo de Estresse de Minoria, bem como o link para o site psicologi.co, para responder novamente aos instrumentos de Inteligência Emocional (QoRE e TOHE).

Etapa 6 - Coleta de dados pós intervenção no GE e acompanhamento do PC

Após a finalização da intervenção, foi enviado aos participantes do grupo experimental um formulário virtual contendo a avaliação da participação e os instrumentos CTS-2 e Protocolo de Estresse de Minoria, bem como o link para o site psicologi.co para o preenchimento dos instrumentos de Inteligência Emocional (QoRE e TOHE). O participante controle seguiu o mesmo procedimento de acompanhamento, conforme descrito na etapa anterior.

Etapa 7 - Análise de dados

Os dados quantitativos foram organizados e analisados no software JASP (versão 0.18.x). Considerando o número reduzido de participantes e o caráter exploratório do estudo, optou-se pela realização de análises descritivas individuais, com comparações intraindivíduo entre os momentos de pré e pós-intervenção. Essa abordagem permite uma descrição detalhada das mudanças observadas em cada participante, sem recorrer a procedimentos inferenciais que exigem tamanhos amostrais mais robustos.

Foram examinadas as variações dos escores por meio da diferença direta entre os valores de pré e pós-teste, de modo a identificar a direção e a magnitude das mudanças intraindivíduo. Para os instrumentos cujos escores são apresentados em métricas não padronizadas, também foram calculadas variações percentuais, obtidas pela razão entre a diferença dos escores e o valor inicial, multiplicada por 100. No caso dos instrumentos cujos escores são padronizados ($M = 0$; $DP = 1$), como os indicadores de inteligência emocional, optou-se por não utilizar variações percentuais, uma vez que a diferença absoluta entre os escores de pré e pós-teste já representa a magnitude da mudança em unidades de desvio-padrão. Para esses indicadores, a análise concentrou-se na interpretação da variação absoluta e da direção das mudanças.

Adicionalmente, foram calculados tamanhos de efeito individual por meio da

diferença padronizada entre os escores de pré e pós-intervenção, utilizando o desvio-padrão do pré-teste como referência, quando aplicável. Essa estratégia permitiu estimar a magnitude das mudanças intraindivíduo de forma padronizada, contribuindo para a avaliação dos possíveis efeitos preliminares da intervenção, independentemente da significância estatística.

Assim, os padrões de mudança observados entre os participantes do grupo experimental foram analisados de forma comparativa e descritiva, buscando identificar tendências convergentes ou divergentes entre os casos. O participante do grupo controle foi utilizado exclusivamente como referência descritiva, com o objetivo de observar a estabilidade dos escores ao longo do tempo, não sendo realizadas comparações inferenciais entre grupos. Essa estratégia analítica é compatível com estudos piloto e de viabilidade, cujo objetivo principal consiste em explorar tendências de mudança, avaliar a aceitabilidade da intervenção e identificar possíveis efeitos iniciais, fornecendo subsídios para estudos futuros com delineamentos e tamanhos amostrais mais amplos.

Os registros do diário de campo foram utilizados como material qualitativo complementar, com o objetivo de contextualizar e aprofundar a compreensão do processo interventivo. Esses registros foram analisados por meio de uma abordagem qualitativa descritiva, sendo posteriormente organizados em categorias temáticas definidas a partir dos tópicos considerados mais relevantes para a avaliação do processo de intervenção. As respostas abertas referentes aos principais aprendizados, dúvidas e reflexões dos participantes, coletadas por meio do questionário de satisfação, também foram analisadas segundo a mesma lógica de categoria, permitindo a integração dos dados qualitativos provenientes de diferentes fontes e a triangulação com os resultados quantitativos.

A Tabela 2 resume os procedimentos do estudo:

Tabela 2.

Procedimentos do estudo e etapas de verificação da viabilidade do programa

Etapa	Descrição do procedimento
1	Aspectos éticos
2	Desenvolvimento da intervenção
3	Convite aos participantes
4	Grupo experimental: aplicação da intervenção
5	Participante controle: acompanhamento sem intervenção
6	Coleta de dados pós-intervenção (GE) e após o período de acompanhamento (GC)
7	Análise de dados

3.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados são apresentados inicialmente a partir da caracterização geral dos participantes. Em seguida, são apresentados os dados quantitativos descritivos referentes aos indicadores de perpetração e vitimização de violência nas relações íntimas, estresse de minoria e inteligência emocional, possibilitando uma leitura integrada dos achados por meio de discussões breves. Por fim, são apresentados os resultados da avaliação da satisfação dos participantes em relação ao material didático e à experiência geral da intervenção.

3.3.1 Caracterização dos participantes e elementos contextuais das experiências relatadas

Participaram do estudo quatro homens que se identificaram como gays e cisgêneros, com média de idade de 29 anos. Em relação à cor/raça, dois participantes se identificaram como pardos, um como preto e um como branco. Três participantes integraram o grupo experimental e um compôs o grupo controle.

As análises organizadas a partir dos níveis do modelo bioecológico de Urie Bronfenbrenner (2000) referem-se exclusivamente aos três participantes do grupo experimental e foram elaboradas com base nos registros do diário de campo produzidos ao longo das sessões. Esses registros permitiram identificar elementos relacionados às trajetórias pessoais, experiências relacionais e contextos sociocomunitários relatados pelos participantes.

No nível individual, apareceram menções a experiências de exposição à violência no contexto familiar em etapas anteriores da vida, bem como relatos de sintomas ansiosos ou depressivos em algum momento da trajetória. Também foram descritas estratégias de gestão da identidade em contextos percebidos como pouco seguros, como o mascaramento da orientação sexual ou da expressão de gênero. Ao mesmo tempo, emergiram recursos pessoais importantes, como elevado nível de escolaridade, autonomia financeira e estratégias de enfrentamento diante de adversidades como a resiliência.

No nível relacional, surgiram relatos sobre experiências vividas em relações próximas, incluindo perdas recentes de pessoas significativas, dificuldades de comunicação em relações afetivo-sexuais e episódios de quebra de acordos. Paralelamente, os participantes destacaram a presença de redes de apoio formadas por amigos e pela chamada família escolhida, bem como o uso de estratégias de negociação em conflitos e a valorização da comunicação aberta sobre sexualidade nas relações.

No nível sociocomunitário, os participantes refletiram sobre normas sociais mais amplas que atravessam suas experiências, como expectativas associadas à heterossexualidade compulsória e a padrões rígidos de gênero, sexualidade e raça. Em contraste, apareceram relatos de pertencimento e conexão com a comunidade LGBTQ+, além de vínculos com a universidade, movimentos sociais e espaços culturais, descritos como contextos relevantes de socialização na vida adulta e apoio.

Embora apresentados separadamente para fins analíticos, esses elementos se articulam de forma dinâmica, evidenciando a interação entre características individuais, experiências nas relações próximas e condições sociocomunitárias mais amplas que atravessam as trajetórias e experiências relacionais dos participantes.

3.3.2 Sobre a Violência Entre Parceiros Íntimos

Conforme a Tabela 4, observou-se redução dos escores de perpetração e vitimização de VPI em todos os participantes do grupo experimental entre o pré e o pós-intervenção, enquanto o participante do grupo controle apresentou aumento em ambas as dimensões. As variações absolutas no grupo experimental oscilaram entre -1 e -23 pontos na perpetração e entre -1 e -19 pontos na vitimização.

A magnitude das mudanças no grupo experimental foi corroborada pelos tamanhos de efeito individuais, que variaram de pequenos a grandes efeitos negativos, indicando redução na frequência do uso e da vivência de estratégias violentas de conflito. Destaca-se o participante P3, que apresentou efeito de grande magnitude na vitimização ($ES_{ind} = -7,54$), sugerindo uma mudança expressiva nesse domínio.

Os resultados preliminares sugerem que a intervenção pode estar associada à redução tanto da perpetração quanto da vitimização de violência nas relações íntimas, especialmente quando comparada à trajetória observada no grupo controle. Ainda que o delineamento e o tamanho amostral não permitam inferências causais, o padrão de redução no grupo experimental aponta para um possível efeito protetivo da intervenção.

A diferença nos padrões de mudança entre perpetração e vitimização indica que esses fenômenos, embora relacionados, não respondem de maneira idêntica à intervenção. Enquanto a redução da perpetração pode refletir mudanças cognitivas e comportamentais

diretamente trabalhadas, a vitimização parece depender também de dinâmicas relacionais externas, o que pode explicar a maior variabilidade observada.

A heterogeneidade das trajetórias individuais reforça a importância de análises intraindivíduo em estudos piloto, permitindo captar nuances que seriam obscurecidas por médias grupais. Nesse sentido, os achados contribuem para a compreensão inicial dos possíveis mecanismos de mudança da intervenção e fornecem subsídios para estudos futuros com amostras ampliadas e delineamentos controlados.

Tabela 4

Escores de perpetração e vitimização de VPI pré e pós-intervenção, variações e tamanho de efeito individual (CTS-2)

Participante	Grupo	Pré	Perpetração				ES_ind	Vitimização				
			Pós	Δ	Δ %	Pré		Pós	Δ	Δ %	ES_ind	
P1	GE	1	0	-1	-100%	-0,4	1	0	-1	-100%	-0,4	
P2	GE	50	27	-23	-46,00%	-1,78	171	169	-2	-1,20%	-0,79	
P3	GE	9	5	-4	-44,40%	-1,59	54	35	-19	-35,20%	-7,54	
P4	GC	12	37	25	2,083	—	41	115	74	1,805	—	

Nota. Δ = Pós – Pré, representando a variação absoluta dos escores entre os momentos de avaliação. Δ % corresponde à variação percentual em relação ao escore do pré-teste. O *effect size individual* (ES_ind) expressa a magnitude da mudança intraindivíduo entre o pré e o pós-intervenção, calculada por meio da diferença padronizada entre os escores, utilizando o desvio-padrão do pré-teste do grupo experimental como referência. Valores absolutos de ES_ind em torno de 0,20 indicam efeito pequeno, em torno de 0,50 indicam efeito médio e valores iguais ou superiores a 0,80 indicam efeito grande. Valores negativos indicam redução da frequência dos comportamentos avaliados, enquanto valores positivos indicam aumento.

3.3.3 Sobre Estresse de Minorias

Os processos de estresse de minoria apresentaram padrões heterogêneos de mudança entre os participantes do grupo experimental de acordo com a tabela 5. Em linhas gerais, nota-se a redução da Homonegatividade Internalizada em dois participantes, aumento em um participante, estabilidade nos níveis de Revelação da Sexualidade e variações nas Experiências de Estigma.

A redução expressiva da Homonegatividade Internalizada em parte dos participantes sugere que a intervenção pode favorecer processos de auto aceitação e sentimento de orgulho da própria identidade sexual. Por outro lado, o aumento observado em um participante (P3) pode refletir maior conscientização crítica sobre conflitos identitários previamente pouco elaborados. Apesar de não receber a intervenção, nota-se diminuição desse indicador em P4. Uma hipótese é a de que existem aspetos externos que influenciam nesse processo minoritário, dessa forma, um desafio em intervenções futuras é o de facilitar o acesso a esses possíveis recursos.

A estabilidade nos níveis de revelação da sexualidade pode indicar que a intervenção não promoveu mudanças abruptas nesse domínio, o que é esperado dada a compreensão de que a revelação da orientação sexual envolve decisões contextuais. As variações nas experiências de estigma parecem refletir tanto mudanças no contexto social quanto transformações na forma como tais experiências são percebidas e nomeadas.

Considerados em conjunto, os resultados sugerem que a intervenção pode atuar mais diretamente na redução de comportamentos violentos nas relações íntimas, enquanto os processos de estresse de minoria seguem trajetórias mais complexas e individualizadas, reforçando a necessidade de acompanhamento longitudinal e intervenções contínuas.

Tabela 5

Escore de processos de Estresse de Minoria

Participante	Homonegatividade Internalizada					
	Grupo	Pré	Pós	Δ	$\Delta \%$	ES_ind
P1	GE	19	16	-3	-15,79%	-1,732
P2	GE	22	11	-11	-50,00%	-6,351
P3	GE	19	23	4	21,05%	2,309
P4	GC	32	21	-11	-34,38%	-
Revelação da Sexualidade						
P1	GE	16	15	-1	-6,25%	-0,866

P2	GE	14	14	0	0,00%	0,000
P3	GE	16	16	0	0,00%	0,000
P4	GC	16	15	-1	-6,25%	-
Experiências de Estigma						
P1	GE	3	3	0	0%	0,000
P2	GE	9	5	-4	-44,44%	-1,309
P3	GE	7	10	3	42,86%	0,982
P4	GC	6	4	-2	-33,33%	-

3.3.4 Sobre os aspectos de Inteligência Emocional: Percepção, Compreensão e Regulação Emocional

Os indicadores de Inteligência Emocional apresentaram trajetórias distintas entre os participantes, tanto no grupo experimental quanto no grupo controle e podem ser observados detalhadamente na tabela 6.

Tabela 6

Escore de aspectos de Inteligência Emocional

Participante	Organização (TOHE-O)			
	Grupo	Pré	Pós	Δ
P1	GE	1,19	1,76	0,57
P2	GE	-1,1	0,52	1,62
P3	GE	0,05	-1,1	-1,15
P4	GC	0,05	0,19	0,14
Participante	Sociabilidade (TOHE-S)			
	Grupo	Pré	Pós	Δ
P1	GE	0,96	1,68	0,72
P2	GE	0,01	0,01	0
P3	GE	-0,95	-1,19	-0,24
P4	GC	-0,23	0,49	0,72
Participante	Regulação Emocional (QoRe)			
	Grupo	Pré	Pós	Δ
P1	GE	-0,39	0,21	0,6
P2	GE	1,39	0,33	-1,06
P3	GE	-1,32	-1,04	0,28

P4	GC	-1,84	-2,06	-0,22
----	----	-------	-------	-------

Nota. Os escores de TOHE-O, TOHE-S e QoRE-A são apresentados em forma padronizada ($M = 0$; $DP = 1$). Assim, a variação absoluta entre pré e pós-teste já representa a magnitude da mudança em unidades de desvio-padrão, motivo pelo qual não foram calculadas variações percentuais para esses indicadores.

No que se refere ao resultado do Teste de Organização de Histórias Emocionais, observou-se aumento nos escores de Organização (TOHE-O) nos dois participantes do grupo experimental que participaram de todas as sessões síncronas. Esse dado pode ilustrar o comprometimento de P1 e P2 em entrar em contato com suas emoções e sentimentos no que diz respeito às duas primeiras facetas do construto: percepção das emoções e compreensão das emoções. A primeira é exemplificada pelas habilidades de identificar a emoção em si — seja em estados corporais, sentimentos e pensamentos —, nos outros, por meio da expressão facial, voz e comportamento apresentado, bem como pela percepção do conteúdo emocional no ambiente e pela discriminação acurada de expressões em determinadas situações. O segundo fator refere-se à compreensão das emoções, isto é, à capacidade de descrever a linha do tempo dos acontecimentos para identificar antecedentes, significados e consequências das emoções, considerando que estas não surgem do nada, mas têm acontecimentos prévios que as conduzem (Meyer, 2024).

Em contrapartida, no pré-teste, P3 apresentou escore de Organização do TOHE próximo à média normativa ($z = 0,05$), indicando desempenho dentro da média. No pós-teste, observou-se redução desse escore ($z = -1,10$), situando-o abaixo da média, o que deve ser interpretado com cautela, considerando a variabilidade intraindividual e o caráter exploratório do estudo. Levando em conta as ausências em parte das sessões síncronas, justificadas por dificuldades pessoais relatadas pelo participante, sugere-se que fatores contextuais temporários, como menor disponibilidade emocional ou cognitiva no período da intervenção, possam ter influenciado a organização de conteúdos emocionais e, consequentemente, seu

desempenho no pós-teste. Outra hipótese diz respeito à possibilidade de que a participação na intervenção e os processos reflexivos mobilizados tenham favorecido a revisão de crenças anteriormente consideradas intermediárias, o que pode ter impactado a forma de organização e interpretação de conteúdos emocionais. Essa hipótese pode ser amparada por uma capacidade baixa de regulação emocional, como observado no início do processo, possivelmente levando a inseguranças quanto ao próprio conhecimento emocional. Um indicativo desse processo foi o aprendizado relatado sobre como a expressão emocional pode produzir efeitos nas emoções e reações de outras pessoas.

Os escores de Sociabilidade refletem características interpessoais relativamente estáveis, associadas ao traço de personalidade agradabilidade, à forma de se dirigir às outras pessoas, à qualidade das interações sociais e à maturidade emocional, sendo compreendidos como um aspecto mais próximo da personalidade. Nesse sentido, variações observadas devem ser interpretadas com cautela, especialmente em um intervalo curto de tempo.

Entre os participantes do grupo experimental, observou-se heterogeneidade nos padrões de mudança. P1 apresentou aumento progressivo no escore de Sociabilidade, sugerindo possível ampliação na sensibilidade interpessoal ou na qualidade percebida das interações sociais ao longo do período. P2 manteve escores medianos tanto no pré-teste quanto no pós-teste, o que pode indicar um nível previamente consolidado desse aspecto interpessoal. P3 apresentou escores consistentemente abaixo da média nos dois momentos avaliados, sem mudanças expressivas, sugerindo maior estabilidade desse traço ao longo do tempo.

No grupo controle, P4 apresentou variação discreta e sem padrão claro de mudança, compatível com a expectativa de estabilidade para esse tipo de construto na ausência de intervenção. De modo geral, os resultados indicam que a Sociabilidade apresentou menor

sensibilidade a mudanças no curto prazo, o que é coerente visto que é aspecto mais disposicional, reforçando a necessidade de interpretações prudentes em estudos piloto.

Quanto à regulação emocional, também foram indicadas trajetórias diferentes. P1 apresentou aumento no escore de regulação emocional ao longo do período, deslocando-se de um valor ligeiramente abaixo da média para um desempenho próximo ou levemente acima da média, o que sugere possível ampliação na capacidade percebida de manejo das próprias emoções. P3 também apresentou aumento discreto, contudo mantendo-se ainda abaixo da média, indicando uma mudança de menor magnitude, mas compatível com processos iniciais de conscientização emocional.

Em contraste, P2 apresentou expressiva redução no escore de regulação emocional no pós-teste, apesar de um valor inicial elevado. Quando esse resultado é integrado ao desempenho de P2 no pré-teste do TOHE, observa-se que, embora os modelos teóricos de Inteligência Emocional descrevam o aprendizado emocional como organizado em facetas hierárquicas — nas quais a percepção emocional antecede a compreensão e a regulação —, na prática esse percurso pode não ocorrer de forma linear. O caso de P2 ilustra que, mesmo apresentando dificuldades na percepção das emoções identificadas no teste, percebe-se pelos relatos que o participante foi capaz de mobilizar, ao longo de sua vida, estratégias regulatórias frente às demandas e contextos vivenciados, baseadas predominantemente na supressão emocional, isto é, em não entrar contato com os sentimentos. O padrão encontrado nos resultados pode refletir um efeito de maior conscientização sobre dificuldades previamente pouco reconhecidas, hipótese em consonância com intervenções psicoeducativas, que tendem a ampliar a sensibilidade dos participantes para seus próprios limites emocionais. Portanto, embora apresentando um nível de regulação emocional ainda considerado mediano, ao tomar maior contato com o funcionamento das emoções, P3 pode

estar se abrindo para experiências emocionais mais ansiógenas, em vez de ignorar os sentimentos como costumava fazer.

No grupo controle, P4 apresentou escores consistentemente abaixo da média e relativa estabilidade ao longo do tempo, o que é compatível com a ausência de intervenção e com a expectativa de menor variabilidade desse indicador em curto prazo. Esses resultados podem ser indicadores de sofrimento emocional no momento de realização dos testes com o uso de estratégias menos adaptadas para regular as emoções. Dado esse contexto, foi recomendado ao participante a busca por atendimento psicossocial por meio de compartilhamento de uma lista de profissionais de psicologia a custo acessível.

3.3.5 Sobre a satisfação dos participantes

A intervenção foi estruturada em quatro semanas consecutivas, com encontros síncronos semanais no período noturno, sendo das 19h30 as 21h30. P1 e P2 participaram dos quatro encontros síncronos, ao passo que P3 participou do primeiro encontro e do terceiro, sendo que as duas faltas foram justificadas. Momentos antes do segundo e do quarto encontro, P4 relatou sua ausência nas sessões daqueles dias devido a não se sentir bem emocionalmente por conta da indisposição após a realização das atividades do dia a dia. No último encontro, P4 também perguntou sobre outras iniciativas na universidade com caráter similar a proposta e foi sugerido as ações da Secretária Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade da instituição.

Cada sessão síncrona foi articulada a materiais assíncronos disponibilizados posteriormente em ambiente virtual (*Google Classroom*), incluindo conteúdos psicoeducativos em formato audiovisual (*Videocast*) e avaliado conforme critérios da tabela 7. Ao longo das semanas, os temas avançaram progressivamente da identificação emocional

básica para a regulação emocional, comunicação assertividade, enfrentamento da violência e sexualidade.

A avaliação do consumo diz respeito à forma como assistiram ao videocast, sendo que misto engloba as respostas de “Assistiu olhando para a tela” e “Às vezes olhando para tela, às vezes apenas ouvindo”. Para as demais perguntas, foram solicitadas a avaliação por meio de uma escala tipo Likert de cinco pontos (Ótima, Muito Boa, Boa, Regular e Ruim), contemplando aspectos relacionados ao consumo do material, à qualidade do conteúdo e ao impacto subjetivo percebido.

Foram realizadas três avaliações: a primeira referente ao conteúdo sobre Emoções e Sentimentos; a segunda sobre Regulação Emocional e Habilidades Sociais; e a terceira sobre Enfrentamento à VPI e Sexualidade. P1 e P2 responderam às três avaliações, enquanto P3 respondeu apenas à segunda.

Os dados apresentados na Tabela 7 correspondem a uma síntese descritiva das classificações atribuídas pelos participantes. Quando há variação nas respostas, as categorias foram apresentadas de forma combinada (por exemplo, “Boa a Muito Boa”), indicando a coexistência dessas avaliações entre os respondentes. Quando apenas uma categoria é apresentada (por exemplo, “Ótima” ou “Muito Boa”), isso indica concordância entre todos os participantes que responderam à respectiva avaliação.

Tabela 7

Avaliação do Videocast quanto à qualidade do conteúdo e impacto percebido

N	Consumo	Duração	Organização e estrutura	Clareza	Relevância	Reflexões pessoais	Teoria prática
1	Misto	Boa a Muito boa	Boa a Muito boa	Muito boa	Muito boa a Ótima	Ótima	Muito boa
2	Misto	Boa a Muito boa	Muito boa	Muito boa	Muito boa a Ótima	Ótima	Muito boa
3	Misto	Regular a Boa	Boa a Muito boa	Ótima	Ótima	Ótima	Muito boa

No formulário também foram registradas respostas abertas sobre aprendizados, dúvidas e reflexões suscitadas pelos episódios. A análise qualitativa das respostas abertas indicou três eixos principais de conteúdo: (a) compreensões e ressignificações emocionais, (b) reflexões sobre relações, comunicação e violência, e (c) dúvidas, tensões e limites percebidos.

Eixo 1 – Compreensão e ressignificações emocionais

Os participantes relataram aprendizados relacionados à identificação e compreensão das emoções, especialmente no que se refere à supressão emocional e às suas consequências. A raiva foi descrita como uma emoção que, quando não reconhecida ou expressa, tende a se manifestar de forma intensa ou desorganizada. Essa compreensão aparece, por exemplo, no relato de P1, ao afirmar que *“a supressão emocional pode levar a explosões”* (P1). De forma complementar, P3 destacou a importância de reconhecer as emoções no momento em que surgem, associando esse processo à possibilidade de regulação ao longo das interações cotidianas.

Além disso, os participantes passaram a compreender a inteligência emocional como a capacidade de identificar e manejar as emoções de forma mais consciente, tanto em si quanto nos outros. Pode-se exemplificar com P1 em *“Saber que a inteligência emocional está em entender as emoções e saber controlá-las e também que está em perceber as emoções nos outros para saber como agir.”*

Eixo 2 – Reflexões sobre relações, comunicação e violência

No segundo eixo, emergiram reflexões sobre a comunicação interpessoal, a responsabilidade emocional nas interações e o reconhecimento de práticas violentas anteriormente naturalizadas. A comunicação assertiva foi apontada como um desafio central,

especialmente em contextos nos quais emoções como raiva e frustração tendem a ser reprimidas. P3 relatou que passou a refletir sobre *“o que significa ser assertivo e como a raiva se manifesta quando mantida para si mesmo”* (P1). Já P2 destacou o reconhecimento do ciúme por um novo ângulo, afirmando que *“o ciúme é uma violência psicológica que afeta ambos os lados”* (P2).

Eixo 3 – Dúvidas, tensões e limites percebidos

Apesar dos aprendizados relatados, os participantes expressaram dúvidas e tensões relacionadas à aplicação prática dos conceitos discutidos. Um tema recorrente foi a distância percebida entre a compreensão teórica das emoções e a possibilidade de regulá-las em situações concretas, especialmente em contextos de violência ou experiências emocionais intensas. P1 questionou: *“Mesmo entendendo como funcionam nossas emoções, por que às vezes não conseguimos controlá-las?”*, evidenciando a percepção de limites na situação. Outro participante destacou a dificuldade de expressão emocional ao longo da vida, relatando que *“sempre anulei meus sentimentos e não consigo expressá-los, mesmo em situações extremas. Desde uma simples ação de agradecer a um elogio e até mesmo de chorar após uma atitude violenta”* (P2). P3 trouxe a reflexão sobre *“como nossas ações geram emoções terceirizadas (em outras pessoas) e em como somos responsáveis por nossas interações”*.

3.3.6 Sobre os exercícios de fixação do conteúdo

Como estratégia complementar aos encontros síncronos, foram utilizados exercícios de fixação do conteúdo. Esses exercícios foram incorporados ao formulário de avaliação da satisfação dos vídeos e organizados em três revisões, correspondentes aos eixos temáticos trabalhados: (1) Emoções e Sentimentos; (2) Regulação Emocional e Habilidades Sociais; e (3) Enfrentamento à VPI e Sexualidade.

As revisões foram disponibilizadas como atividades opcionais, embora fortemente recomendadas com o objetivo de favorecer a consolidação do conteúdo. Durante os encontros síncronos subsequentes, foi aberto espaço para esclarecimento de dúvidas relacionadas às questões propostas. Para incentivar a participação, o formulário foi estruturado com *feedback* imediato, incluindo comentários explicativos após cada resposta.

No total, foram elaboradas 13 questões de múltipla escolha e uma questão dissertativa. As questões e respectivos gabaritos encontram-se no Anexo II.

Quanto à participação, P1 e P2 responderam às três revisões propostas, completando todas as questões. P3 participou apenas da segunda revisão, em consonância com sua participação na segunda avaliação dos vídeos. P1, P2 e P3 acertaram integralmente as questões respondidas. A adesão às revisões sugere engajamento com o material proposto e indica potencial contribuição para a consolidação das habilidades e competências trabalhadas nos vídeos e aprofundadas nos encontros síncronos.

3.4 DISCUSSÃO GERAL

O presente estudo teve como objetivo desenvolver, implementar e avaliar a viabilidade de um programa remoto de prevenção secundária da violência entre parceiros íntimos voltado para homens gays, partindo de critérios de aceitabilidade, implementação, praticabilidade e efeitos preliminares, de acordo com recomendações para estudos piloto de intervenções psicossociais (Bowen et al., 2009; Durgante & Dell’Aglia, 2018). Para tanto, foi adotado um delineamento exploratório, com abordagem mista e análises descritivas intraindivíduo, integrando dados quantitativos e qualitativos. Os resultados obtidos permitem discutir, de forma articulada, os limites e as potencialidades da intervenção, bem como suas implicações iniciais para a prevenção da violência, à luz da literatura sobre a área.

3.4.1 Critérios metodológicos: aceitabilidade, implementação e praticidade

No que se refere aos critérios de viabilidade, os resultados indicam que a intervenção apresentou níveis satisfatórios de aceitabilidade, implementação e praticidade. Em relação à primeira, os relatos indicaram que os temas abordados foram percebidos como pertinentes às experiências relacionais dos participantes e com isso favoreceu a compartilhar vivências pessoais. A condução das pessoas facilitadoras foi avaliada como satisfatória a muito satisfatória, considerando critérios como clareza das instruções, escuta das opiniões e postura acolhedora durante os encontros. Os participantes também relataram elevada percepção de segurança psicológica ao longo do processo interventivo, compreendida como o sentimento de pertencimento ao grupo e a confiança de que o ambiente era seguro para a participação ativa, expressão de dúvidas e compartilhamento de experiências, sem receio de julgamentos ou consequências interpessoais negativas.

A implementação no formato virtual também foi bem avaliada, indicando que os recursos e estratégias utilizados nesse ambiente favoreceram o engajamento e o acompanhamento das atividades síncronas e assíncronas. Outro aspecto positivo foi a participação de homens de diferentes cidades do país e com experiências particulares e conectadas com o projeto. A criação do grupo no *Whatsapp* permitiu o compartilhamento de vídeos relacionados aos assuntos tratados, como emoções e sentimentos, bem como de momentos de celebração acadêmica, no caso, a colação de grau de um dos participantes.

Em relação à praticidade, foram necessárias modificações pontuais quanto ao horário e dia para garantir a participação de no mínimo dois participantes por sessão. Embora a estrutura central da intervenção tenha sido mantida, recomenda-se mudança de exemplos para transpor a teoria, de maneira que se encaixem nas realidades do grupo. Ademais, a linguagem e o ritmo também podem ser revistos conforme as necessidades, sendo que o uso de gírias pode favorecer a sensação de acolhimento, bem como incentivar que os participantes

compartilhem seus interesses e preferências de conteúdos virtuais. O engajamento pode variar de acordo com a quantidade de atividades que os participantes precisam conciliar em sua rotina, nesse sentido, orienta-se o uso de lembretes para manter o engajamento da participação nas atividades síncronas e assíncronas.

A duração, a quantidade e a sequência das atividades foram avaliadas de forma positiva pelos participantes, sendo consideradas adequadas à proposta do programa, ainda que acompanhadas de sugestões para ajustes futuros. Dois participantes recomendaram a ampliação do número de sessões, com o objetivo de favorecer maior diluição dos conteúdos teóricos e ampliar o tempo destinado à troca de experiências. Esse aspecto mostra-se particularmente relevante para o aprimoramento da intervenção, uma vez que, em todos os encontros, o tempo inicialmente planejado de uma hora e meia foi excedido, com acréscimos que variaram entre 30 e 60 minutos. A extensão temporal ocorreu de forma negociada com o grupo e foi utilizada para aprofundar atividades, reflexões e dinâmicas, sendo interpretada como indicador de engajamento e interesse dos participantes, e não como inviabilidade do formato. Esses achados iniciais sugerem que a intervenção é praticável nas condições propostas, embora se beneficie de refinamentos na distribuição temporal dos conteúdos e na ampliação do número de encontros em aplicações futuras.

Em conjunto, os resultados relativos à aceitabilidade, implementação e praticidade indicam que o programa apresenta condições favoráveis de viabilidade, ao mesmo tempo em que sinalizam ajustes relevantes para seu aprimoramento em futuras aplicações. Entre os principais pontos positivos, destacam-se a aceitabilidade do conteúdo e da condução, a criação de um ambiente percebido como psicologicamente seguro e o engajamento sustentado dos participantes, inclusive em formato virtual, o que amplia o alcance territorial da intervenção e favorece a inclusão de participantes de diferentes contextos. A possibilidade de ajustes pontuais ao longo da implementação, sem comprometimento da estrutura central,

mostrou-se um recurso importante para manter a aderência do grupo e responder às demandas emergentes.

Por outro lado, os resultados também evidenciam aspectos que requerem atenção em futuras aplicações. A necessidade de flexibilização de horários e a recorrente extrapolação do tempo previsto indicam desafios relacionados à conciliação da participação com as rotinas dos participantes e à dosagem dos conteúdos em um número reduzido de sessões. Ainda que esses elementos tenham sido interpretados como indicadores de envolvimento e interesse, eles sinalizam a importância de ajustes no desenho temporal da intervenção, como a ampliação do número de encontros ou a redistribuição dos conteúdos. Adicionalmente, a adaptação contínua da linguagem, dos exemplos e das estratégias de engajamento, incluindo o uso de recursos comunicacionais mais próximos do repertório dos participantes, aparece como um cuidado relevante para preservar a acessibilidade e a identificação com a proposta.

Em síntese, os achados sugerem que a intervenção é viável e pertinente para a população-alvo, desde que compreendida como um programa passível de refinamento progressivo. Para pesquisadoras e profissionais interessadas em desenvolver iniciativas semelhantes, os resultados indicam a importância de equilibrar fidelidade estrutural e flexibilidade contextual, planejar estratégias de manutenção do engajamento e considerar, desde o início, margens temporais mais amplas para a realização das atividades. Esse conjunto de aprendizados reforça o valor de avaliação de viabilidade como etapa fundamental para o aprimoramento e a sustentabilidade de intervenções preventivas.

3.4.2 Intersecções sobre Violência entre Parceiros Íntimos, Estresse de Minoria e Inteligência Emocional

Os fatores de risco e de proteção identificados a partir dos registros do diário de campo mostram-se consistentes com a literatura sobre violência nas relações íntimas, estresse

de minoria e desenvolvimento psicossocial de homens gays (Domingos, 2024; Matta, 2021; de Souza et al, 2022, 2021; Moreira, 2017). Destaca-se, nesse contexto, o papel das estratégias de mascaramento social, alocadas como fatores de risco na medida em que, no cenário do duplo armário, um dos participantes relatou dificuldades em reconhecer comportamentos violentos do parceiro, o que contribuiu para a manutenção da relação até a ocorrência de uma situação crítica. Esses achados sugerem que a ocultação da orientação sexual pode comprometer não apenas o acesso a redes de apoio jurídicas e de segurança pública, mas também processos de percepção e avaliação de risco relacional.

No que se refere à performance de gênero, entendida como o conjunto de práticas reiteradas que produzem e regulam normas de masculinidade e feminilidade (Butler, 2018), os relatos evidenciam como essas normas foram incorporadas desde a socialização primária. Os três participantes descreveram figuras paternas com baixa expressão emocional. P1 relatou uma relação mais próxima e afetiva com as mulheres da família, especialmente mãe e irmãs, enquanto descreveu o pai como uma referência masculina da qual não desejava se aproximar, recordando episódios em que ele retornava para casa alcoolizado e dirigia críticas à esposa. Ainda que utilizasse apelidos carinhosos com os filhos, sua presença era marcada por rigidez e pouca abertura emocional.

P2 descreveu uma infância ambivalente: fora de casa, vivenciava experiências de liberdade e espontaneidade com amigos; no ambiente familiar, sob a influência de um avô militar, predominava disciplina e rigidez. Relatou ter sido “treinado a não ter emoções”, aprendendo a conter o choro e a adequar seu comportamento às expectativas familiares. Essa dualidade entre expressão externa e contenção doméstica evidencia processos precoces de regulação emocional pautados pela vigilância e pelo autocontrole.

P3, por sua vez, relatou que sua primeira relação afetiva com outro garoto, na adolescência, foi interrompida após a descoberta do romance pela mãe do parceiro. Embora

fosse reconhecido como estudante exemplar e representante de classe, vivenciava simultaneamente experiências de rejeição relacionadas à sua sexualidade. Como homem negro, destacou o pai como referência positiva de orgulho racial; contudo, no que diz respeito à sexualidade, mencionou episódios de ausência de acolhimento quanto a suas demandas emocionais e ofensas homofóbicas na infância, como a expressão “preto boiola não dá”, ilustrando a intersecção entre racismo e homofobia na construção de sua subjetividade.

Esses relatos exemplificam como normas de masculinidade hegemônica (Connell & Messerschmidt, 2013) operam como dispositivos reguladores, restringindo a expressão emocional e intensificando processos de autocontrole e vigilância comportamental. A exposição prolongada a contextos cisheteronormativos pode estar associada a sentimentos de medo, vergonha, rejeição (Edwards et al., 2015; Huster et al., 2025), ambivalência afetiva e monitoramento constante do próprio comportamento na construção da subjetividade de homens gays (Freitas et al., 2025; Domingos, 2024). Em conjunto, tais elementos configuram um terreno oportuno ao desenvolvimento da homonegatividade internalizada, estressor proximal frequentemente associado à ocultação da orientação sexual (Berg et al., 2016). Embora a ocultação possa exercer função protetiva em determinados contextos, sua manutenção prolongada tende a restringir o acesso a vínculos de apoio e validação social (Pachankis et al., 2020), com possíveis repercussões nas dinâmicas relacionais e na tolerância a comportamentos abusivos.

Nesse sentido, estudos recentes indicam que a homonegatividade internalizada se associa a dificuldades nos processos de regulação emocional. Trombetta, Rollè e colaboradores/as (2023) identificaram uma relação positiva entre homonegatividade internalizada e déficits de regulação emocional, sugerindo que a incorporação de valores sociais negativos pode intensificar respostas emocionais e limitar o acesso a estratégias regulatórias eficazes. Considerando que dificuldades de regulação emocional estão associadas

tanto à vitimização quanto à perpetração da violência entre parceiros íntimos (Reis, 2021), esses achados apontam a regulação emocional como um possível mecanismo intermediário entre estressores de minoria e dinâmicas de VPI em pessoas lésbicas, gays e bissexuais.

Os dados preliminares deste estudo dialogam com essa literatura ao sugerir que estratégias de mascaramento social, sofrimento emocional e dificuldades na identificação de sinais de violência se articulam de forma dinâmica, contribuindo para a manutenção de relações abusivas. Ao favorecer espaços de reflexão emocional, compartilhamento de experiências e ampliação do vocabulário afetivo, a intervenção parece ter incidido sobre processos de percepção e compreensão emocional, considerados centrais para a interrupção de ciclos de violência. Esses achados reforçam a relevância de abordagens preventivas que integrem estressores de minoria, regulação emocional e contextos relacionais na compreensão da violência entre parceiros íntimos.

Por fim, os efeitos preliminares observados sugerem que intervenções psicoeducativas afirmativas podem favorecer processos de reflexão emocional, ampliação da leitura crítica do contexto relacional e redução da invisibilidade da violência entre parceiros íntimos do mesmo gênero. Ao promover espaços seguros de compartilhamento, nomeação de emoções e problematização de normas de gênero e estressores de minoria, a intervenção parece ter incidido sobre fatores psicossociais.

Ainda que os achados não permitam inferências causais ou generalizações amplas, eles indicam que estratégias preventivas sensíveis às experiências de homens gays podem representar um primeiro passo promissor para o fortalecimento de recursos subjetivos e relacionais. Esses resultados reforçam a relevância de abordagens preventivas que integrem estresse de minoria, regulação emocional e contextos socioculturais na compreensão e no enfrentamento da violência por parceiro íntimo.

3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo verificar a viabilidade de desenvolver, implementar e avaliar um programa psicoeducativo online de prevenção secundária da violência entre parceiros íntimos voltado a homens gays cis solteiros. Considerando o conjunto dos resultados, os achados indicam que o programa representa um passo inicial no desenvolvimento de intervenções preventivas sensíveis às especificidades dessa população. Os níveis observados de aceitabilidade, implementação e praticidade, assim como os efeitos preliminares identificados, sugerem que a proposta é possível e potencialmente pertinente, ainda que seus impactos devam ser compreendidos como exploratórios e preliminares.

Os resultados apontam que a intervenção possibilitou promover espaços de reflexão, troca de experiências e ampliação da compreensão sobre dinâmicas relacionais e emocionais, elementos centrais para a prevenção da violência em contextos marcados por estigmatização e invisibilidade. No entanto, tais contribuições devem ser interpretadas à luz das limitações do estudo e não permitem inferências conclusivas sobre eficácia ou generalização dos efeitos observados.

Entre as principais limitações metodológicas, destacam-se o número reduzido de participantes, a heterogeneidade da amostra, a delimitação a um grupo específico (homens gays cis solteiros) e o delineamento quase-experimental, que restringe a possibilidade de estabelecer relações causais. A utilização de instrumentos extensos, como a versão completa da Escala de Táticas de Conflito, pode ter contribuído para fadiga dos participantes e impactado a adesão ao estudo. Além disso, o formato exclusivamente virtual e a ausência de parcerias institucionais com organizações da sociedade civil ou serviços especializados limitaram o alcance e a inserção territorial da intervenção.

Esses impasses indicam caminhos importantes para investigações futuras. Estudos subsequentes podem se beneficiar da ampliação do número de participantes, da inclusão de grupos de comparação equivalentes, do acompanhamento longitudinal dos efeitos e do aumento do número de sessões, de modo a favorecer maior diluição dos conteúdos e aprofundamento das discussões. Como possibilidade futura, destaca-se a adoção da pesquisa-ação, entendida como um processo colaborativo que articula investigação e intervenção de forma contínua (Lewin, 1946; Thiollent, 2011). Essa perspectiva dialoga com abordagens críticas que reconhecem o conhecimento como situado e comprometido com a transformação social (Carneiro, 2003). Orienta-se também a aplicação do Método JT para identificar a significância clínica e mudança confiável da intervenção proposta conforme Del Prette e Del Prette (2008). No que se refere aos instrumentos, recomenda-se o uso de versões abreviadas ou a tipos específicos de estressores minoritários como a homonegatividade internalizada. Sugere-se também delimitar a proposta em uma modalidade de violência (por exemplo, a psicológica ou a sexual), ou a incorporação de formas contemporâneas de violência digital (como *cyberstalking*, pornografia de vingança e difamação em redes sociais).

Por fim, ressalta-se a importância de que futuras iniciativas sejam articuladas a políticas públicas e estratégias intersetoriais já em curso. A Agenda Nacional de Combate à Violência contra Pessoas LGBTQIA+, instituída pela Portaria nº 756/2023 do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, constitui um marco relevante para o estabelecimento de parcerias com serviços de cuidado, proteção, monitoramento de dados e prevenção da LGBTfobia. A aproximação entre produção científica, políticas públicas e práticas institucionais pode ampliar a sustentabilidade e o impacto de programas preventivos, contribuindo para a promoção de relações afetivas mais seguras e horizontais.

REFERÊNCIAS

- Bacchus, L. J., Buller, A. M., Ferrari, G., Brzank, P., & Feder, G. (2016). “He sees it as a woman’s issue”: Men’s accounts of intimate partner violence victimization in heterosexual relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 31(2), 306–330.
- Berg, R. C., Munthe-Kaas, H. M., & Ross, M. W. (2016). Internalized homonegativity: A systematic mapping review of empirical research. *Journal of Homosexuality*, 63(4), 541–558.
- Bowen, D. J., Kreuter, M., Spring, B., Cofta-Woerpel, L., Linnan, L., Weiner, D., & Fernandez, M. (2009). How we design feasibility studies. *American Journal of Preventive Medicine*, 36(5), 452–457.
<https://doi.org/10.1016/j.amepre.2009.02.002>
- Brasil. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. (2023). Portaria nº 756, de 5 de dezembro de 2023: Institui a Estratégia Nacional de Enfrentamento à Violência contra Pessoas LGBTQIA+.
<https://www.gov.br/mdh/pt-br/acao-a-informacao/institucional/portarias/portaria-no-756-de-5-de-dezembro-de-2023>
- Braz, M. (2005). A construção da subjetividade masculina e seu impacto sobre a saúde do homem: reflexão bioética sobre justiça distributiva. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10, 97-104.
- Bronfenbrenner, U. (2000). Ecological systems theory. *American Psychological Association*.

- Callan, A., Corbally, M., & McElvaney, R. (2021). A scoping review of intimate partner violence as it relates to the experiences of gay and bisexual men. *Trauma, Violence, & Abuse*, 22(2), 233–248.
- Cardoso, B. L. A. (2021). CONECTE: atualização de medida psicométrica e construção/avaliação de um programa de treinamento de habilidades sociais conjugais para casais de diferentes orientações sexuais (Tese de doutorado). Universidade Federal de São Carlos.
<https://repositorio.ufscar.br/server/api/core/bitstreams/eda2365e-a4cb-46ff-b888-6f4b239a8824/content>
- Cardoso, B. L. A., Paim, K., Catelan, R. F., & Liebross, E. H. (2023). Minority stress and the inner critic/oppressive sociocultural schema mode among sexual and gender minorities. *Current Psychology*, 42(23), 19991–19999.
- Carneiro, S. (2003). Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In A. S. H. Ashoka & J. Werneck (Orgs.), *Racismos contemporâneos* (pp. 49–58). Takano Editora.
- Catelan, R. F., & Sardinha, A. (Orgs.). (2023). *Manual de gênero e sexualidade na psicoterapia: Fundamentos teóricos e intervenções clínicas* (1ª ed.). Sinopsys.
- Cezario, A. C. F., Fonseca, D. S., do Carmo Lopes, N., & Lourenço, L. M. (2015). Violência entre parceiros íntimos: uma comparação dos índices em relacionamentos hetero e homossexuais. *Temas em Psicologia*, 23(3), 565–575.
- Coelho, E. B. S., Silva, A. D., & Lindner, S. R. (2018). *Violência por parceiro íntimo: definições e tipologias*. Universidade Federal de Santa Catarina.

- Costa, L. G., Machado, C., & Antunes, R. (2011). Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade. *Psychologica*, 1, 2–15.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2008). Significância clínica e mudança confiável na avaliação de intervenções psicológicas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24, 497–505. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000400013>
- de Souza, D. C., da Silva, M. A., & Beiras, A. (2022). Violência Íntima entre Homens que se Relacionam com Homens-Revisão da Literatura. *Estudos e pesquisas em Psicologia*, 22(4), 1709-1728.
- Decker, M., Littleton, H. L., & Edwards, K. M. (2018). An updated review of the literature on LGBTQ+ intimate partner violence. *Current sexual health reports*, 10(4), 265-272.
- Domingos, V. A. C., & de Lira, A. N. (2024). Risk and protective factors associated with intimate partner violence with gay men: A scoping review. *Trauma, Violence, & Abuse*, 25(3), 2264–2281.
- Edwards, K. M., Sylaska, K. M., & Neal, A. M. (2015). Intimate partner violence among sexual minority populations: A critical review of the literature and agenda for future research. *Psychology of Violence*, 5(2), 112–121.
- Fetters, M. D., & Molina-Azorin, J. F. (2020). The Journal of Mixed Methods Research starts a new decade: The mixed methods research integration trilogy and its dimensions. *Journal of Mixed Methods Research*, 14(3), 281–284. <https://doi.org/10.1177/1558689820914293>

- Freitas, J. M. A., Santos, N. C., Rocha, N. D. S., & Maranhão, T. A. (2025). Violência contra minorias sexuais e de gênero no Brasil: Uma revisão integrativa. *Revista Piauiense de Enfermagem*, 7(1).
- Gutmann, M. C., & Vigoya, M. V. (2005). Masculinities in Latin America. *Handbook of studies on men and masculinities*, 114-128.
- Huster, S., Xavier Hall, C. D., Signorelli, M. C., & Evans, D. P. (2026). Intimate Partner Violence Among LGBTQ+ Adults in Latin America and the Caribbean: A Systematic Review and Meta-Analysis. *Trauma, Violence, & Abuse*, 27(1), 215-239.
- Kimmel, M. S. (2016). Masculinidade como homofobia: medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero (S. M. Takakura Trad.). *Equatorial – Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Antropologia Social*, 3(4), 97–124. <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/14910> (Trabalho original publicado em 1994)
- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B., & Lozano, R. (2002). Relatório mundial sobre violência e saúde. Organização Mundial da Saúde.
- Lewin, K. (1946). Action research and minority problems. *Journal of Social Issues*, 2(4), 34–46. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1946.tb02295.x>
- Liu, M., Cai, X., Hao, G., Li, W., Chen, Q., Chen, Y., & Xiong, P. (2021). Prevalence of intimate partner violence among men who have sex with men: An updated systematic review and meta-analysis. *Sexual Medicine*, 9(6), 100433.

- Longobardi, C., & Badenes-Ribera, L. (2017). Intimate partner violence in same-sex relationships and the role of sexual minority stressors: A systematic review of the past 10 years. *Journal of Child and Family Studies*, 26(8), 2039–2049.
- Mayer, J. D., Caruso, D. R., Sitarenios, G., & Escobar, M. R. (2024). How many emotional intelligence abilities are there? An examination of four measures of emotional intelligence. *Personality and Individual Differences*, 219, 112468.
- McKim, C. A. (2017). The value of mixed methods research: A mixed methods study. *Journal of Mixed Methods Research*, 11(2), 202–222.
<https://doi.org/10.1177/1558689815607096>
- Miguel, F. K. (2024). *Emoções & inteligência emocional* (1ª ed.). Vetor.
- Minayo, M. C. D. S. (2006). *Violência e saúde*. Editora Fiocruz.
- Minayo, M. C. D. S. (2013). Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva. In *Impactos da violência na saúde* (pp. 21-42).
- Monteiro, M. R., & Soares, D. F. (2025). Cisheteronormatividade como fato social: Origem e sustentáculo da LGBTfobia. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 36, 1234. <https://doi.org/10.35919/rbsh.v36.1234>
- Moura, L. W. F., Rocha, A. S., da Cunha, A. M. S., da Silva Rodrigues, J., & da Silva Trajano, J. M. (2023). Violência doméstica e população LGBTQ+: Uma revisão integrativa. *Psicologia e Saúde em Debate*, 9(1), 440–455.
- Mussi, S. V., & Malerbi, F. E. K. (2020). Revisão de estudos que empregaram intervenções afirmativas para LGBTQI+ sob uma perspectiva

analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 22(1). <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v22i1.1438>

O’Cathain, A., Croot, L., Duncan, E., Rousseau, N., Sworn, K., Turner, K., Yardley, L., & Hoddinott, P. (2019). Guidance on how to develop complex interventions to improve health and healthcare. *BMJ Open*, 9(8), e029954. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2019-029954>

Pachankis, J. E., Mahon, C. P., Jackson, S. D., Fetzner, B. K., & Bränström, R. (2020). Sexual orientation concealment and mental health: A conceptual and meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 146(10), 831–859.

Puigvert, L., Garcia-Yeste, C., Aguilar, C., & Merrill, B. (2019). Placing victims at the center: A qualitative analysis of intimate partner violence. *Qualitative Research in Psychology*, 16(4), 587–609. <https://doi.org/10.1080/14780887.2019.1605278>

Ribeiro, A. R. (2021). Inteligência emocional em vítimas de violência por parceiro íntimo (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de São Carlos.

Roese, A., Gerhardt, T. E., Souza, A. C. D., & Lopes, M. J. M. (2006). Diário de campo: construção e utilização em pesquisas científicas. *Online braz. j. nurs.*(Online). <https://doi.org/10.17665/1676-4285.2006598>

Rodrigues, L., Nogueira, C., & de Oliveira, J. M. (2010). Violência em casais LGB: Estudo preliminar. In C. Nogueira & J. M. de Oliveira (Orgs.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero* (pp. 243–266). Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.

Thiollent, M. (2011). Metodologia da pesquisa-ação (18ª ed.). Cortez.

Trombetta, T., Balocco, V., Santoniccolo, F., Paradiso, M. N., & Rollè, L. (2023).

Internalized homonegativity, emotion dysregulation, and isolating behaviors
perpetration among gay and lesbian couples. International Journal of
Environmental Research and Public Health, 20(2), 1593.

<https://doi.org/10.3390/ijerph20021593>

Wei, D., Hou, F., Cao, W., Hao, C., Gu, J., Peng, L., & Li, J. (2020). Effects of
emotion regulation and perpetrator-victim roles in intimate partner violence on
mental health problems among men who have sex with men in China.
Epidemiology and psychiatric sciences, 29, e159.

4. CONCLUSÕES GERAIS

4.1 Principais achados e contribuições

Esta dissertação partiu do reconhecimento de que a violência por parceiro íntimo (VPI) entre homens gays permanece subdimensionada no contexto brasileiro, apesar das evidências internacionais que apontam sua relevância como problema de saúde pública e de direitos humanos. Os resultados do estudo quantitativo revelaram elevada prevalência de envolvimento em comportamentos abusivos no último ano, com destaque para a violência psicológica e para a expressiva bidirecionalidade nas dinâmicas relacionais. A predominância de participantes que ocuparam simultaneamente os papéis de vítima e agressor desafia modelos explicativos lineares e reforça a necessidade de compreender a VPI como um fenômeno multifatorial, produzido na intersecção entre processos individuais, relacionais e socioculturais.

As associações mais consistentes entre experiências de estigma e diferentes formas de violência indicam que o estresse de minoria não opera de maneira isolada ou simplificada. A ausência de associação direta entre homonegatividade internalizada e VPI sugere que seus efeitos podem ocorrer de forma indireta, mediados por processos interpessoais e contextuais. Em conjunto, esses achados apontam para a importância de análises que articulem dimensões individuais, relacionais e sociocomunitárias, ampliando o escopo interpretativo utilizado para compreender a violência nas relações íntimas.

Ao avançar para a dimensão interventiva, o estudo de viabilidade demonstrou que uma proposta psicoeducativa remota pode ser aceitável, implementável e pertinente para homens gays. A percepção de segurança psicológica, o engajamento dos participantes e as reflexões produzidas ao longo do processo indicam que espaços estruturados de diálogo e aprendizagem emocional podem contribuir para romper silenciamentos, qualificar o reconhecimento de comportamentos abusivos e fortalecer estratégias de enfrentamento. O

formato remoto mostrou-se particularmente promissor por ampliar o alcance geográfico da intervenção e reduzir barreiras de acesso enfrentadas por essa população.

A utilização da inteligência emocional como eixo psicoeducativo da intervenção em grupo revelou-se especialmente relevante. Ao favorecer a identificação, compreensão e regulação das emoções, a proposta dialoga questiona normas de masculinidade que historicamente restringem a expressão afetiva e a busca por apoio. Nesse sentido, a inteligência emocional emerge como um recurso para ampliar repertórios relacionais, fortalecer habilidades interpessoais e promover maior discernimento sobre dinâmicas relacionais equitativas e sobre situações marcadas por poder, controle e violência. Esses resultados apresentam implicações importantes para a formação profissional e para o desenvolvimento de práticas de cuidado sensíveis às especificidades de homens gays nos campos da saúde, assistência social e direitos humanos.

4.2 Limitações da dissertação

Algumas limitações devem ser consideradas na interpretação dos resultados. O primeiro estudo adotou delineamento transversal e amostragem por conveniência, o que restringe inferências causais e limita a generalização dos achados para a população brasileira de homens gays. Além disso, os participantes foram recrutados predominantemente por meio de redes sociais e espaços virtuais relacionados à população LGBTQ+, o que pode ter favorecido a participação de indivíduos com maior integração de sua identidade sexual, familiaridade com temas relacionados à diversidade sexual ou interesse prévio na temática investigada.

Também não se pode descartar a possibilidade de que pessoas com experiências prévias de violência tenham demonstrado maior interesse em participar da pesquisa, contribuindo para estimativas mais elevadas de prevalência. Considerando a heterogeneidade

das vivências de homens gays no Brasil, os resultados devem ser interpretados com cautela, sobretudo em relação a grupos menos representados na amostra.

Adicionalmente, o uso de medidas de autorrelato pode estar sujeito a vieses de memória e desejabilidade social, especialmente em um fenômeno sensível, estigmatizado e frequentemente silenciado como a VPI. No estudo interventivo, o reduzido número de participantes e o caráter piloto da proposta exigem cautela quanto à extrapolação dos resultados observados.

4.3 Direções para pesquisas futuras

Os resultados desta dissertação também evidenciam importantes desafios científicos ainda em aberto. A associação observada entre experiências de estigma e diferentes formas de VPI sugere a necessidade de investigações capazes de identificar mecanismos mediadores e moderadores que explicam essa relação, incluindo fatores como regulação emocional, suporte social, saúde mental, estratégias de enfrentamento e qualidade dos relacionamentos. Tal agenda dialoga diretamente com o modelo de estresse de minoria (Meyer, 2003), segundo o qual experiências de discriminação produzem impactos sobre a saúde e os relacionamentos por meio de processos psicossociais intermediários. De forma complementar, evidências recentes sugerem que a homonegatividade internalizada pode influenciar o funcionamento dos relacionamentos de maneira indireta e contextual, interagindo com características da parceria e do ambiente relacional (Chen et al., 2024; Chotgues, 2025).

A expressiva bidirecionalidade observada reforça igualmente a importância de estudos que examinem os significados, contextos e motivações associados à violência, distinguindo conflitos situacionais, comportamentos coercitivos persistentes e possíveis estratégias de resistência ou autodefesa (Johnson, 2008). Nesse sentido, delineamentos longitudinais, diádicos e de métodos mistos podem contribuir para compreender de forma

mais refinada como fatores individuais, relacionais e contextuais interagem ao longo do tempo na produção e manutenção da violência (Andrade et al., 2017).

Outra direção promissora consiste na ampliação da caracterização das dinâmicas relacionais investigadas. Aspectos como histórico afetivo-sexual, número de relacionamentos prévios, duração das relações, acordos relacionais, qualidade da comunicação, satisfação sexual e motivos associados a rompimentos podem contribuir para uma compreensão mais abrangente dos fatores de risco e proteção envolvidos na VPI. Estudos recentes têm demonstrado que variáveis relacionais desempenham papel central no bem-estar e na satisfação de casais de homens, indicando seu potencial para enriquecer modelos explicativos futuros (Newcomb et al., 2021).

Também se mostra fundamental incorporar perspectivas interseccionais que considerem marcadores sociais de poder como raça/cor, etnia, classe social, escolaridade, território, geração, identidade de gênero e orientação sexual, bem como indicadores de saúde mental e uso de substâncias lícitas e ilícitas. Ademais, o predomínio da violência psicológica encontrado nesta pesquisa reforça a necessidade de instrumentos mais sensíveis às especificidades das relações entre pessoas do mesmo sexo e do mesmo gênero, incluindo formas de abuso relacionadas à orientação sexual, à visibilidade da relação, ao controle da identidade e às experiências de estigma (Stephenson & Finneran, 2013).

Por fim, os achados reforçam a relevância de ampliar o investimento em pesquisas longitudinais, estudos diádicos e avaliações de eficácia e de efetividade de intervenções afirmativas, utilizando delineamentos experimentais e acompanhamentos capazes de examinar a manutenção dos efeitos observados ao longo do tempo (Bowen et al., 2009; Whitton et al., 2016). Em conjunto, essas direções podem contribuir para o aperfeiçoamento de modelos explicativos da VPI entre homens gays e para a construção de estratégias

preventivas baseadas em evidências, culturalmente sensíveis às especificidades das populações LGBTQ+.

4.4 Considerações finais

Apesar das limitações apontadas, os achados aqui apresentados contribuem para deslocar a violência por parceiro íntimo entre homens gays do campo da invisibilidade para o da investigação sistemática. Ao integrar produção de evidências quantitativas e desenvolvimento de uma proposta preventiva, esta dissertação oferece contribuições simultaneamente científicas e aplicadas para o avanço do campo.

Os resultados reforçam a necessidade de compreender a VPI a partir de uma perspectiva ecológica e multifatorial, capaz de articular experiências de estigma, processos emocionais, dinâmicas relacionais e contextos socioculturais mais amplos. Mais do que um fenômeno restrito ao âmbito privado, a violência nas relações íntimas entre homens gays pode ser entendida como um problema permeado por desigualdades sociais, normas de gênero, processos de exclusão e condições estruturais que moldam as experiências afetivas e relacionais.

Trata-se de um passo inicial, mas necessário, na consolidação de um campo de pesquisa comprometido com rigor científico e responsabilidade social. Espera-se que os conhecimentos produzidos contribuam para o desenvolvimento de modelos explicativos mais abrangentes, aplicação e desenvolvimento de instrumentos mais sensíveis às especificidades das populações LGBTQ+ e intervenções capazes de promover relacionamentos afetivo-sexuais baseados na não violência. Para isso, almeja-se a construção de relações pautadas pela equidade e pela responsabilização, valorizando princípios como o respeito à individualidade, a confiança e o apoio mútuo, a honestidade, a comunicação não ameaçadora, a parentalidade responsável e a resolução colaborativa de conflitos (Lekkas, 2019).

Referências da apresentação e da conclusão da dissertação

- Andrade, A. L. D., Cassepp-Borges, V., Ferrer, E., & Sanchez-Aragón, R. (2017).
Análises de dados diádicos: Um exemplo a partir da pesquisa com casais.
Trends in Psychology, 25(4), 1571–1588. <https://doi.org/10.9788/TP2017.4-05>
- Bowen, D. J., Kreuter, M., Spring, B., Cofta-Woerpel, L., Linnan, L., Weiner, D.,
Bakken, S., Kaplan, C. P., Squiers, L., Fabrizio, C., & Fernandez, M. (2009).
How we design feasibility studies. American Journal of Preventive Medicine,
36(5), 452–457. <https://doi.org/10.1016/j.amepre.2009.02.002>
- Brasil. Supremo Tribunal Federal. (2011). Ação Direta de Inconstitucionalidade n.º
4277 e Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental n.º 132.
Supremo Tribunal Federal.
- Brasil. Conselho Nacional de Justiça. (2013). Resolução nº 175, de 14 de maio de
2013: Dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil ou conversão
de união estável em casamento entre pessoas de mesmo sexo. Conselho
Nacional de Justiça.
- Brasil. Supremo Tribunal Federal. (2018). Ação Direta de Inconstitucionalidade n.º
4275. Supremo Tribunal Federal.
- Brasil. Supremo Tribunal Federal. (2019). Ação Direta de Inconstitucionalidade por
Omissão n.º 26 e Mandado de Injunção n.º 4733. Supremo Tribunal Federal.
- Brasil. Supremo Tribunal Federal. (2020). Ação Direta de Inconstitucionalidade n.º
5543. Supremo Tribunal Federal.
- Brasil. Conselho Nacional de Justiça. (2020). Resolução nº 348, de 13 de outubro de
2020: Estabelece diretrizes e procedimentos a serem observados pelo Poder
Judiciário no tratamento da população LGBTQIA+ privada de liberdade.
Conselho Nacional de Justiça

- Brasil. Conselho Nacional de Justiça. (2023). Resolução nº 492, de 17 de março de 2023: Institui diretrizes para adoção de perspectiva de gênero nos julgamentos do Poder Judiciário e formação de magistradas e magistrados. Conselho Nacional de Justiça
- Brasil. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. (2023). Portaria nº 756, de 5 de dezembro de 2023: Institui a Estratégia Nacional de Enfrentamento à Violência contra Pessoas LGBTQIA+. Diário Oficial da União.
- Breiding, M. J., Chen, J., & Walters, M. L. (2013). The National Intimate Partner and Sexual Violence Survey (NISVS): 2010 findings on victimization by sexual orientation. National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention.
- Chen, S., Murphy, D., & Joseph, S. (2024). Dispositional authenticity, internalised homonegativity, and relationship quality in same-gender couples: An actor-partner interdependence moderation model. *Psychology & Sexuality*, 15(1), 127–146. <https://doi.org/10.1080/19419899.2023.2231473>
- Chotgues, J.d., Arnoud , T.d. & Habigzang, L.F. Intimate partner violence amongst Brazilian lesbian women: mental health indicators, social support and minority stress. *Psicol. Refl. Crít.* 38, 35 (2025).
<https://doi.org/10.1186/s41155-025-00371-0>
- Conselho Federal de Psicologia. (1999). Resolução CFP nº 01/1999, de 22 de março de 1999: Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual.
https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf
- Costa, A. B., Paveltchuk, F., Lawrenz, P., Vilanova, F., Borsa, J. C., Damásio, B. F., ... & Dunn, T. (2020). Protocolo para avaliar o estresse de minoria em lésbicas,

gays e bissexuais. *Psico-USF*, 25(2), 207–222.

<https://doi.org/10.1590/1413-82712020250201>

De Souza, D. C., Da Silva, M. A., & Beiras, A. (2022). Violência íntima entre homens que se relacionam com homens: Revisão da literatura. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 22(4), 1709–1728. <https://doi.org/10.12957/epp.2022.71775>

Decker, M., Littleton, H. L., & Edwards, K. M. (2018). An updated review of the literature on LGBTQ+ intimate partner violence. *Current Sexual Health Reports*, 10(4), 265–272.

Domingos, V. A. C. (2024). Violência nas relações íntimas entre homens gays: Fatores de risco, fatores de proteção e impactos psicossociais (Dissertação de mestrado, Universidade de Fortaleza). Repositório Institucional da UNIFOR. <https://biblioteca.sophia.com.br/terminalri/9575/acervo/detalhe/591441>

Domingos, V. A. C., & de Lira, A. N. (2024). Risk and protective factors associated with intimate partner violence with gay men: A scoping review. *Trauma, Violence, & Abuse*, 25(3), 2264–2281. <https://doi.org/10.1177/15248380231209738>

Grupo Gay da Bahia. (2026). Observatório de mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil: Relatório 2025. Grupo Gay da Bahia. <https://grupogaydabahia.com.br/wp-content/uploads/2026/01/RELEASE-Mortes-Violentas-de-LGBT%5EM%5EJ-2025-GGB.pdf>

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [Ipea], & Fórum Brasileiro de Segurança Pública [FBSP]. (2023). Atlas 2023: População LGBTQI+. <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/282/atlas-2023-populacao-lgbtqi>

- Johnson, M. P. (2008). A typology of domestic violence: Intimate terrorism, violent resistance, and situational couple violence. Northeastern University Press.
- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B., & Lozano, R. (2002). Relatório mundial sobre violência e saúde. Organização Mundial da Saúde.
- Lekkas, A. (2019). Equity & accountability wheel: Ways to increase safety while gay men attend an LGBTI behaviour change program . Thorne Harbour Health. Adaptado do Equality Wheel do Domestic Abuse Intervention Programs (Duluth Model).
- <https://www.theduluthmodel.org/wp-content/uploads/2019/08/Equity-and-Accountability-Thorne-Harbour-Health.pdf>
- Lopes Junior, A., Ciasca, S. V., Cunha Junior, L. V. S. da, & Albano, R. I. P. (2021). Homens cis gays. In S. V. Ciasca, A. Hercowitz, & A. Lopes Junior (Eds.), Saúde LGBTQIA+: Práticas de cuidado transdisciplinar. Manole.
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129(5), 674–697. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.5.674>
- Minayo, M. C. S. (2020). Conceitos, teorias e tipologias de violência: A violência faz mal à saúde. In K. Njaine, S. G. Assis, P. Constantino, & J. Q. Avanci (Eds.), Impactos da violência na saúde (4ª ed. atual., pp. 19–42). Editora Fiocruz. <https://doi.org/10.7476/9786557080948.0003>
- Minayo, M. C. de S. (2006). Violência e saúde. Editora Fiocruz.
- Newcomb, M. E., Swann, G., Ma, J., Moskowitz, D., Bettin, E., Macapagal, K., & Whitton, S. W. (2021). Interpersonal and Intrapersonal Influences on Sexual Satisfaction in Young Male Couples: Analyses of Actor-Partner

Interdependence Models. *The Journal of Sex Research*, 58(2), 183–194.

<https://doi.org/10.1080/00224499.2020.1820933>

Quinalha, R. (2022). *Movimento LGBTI+: Uma breve história do século XIX aos nossos dias*. Autêntica Editora.

Rodrigues, L., Nogueira, C., & de Oliveira, J. M. (2010). Violência em casais LGB: Estudo preliminar. In C. Nogueira & J. M. de Oliveira (Orgs.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero* (pp. 243–266). Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.

Rollè, L., Giardina, G., Caldarera, A. M., Gerino, E., & Brustia, P. (2018). When intimate partner violence meets same-sex couples: A review of same-sex intimate partner violence. *Frontiers in Psychology*, 9, Article 1506.

<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01506>

Stephenson, R., & Finneran, C. (2013). The IPV-GBM Scale: A new scale to measure intimate partner violence among gay and bisexual men. *PLoS ONE*, 8(6), e62592. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0062592>

Vasconcelos, N. M. D., et al. (2023). Violência contra pessoas LGB+ no Brasil: Análise da Pesquisa Nacional de Saúde 2019. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 26, e230005.

Whitton, S. W., Newcomb, M. E., Messinger, A. M., Byck, G., & Mustanski, B. (2019). A Longitudinal Study of IPV Victimization Among Sexual Minority Youth. *Journal of Interpersonal Violence*, 34(5), 912-945.

<https://doi.org/10.1177/0886260516646093>

ANEXO I - Roteiro com as perguntas feitas para a produção dos vídeos disponibilizados como material psicoeducativo

Vídeo 1 - Tema: Emoções e Sentimentos

1. Por que nós sentimos emoções?
2. A gente costuma falar "Eu estou me sentindo feliz, decepcionada". Isso é emoção, é sentimento? Eles são a mesma coisa?
3. Duas pessoas podem passar pela mesma situação e ter sentimentos diferentes, por que isso ocorre?
4. Dá pra dizer que isso tem a ver com o nosso passado? as relações que tivemos na infância, por exemplo, com as pessoas cuidadoras?
5. Então, como podemos reconhecer as emoções e o que sentimos?
6. E todas as emoções têm um papel importante?
7. Fabiano, me parece que isso tem a ver com inteligência emocional. Você poderia dar um breve histórico sobre esse conceito e o que significa?
8. Então a inteligência emocional é um conjunto de habilidades, e não uma coisa só?
9. E as pessoas já nascem com essas habilidades? ou elas podem ser desenvolvidas? (teorias inteligência, predisposição, mas ambiente determina (ex. piano), IE igual, cuidadores guiam)
10. Nesse sentido, como você comentou a regulação emocional faz parte desse conjunto de habilidades, certo?

Vídeo 2 - Tema: Regulação Emocional

1. O que é regulação emocional?
2. Como a gente faz pra regular as nossas emoções? E quais são as estratégias de regulação emocional?

3. Você pode dar exemplos de situações que ilustram uma boa regulação emocional?
4. Quais são as consequências a curto e médio prazo de usar estratégias inadequadas de regulação emocional?
5. E a raiva, é uma emoção muito presente, mas difícil de manejar. Por que é tão difícil manejar a raiva?
6. Então existe uma raiva "pra fora" e uma raiva "pra dentro"?
7. Como as pessoas podem entender como elas estão regulando as emoções?

Vídeo 3 - Tema: Habilidades Sociais: Comunicação e Assertividade

1. Para iniciar, você poderia explicar brevemente o que são habilidades sociais e qual é a importância delas nos relacionamentos, em especial os amorosos?
2. Quais são os estilos de comunicação? Como identificar e diferenciar os estilos de comunicação?
3. E quais os impactos de cada um deles para o dia a dia e as relações interpessoais?
4. Uma dúvida, as pessoas possuem apenas um estilo de comunicação ou depende de fatores como o contexto?
5. Sabemos que a comunicação é um aspecto fundamental de qualquer relacionamento. O que significa ter uma comunicação saudável em um relacionamento, especialmente para quem passou por experiências abusivas no passado?
6. Como alguém que passou por um relacionamento abusivo pode reaprender a ser assertivo, especialmente quando essa pessoa teve suas vontades e necessidades constantemente invalidadas no passado?
7. Muitas pessoas enfrentam dificuldades em estabelecer limites claros em suas interações sociais. Como a comunicação assertiva pode ajudar na construção de limites e na proteção do próprio bem-estar emocional?

8. Às vezes, há medo de falar abertamente sobre um determinado assunto ou acontecimento por receio de criar conflitos. Como é possível expressar sentimentos e necessidades sem gerar brigas ou ressentimentos? Você poderia nos contar exemplos ou estratégias para usar em momentos que podem surgir tensão.
9. Como reconhecer os próprios padrões de comunicação e identificar em que áreas há necessidade de mudança ou melhoria para se construir relações mais saudáveis?
10. O que você recomenda para alguém que está tentando mudar seu estilo de comunicação, mas que ainda lida com a insegurança e tem dúvidas de por onde começar?
11. Para finalizar, quais são os maiores benefícios de adotar uma comunicação assertiva, tanto no contexto de relacionamentos amorosos quanto no desenvolvimento pessoal?

Vídeo 4 - Enfrentamento da violência em relacionamentos afetivo-sexuais

1. O que é violência entre parceiros íntimos?
2. O que é ciclo da violência? Dá pra dizer que existem padrões que se repetem em relações violentas?
3. Como se proteger diante desses padrões e estabelecer limites saudáveis?
4. Quais são fatores que aumentam ou diminuem o risco de alguém sofrer ou praticar violência entre parceiros íntimos?
5. As relações entre pessoas LGBTs também têm outros fatores que podem aumentar ou diminuir o risco de sofrer ou praticar violências em suas relações?
6. Quais são as consequências a curto, médio e longo prazo de sofrer ou praticar algum tipo de violência nos relacionamentos íntimos?
7. Quais são as diferenças entre relacionamentos íntimos saudáveis e não saudáveis?

Vídeo 5 - Sexualidade

1. A sexualidade pode ser entendida como um campo de disputa? O que isso significa?
2. Quais são os efeitos psicológicos da sexualidade ser um campo de disputa na construção subjetiva de homens gays?
3. E o estresse de minoria pode ser um dos efeitos psicológicos?
4. Como a masculinidade pode influenciar nos processos de construção da identidade?
5. Como essa masculinidade se reverbera para os homens gays?
6. Você atua hoje na clínica de acordo com a Teoria comportamental cognitiva, eu acho que vale aqui a gnt trazer melhor sobre conceitos importantes e que falamos na última pergunta, como por exemplo, o que é crença? Como elas se formam?
7. Na clínica, como você trabalha com mudança de crenças?
8. Agora você pode falar mais sobre formas saudáveis de experienciar a sexualidade e referências.

Anexo II - Questionário de Revisão do Conteúdo

Primeira revisão

Conteúdos: Emoções e sentimentos

1) Quais são as funções da emoção?

- ☒ Comunicar o que está acontecendo com a gente
- ☐ Confundir nossos pensamentos e dificultar a tomada de decisões.
- ☒ Preparar nosso corpo para uma ação
- ☐ Causar reações negativas

Feedback das respostas corretas

As emoções são parte do processo de tomar decisão, pois elas trazem informações que nos ajudam a avaliar o que é importante no ambiente interno ou externo e então decidir. Melhor que tentar evitar a emoção na hora de tomar uma decisão é reconhecê-la. As emoções orientam pensamentos e nos movem para a ação necessária, mas também podem ser influenciadas ou geradas por pensamentos.

2) Por que duas pessoas podem passar pela mesma situação e ter interpretações diferentes?

- ☐ Porque as emoções não interferem nas interpretações.
- ☐ Porque o significado das experiências é sempre igual para todo mundo.
- ☒ Cada pessoa tem uma história de vida e isso influencia na forma como ela interpreta o mundo
- ☐ Porque todas as pessoas aprendem a reagir da mesma forma às situações.

Feedback das respostas corretas

As experiências de vida, valores, crenças e emoções de cada pessoa moldam a forma como ela percebe e dá significado às situações. Mesmo vivenciando o mesmo evento, cada indivíduo o interpreta a partir de sua trajetória pessoal e emocional. É isso que torna as reações humanas diversas e únicas.

Feedback das respostas incorretas

As pessoas não aprendem nem reagem de maneira igual. As diferenças culturais, familiares e emocionais influenciam como cada uma entende o que acontece à sua volta. Essa ideia desconsidera a singularidade das experiências humanas.

O significado de uma experiência não é universal – ele depende da forma como cada pessoa sente, pensa e compreende o que vive. Essa alternativa está incorreta porque ignora que as interpretações são subjetivas e influenciadas pela história de cada um.

As emoções interferem na forma como interpretamos uma situação e mesmo passando por um mesmo evento, duas pessoas podem ter emoções diferentes.

3) Quais são as emoções básicas no primeiro filme de Divertidamente?

- ☐ Alegria, Vergonha, Curiosidade e Amor.
- ☒ Alegria, Tristeza, Raiva, Medo e Nojinho.
- ☐ Tristeza, Ciúme, Esperança e Coragem.

4) Quais são as emoções relacionadas ao senso de posse?

- ☒ Inveja e ciúmes
- ☐ Raiva e Tristeza
- ☐ Medo e Frustração

Feedback das respostas corretas

Inveja e Ciúmes surgem quando sentimos que algo que valorizamos (uma relação, um objeto ou reconhecimento) está ameaçado ou desejamos o que outra pessoa possui. Elas estão diretamente ligadas ao senso de posse e à comparação social.

Feedback das respostas incorretas

Raiva e Tristeza podem aparecer em situações envolvendo perda ou frustração, mas não estão especificamente ligadas ao senso de posse.

Medo e Frustração têm funções adaptativas diferentes: o medo prepara o corpo para se proteger de ameaças, e a frustração é uma resposta à frustração de desejos, mas não refletem diretamente o senso de posse.

5) Qual é a sequência apresentada pelo professor Fabiano do conjunto de habilidades chamado Inteligência Emocional?

- ☒ Percepção → Compreensão → Regulação e Gerenciamento
- ☐ Compreensão → Percepção → Regulação e Gerenciamento
- ☐ Regulação e Gerenciamento → Percepção → Compreensão

Feedback das respostas corretas

A Inteligência Emocional envolve primeiro perceber a emoção (o que estou sentindo?), depois compreender o motivo e a função dessa emoção (por que estou sentindo isso?), e por fim regular e gerenciar como agir diante dela (o que faço com essa emoção?). Essa sequência ajuda a lidar de forma saudável com as próprias emoções.

Feedback das respostas incorretas

Começar pela compreensão antes da percepção não é adequado, pois precisamos identificar a emoção antes de entender seu motivo.

Inverter completamente a ordem compromete o processo, já que não se pode gerenciar efetivamente uma emoção antes de reconhecê-la e compreendê-la.

Segunda revisão

Conteúdos: Regulação emocional e Habilidades sociais

1) Quando dizemos que “não existe uma estratégia única que sempre dá certo para regular as emoções”, queremos dizer que:

- ☐ Todas as pessoas tendem a regular emoções de maneira semelhante, já que os processos emocionais básicos são universais e previsíveis.
- ☒ A escolha da estratégia depende de fatores como autoconhecimento, contexto e histórico de vida.
- ☐ As estratégias automáticas são invariavelmente mais eficazes do que as reflexivas, pois exigem menos esforço cognitivo e resposta mais rápida.
- ☒ A flexibilidade emocional é a habilidade de ajustar as próprias estratégias de regulação emocional às demandas de determinada situação a fim de cumprir ou enfrentar de maneira eficaz essas demandas.

Feedback das respostas corretas

A regulação emocional é influenciada por fatores pessoais e contextuais; não existe uma fórmula única porque cada pessoa reage e lida com emoções de formas diferentes, conforme suas experiências e relações. Para que seja de forma eficaz é importante o uso da flexibilidade emocional, ou seja, a capacidade de adaptar as estratégias às circunstâncias e às próprias necessidades.

2) Quando alguém sente raiva, mas não expressa, acumulando ressentimentos e se culpando pelos conflitos, podemos dizer que está apresentando:

- ☐ Raiva voltada para fora, com comportamento assertivo
- ☒ Raiva voltada para dentro, com possível estilo passivo de comunicação

- ☐ Raiva controlada e equilibrada, característica da assertividade
- ☐ Estratégia eficaz de regulação emocional

Feedback das respostas corretas

A raiva voltada para dentro acontece quando a pessoa reprime ou suprime a emoção, internalizando o incômodo. Isso se aproxima de um estilo passivo de comunicação, em que as próprias necessidades não são expressas.

3) João namora Carlos há dois anos. O relacionamento é bom no geral, mas Carlos tem dificuldade em expressar seus incômodos — como quando não quer ir a eventos sociais, o que às vezes chateia João.

Além disso, João se incomoda com o ronco de Carlos, que o mantém acordado à noite, e acabou desenvolvendo muita raiva por causa disso.

Com base nessa situação, identifique quais **estratégias de regulação emocional focadas no problema e focadas na emoção** seriam mais adequadas para Carlos e João, respectivamente.

a) Carlos:

- Focada no problema: Evitar conversar com João para não gerar conflito.
- Focada na emoção: Distrair-se com outras atividades para não pensar nos eventos sociais.

João:

- Focada no problema: Dormir em outro quarto sem avisar Carlos.
- Focada na emoção: Guardar a raiva para não piorar a situação.

b) Carlos:

• Focada no problema: Conversar com João e combinar juntos uma forma de lidar com os convites sociais, expressando seus limites.

• Focada na emoção: Refletir sobre o medo de desagradar João e praticar autocompaixão ao dizer “não”.

João:

- Focada no problema: Discutir com Carlos soluções práticas para o ronco (consulta médica, tampões, rotina de sono).
- Focada na emoção: Reconhecer a raiva, praticar técnicas de relaxamento e buscar conversar com empatia.

c) Carlos:

- Focada no problema: Ignorar a vontade de não ir aos eventos e ceder sempre.
- Focada na emoção: Tentar controlar o incômodo fingindo que não se importa.

João:

- Focada no problema: Pedir que Carlos durma no sofá.
- Focada na emoção: Explodir verbalmente para aliviar a raiva.

d) Carlos:

- Focada no problema: Planejar com João formas de comunicação mais claras sobre seus limites, usando mensagens assertivas (“Prefiro ficar em casa hoje, preciso descansar”).
- Focada na emoção: Observar e validar o próprio desconforto antes de se expressar, usando respiração ou pausa consciente.

João:

- Focada no problema: Buscar soluções práticas junto a Carlos, considerando o bem-estar de ambos.
- Focada na emoção: Usar autorreflexão e empatia para compreender que o ronco não é intencional, reduzindo a irritação antes da conversa.

Com base nessa situação, identifique quais **estratégias de regulação emocional focadas no problema e focadas na emoção** seriam mais adequadas para Carlos e João, respectivamente.

☐ A e C

☐ A e B

☒ B e D

☐ B e C

Feedback das respostas corretas

As alternativas b e d representam o uso equilibrado das duas formas de regulação emocional:

Focada no problema, que busca modificar a situação externa que gera desconforto;

Focada na emoção, que busca modificar a resposta emocional interna diante do problema.

4) Uma consequência comum do uso frequente de estratégias inadequadas de regulação emocional, como reprimir ou negar sentimentos, é:

- ☐ Aumento da clareza emocional
- ☐ Diminuição do estresse fisiológico
- ☒ Maior dificuldade de reconhecer e expressar emoções
- ☐ Melhora na comunicação assertiva

Feedback das respostas corretas

Quando sentimentos são constantemente reprimidos, a pessoa tende a perder a conexão com suas emoções e tem mais dificuldade de expressá-las de forma clara e assertiva.

5) Durante uma discussão, Bruno sente raiva ao perceber que seu parceiro não considerou sua opinião. Ele respira fundo, identifica o que está sentindo e diz: “Eu fiquei frustrado porque esperava participar da decisão. Podemos conversar sobre isso com calma?”

Com base no que aprendemos sobre regulação emocional e habilidades sociais, a resposta de Bruno demonstra:

- ☒ Um estilo de comunicação assertivo, sustentado por autorregulação emocional reflexiva, que permite expressar sentimentos e necessidades de forma equilibrada.
- ☐ Um estilo agressivo, pois expressa frustração e tenta controlar a reação do outro através

do diálogo.

☐ Um estilo passivo, já que evita o confronto direto e prefere manter o clima de harmonia.

☐ Um estilo assertivo automático, em que a resposta é espontânea e não requer reflexão emocional prévia.

Feedback das respostas corretas

Bruno demonstra assertividade ao expressar o próprio sentimento e a necessidade de diálogo, utilizando regulação emocional reflexiva ao reconhecer a raiva antes de agir.

O comportamento assertivo ocupa o ponto de equilíbrio no continuum da comunicação, exigindo autorregulação, empatia e flexibilidade emocional para manter o respeito mútuo e a clareza nas interações.

Terceira revisão

Conteúdos: Enfrentamento da violência em relacionamentos afetivo-sexuais e Sexualidade

1) O conceito de Ciclo da Violência foi desenvolvido pela psicóloga norte-americana Lenore Walker, em 1979, a partir de estudos com mulheres que viviam relacionamentos abusivos. Ela percebeu que a violência não acontecia de forma isolada, mas seguia um padrão repetitivo, composto por três fases principais, que podem ocorrer em diferentes tipos de relações — como em casais do mesmo gênero.

Esse ciclo se mantém porque as emoções intensas vividas em cada fase dificultam o reconhecimento do abuso e a busca por mudança, podendo criar uma sensação de confusão e dependência afetiva.



Com base no que já estudamos sobre emoções e regulação emocional, elenque:

Quais emoções costumam aparecer em cada fase do ciclo (1 – tensão, 2 – violência, 3 – lua de mel)?

Quais estratégias de regulação emocional podem ser usadas na fase 1 para lidar com o conflito e evitar o avanço para a violência?

Feedback das respostas:

Fase 1 – Aumento da tensão

Nesta fase, surgem conflitos, irritação e tensão emocional.

Pequenas discussões ou desacordos se tornam frequentes, e a comunicação fica mais difícil.

Há sentimentos como ansiedade, medo, raiva, frustração ou culpa.

Estratégias de regulação emocional para essa fase:

Reconhecer os sinais corporais da raiva e do estresse (respiração curta, coração acelerado, tensão muscular).

Fazer uma pausa antes de responder, usando técnicas como respiração profunda ou autoafirmação calma (“posso falar sobre isso sem gritar”).

Utilizar a comunicação assertiva (técnica DESC) para expressar o que sente e o que precisa sem acusar o outro.

Buscar um tempo de reflexão individual antes de retomar o diálogo.

Esses são exemplos de práticas que podem interromper o ciclo e evitar que a tensão avance para a próxima fase.

Fase 2 – Ato de violência

Aqui ocorre a explosão da tensão — a violência pode ser nas mais diversas modalidades e severidades, como verbal, psicológica, física, patrimonial e sexual.

As emoções predominantes são raiva intensa, medo, descontrole, desespero e vergonha.

Após o ato, há muitas vezes arrependimento ou justificativas, mas o dano emocional já foi causado.

Fase 3 – “Lua de mel”

Depois da violência, o agressor pode pedir perdão, prometer mudança e demonstrar afeto.

A pessoa agredida, sentindo esperança, confusão, apego ou alívio, tende a acreditar que tudo voltará ao normal.

Com o tempo, porém, as tensões retornam e o ciclo recomeça.

2) Quais atitudes dentro da relação ajudam a construir um ambiente de respeito e proteção mútua?

- ☒ Dividir responsabilidades e decisões de maneira conjunta
- ☒ Validar o sentimento do outro, mesmo quando pensa diferente.
- ☐ Esperar que um dos parceiros “assuma o controle” da relação.
- ☒ Incentivar a autonomia e os projetos individuais de cada um.

3) O que significa assumir responsabilidade pelas próprias emoções e atitudes em um conflito?

(Marque todas que considerar verdadeiras.)

- ☒ Reconhecer quando exagera ou age de forma impulsiva.
- ☐ Culpabilizar o outro por tudo o que aconteceu.
- ☒ Pedir desculpas quando percebe que errou.
- ☒ Refletir sobre o que pode fazer diferente da próxima vez.

Feedback das respostas corretas

Assumir responsabilidade pelas próprias emoções e atitudes significa reconhecer o que é seu dentro do conflito — suas reações, palavras e escolhas — em vez de colocar toda a culpa no outro. Isso não significa aceitar injustiças, mas perceber o próprio papel na situação e agir de forma consciente, com base na regulação emocional.

Quando a pessoa reconhece que exagera ou reage de forma impulsiva, desenvolve compreensão emocional, que é o primeiro passo para mudar o comportamento.

Pedir desculpas quando erra demonstra empatia e responsabilidade afetiva, fortalecendo o respeito na relação.

Refletir sobre o que pode fazer diferente na próxima vez coloca em prática a compreensão e a regulação emocional, prevenindo repetições do conflito.

Culpabilizar o outro impede o crescimento e mantém o ciclo de ataque e defesa.

Em resumo, responsabilizar-se é um ato de maturidade emocional que contribui para resolver conflitos de forma mais saudável e fortalecer vínculos.

4) De que forma o acesso à informação sobre direitos e serviços pode proteger a saúde mental de pessoas LGBTQIAPN+?

Marque a alternativa **incorreta**.

- ☐ Permite identificar situações de risco e agir preventivamente.
- ☐ Facilita o contato com serviços de apoio psicológico, social ou jurídico.
- ☒ Garante que a pessoa nunca enfrentará discriminação ou violência.
- ☐ Aumenta a sensação de segurança e autonomia para tomar decisões.

Feedback das respostas corretas

O acesso à informação é um fator de proteção porque ajuda a pessoa a identificar riscos, agir preventivamente e buscar apoio adequado.

Saber sobre direitos, serviços disponíveis e políticas de proteção reduz sentimentos de insegurança, isolamento e impotência, permitindo que as pessoas tomem decisões conscientes e preservem a saúde mental mesmo diante de situações de discriminação ou preconceito.

ANEXO III - Conteúdo e procedimentos das sessões de intervenção

Tabela 1. Organização da condição experimental			
Número da Sessão e temática dos vídeos	Objetivos da Sessão	Resultados esperados	Agenda
1: nenhum vídeo	1.Apresentação da equipe da ufscar, do programa e de participantes; 2.Estabelecer um acordo conjunto sobre a dinâmica dos encontros;	1. Sanar as dúvidas dos participantes sobre todos os aspectos do programa; 2. Ter um acordo desenvolvido em conjunto que contemple as necessidades do ambiente virtual e das pessoas participantes; 3.Criar um ambiente psicologicamente seguro para que os participantes possam se sentir confortáveis para compartilhar opiniões e experiências.	1.Apresentação da equipe da ufscar (nome, o que faz no projeto, origem do nome) e dos participantes (nome, origem e de onde é) 2.Apresentar o programa, seus objetivos, cronograma, duração total e das sessões 3.Apresentação de participantes por meio de uma dinâmica 4.Estabelecer acordo coletivo sobre a dinâmica dos encontros: regras para o funcionamento adequado da intervenção (<i>levando em consideração o contexto virtual e os tópicos que vamos falar, quais regras podemos estabelecer para aproveitar o momento juntos?</i>); Sugestões: chegar na hora, mutar o microfone quando não estiver falando, levantar

			a mão para falar, desmutar para falar, evitar falar mais de uma pessoa ao mesmo tempo, manter a câmera aberta, dar feedbacks seja nas reuniões ou nos formulários de acompanhamento/avaliação, espaço seguro: não expor o que conversamos nas sessões de; 5. Finalizar com "<i>como foi hoje para vocês?</i>" e reforçar como será na próxima semana: pedir para assistir os vídeos e responder os formulários
2: Emoções e sentimentos	1. Identificar o repertório emocional inicial dos participantes ao longo da vida; 2. Relacionar o desenvolvimento do repertório emocional com a construção das masculinidades e da identidade, bem como seus os impactos atuais;	1. Diferenciar emoção e sentimento; 2. Identificar e caracterizar os elementos principais das cinco emoções básicas: alegria, raiva, medo, nojo e tristeza; 3. Identificar que há uma variedade de emoções disponíveis e que podem ser ampliadas a partir do estudo das básicas;	1. Iniciar perguntando sobre como foi a semana e tirar dúvidas gerais sobre a última sessão; 2. Revisar os assuntos tratados nos vídeos: apresentação e emoções e sentimentos 3. Dinâmica: o que já sei sobre emoções? (quem me ensinou, onde, quando, como e quais emoções?) 4. Psicoeducação: Inteligência emocional com foco na descrição das emoções básicas,

		4. Refletir sobre como os papéis de gênero afetam o aprendizado emocional	elementos e características 5. Discutir sobre a expressão das emoções e a masculinidade com apresentação de um trecho do documentário O silêncio dos homens 6. Finalizar com "<i>como foi hoje para vocês?</i>" e reforçar como será na próxima semana: pedir para assistir os vídeos e responder os formulários
3: Regulação Emocional e Habilidades Sociais	1. Identificar as diferentes estratégias de regulação emocional, repercussões para si mesmo e para as relações; 2. Diferenciar os estilos de comunicação, bem como as principais características de cada um, benefícios e desvantagens para a manutenção dos relacionamentos;	1. Reconhecer estratégias de regulação e desregulação emocional usadas, bem como o contexto, a situação e as repercussões a curto, médio e longo prazo para classificá-las em adequadas ou inadequadas; 2. Refletir acerca das estratégias de regulação adequadas nas diferentes experiências emocionais 3. Identificar que a comunicação assertiva permite a expressão	1. Iniciar perguntando sobre como foi a semana e tirar dúvidas gerais sobre a última sessão; 2. Revisar os assuntos tratados nos vídeos: regulação emocional e habilidades sociais 3. Psicoeducação: Estilos de comunicação: passivo, assertivo e agressivo 4. Dinâmica com o uso da técnica DESC 5. Finalizar com "<i>como foi hoje para vocês?</i>" e reforçar como será na próxima semana: pedir para assistir os vídeos e responder os formulários

		emocional honesta, defesa de direitos de ambos os lados, assim como preserva a relação;	
4: Violência e Sexualidade	1. Revisar o percurso nas últimas semanas, temas e atividades 2. Apresentar e explorar, com base em uma ferramenta psicoeducativa, os principais comportamentos associados a dinâmicas de poder e controle e de equidade em relações íntimas, incentivando a compreensão de seus efeitos nas vivências relacionais por meio de histórias curtas; 3. Finalizar a intervenção em tom de celebração.	1. Identificar comportamentos de poder e controle e comportamentos de igualdade dentro de uma relação afetiva e suas repercussões para as pessoas envolvidas;	1. Iniciar perguntando sobre como foi a semana e tirar dúvidas gerais sobre a última sessão; 2. Revisar os assuntos tratados nos vídeos: violência e sexualidade 3. Psicoeducação: círculo de poder e controle de igualdade; 4. Dinâmica com histórias curtas de relacionamentos em que apresentam resoluções de problemas de negociação e de abuso; 5. Finalizar com <i>"como foi hoje para vocês?"</i> e reforçar como será na próxima semana: pedir para responder os instrumentos do pós-teste.

Sessão 1

Título: Os primeiros passos

Tema: Integração do grupo

Tempo recomendado: 2h

- Apresentação da equipe e dos participantes: 15 min
- Apresentação programa: 15 min
- Tirar dúvidas: 10 min
- Dinâmica de integração: 40 min
- Estabelecer acordo coletivo: 30 min
- Tirar dúvidas e finalizar: 10 min

Propósito: Apresentação da equipe da Ufscar, do programa e dos participantes. Estabelecer um acordo conjunto sobre a dinâmica dos encontros.

Técnicas: De onde vem meu nome?; 3 coisas que me fazem quem sou eu hoje e Brainstorming

Descrição da sessão: Inicialmente, a equipe da UFSCar e o programa foram apresentados. Em seguida, os participantes foram convidados a se apresentarem de forma breve e contar uma história envolvendo seu nome e/ou sobrenome (de onde veio, algum fato interessante, quem escolheu, etc). Depois, os participantes realizaram uma apresentação pessoal envolvendo experiências, eventos, pessoas e histórias que foram fundamentais na sua formação como indivíduo. A proposta foi elencar três experiências, eventos, pessoas ou histórias que os fizeram ser quem são hoje. Após esse momento, o acordo coletivo foi

estabelecido por meio de um brainstorming. Por fim, a facilitadora tirou dúvidas, coletou feedbacks e forneceu informações sobre os próximos encontros.

Sessão 2

Título: Quem te ensinou a sentir? e quem te permitiu?

Tema: Emoções e sentimentos

Tempo recomendado: 2h

- Como foi a semana? 20 min
- Dinâmica: o que já sei sobre emoções?: 20 min
- Revisão sobre emoções e sentimentos: 40 min
- Dinâmica sobre masculinidades e emoções: 30 min
- Tirar dúvidas e finalizar: 10 min

Propósito: Identificar o repertório emocional inicial dos participantes. Relacionar o desenvolvimento do repertório emocional com a construção das masculinidades e da identidade, bem como seus impactos atuais.

Técnicas:

Descrição da sessão: Os participantes foram convidados a participar de uma dinâmica inicial para compartilhar sobre seus repertórios iniciais sobre as emoções e sentimentos até o momento, passando pela infância, adolescência e jovem adultez. Depois, a facilitadora promoveu psicoeducação sobre elementos principais das cinco emoções básicas e a reflexão final sobre expressão das emoções diante a construção das masculinidades e papéis de gênero com o auxílio de um trecho do documentário “O silêncio dos homens”. Por fim, os participantes foram incentivados a compartilhar feedbacks sobre como foi a sessão.

Tarefa: diário de emoções

Conteúdos recomendados:

- [O silêncio dos homens | Documentário completo](#)
- **Filmes: Divertidamente 1 e 2**
- **Livros: Emocionário e o Monstro das cores: doutor das emoções**

Sessão 3:

Título: Em busca da assertividade

Tema: Regulação Emocional e Habilidades Sociais

Tempo recomendado: 2h

- Como foi a semana? 10 min
- Revisão sobre RE e HS: 40 min
- Tirar dúvidas sobre as temáticas: 20 min
- Psicoeducação sobre Assertividade: 20 min
- Dinâmica com a técnica DESC: 20 min
- Tirar dúvidas e finalizar: 10 min

Propósito: Identificar as diferentes estratégias de regulação emocional, repercussões para si mesmo e para as relações

Técnicas: DESC

Descrição da sessão: Inicialmente foi realizada a revisão das temáticas tratadas, bem como esclarecimento de dúvidas e reflexões. Depois, a facilitadora realizou uma psicoeducação sobre assertividade, enfatizando seu papel como uma habilidade social fundamental para a

defesa de direitos pessoais, regulação emocional e prevenção de conflitos interpessoais. Foram discutidos seus benefícios, como o aumento da autoestima, a melhoria na qualidade das relações e a diminuição de comportamentos passivos ou agressivos. A técnica DESC foi apresentada e situações hipotéticas foram usadas para que os participantes descrevessem suas resoluções de conflito por meio da descrição do acontecimento, expressão do sentimento, sugestão de soluções para o problema e consequência dos benefícios de mudança de comportamento. Por fim, os participantes foram convidados a compartilhar feedbacks sobre como foi a sessão.

Sessão 4

Título: Novos futuros

Tema: Violência e sexualidade

Tempo recomendado: 2h

- Como foi a semana? 10 min
- Revisão geral das últimas semanas : 15 min
- Revisão sobre Estresse de Minoria: 20 min
- Psicoeducação sobre comportamentos de equidade e responsabilidade nos relacionamentos: 20 min
- Dinâmica com histórias curtas: 15 min
- Psicoeducação sobre comportamentos de poder e controle nos relacionamentos: 20 min
- Dinâmica com histórias curtas: 15 min
- Finalização: 15 min

Propósito: Tratar dinâmicas de poder e controle e de equidade em relações íntimas e suas especificidades no mundo gay

Técnicas: Círculo do poder e controle e da igualdade; Histórias curtas sobre como se constroi um relacionamento abusivo e um equitativo e responsável.

Descrição da sessão: Nesta sessão, foi realizada uma revisão sobre Estresse de Minoria, com posterior apresentação do Círculo de Poder e Controle e do Círculo de Igualdade. A facilitadora contextualizou o uso das rodas como ferramentas psicoeducativas para identificar comportamentos de poder, controle, equidade e responsabilidade em relações íntimas. Em seguida, foi proposta uma dinâmica em grupo com histórias curtas ilustrativas, nas quais os participantes identificaram comportamentos presentes nas histórias que expressam dinâmicas de controle e poder ou de igualdade. Por fim, os participantes foram incentivados a dar *feedbacks* de como foi a sessão e a experiência na participação. Também foram esclarecidos os próximos passos, como a realização dos pós-testes, bem como agradecimentos e reflexões sobre a parceria durante as quatro sessões.